Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **José Cardoso Pires**

ANO 55.º / N.º 18938 4$00

SEGUNDA-FEIRA 29 DEZEMBRO 1975

DL

POLUIÇÃO EM CANAL

Há meses — editorial «DL» de 21 de Junho — referia-se aqui o ponto de saturação que os emissores tinham atingido com programas repetitivos e de baixa selecção.

Estava-se, na altura, em etapa de afirmação popular. A politização urgente e a aceleração das conquistas do socialismo provocavam um tipo ansioso de esclarecimento onde frequentemente se introduziam os oportunismos do *slogan* estrondoso e da canção demagógica.

Mas aos excessos de então respondeu a rádio de agora por inversão quase total. Da locução em mangas de camisa e do debate espontâneo, do plenário e da rua aberta, passou-se à emissão de estúdio ou ao exterior composto, à frequência «moderada» em que voltaram a fazer cartaz Amália Rodrigues, Hermínia Silva e outras vozes recuperadas da discoteca colaboracionista. Canções revolucionárias de qualidade — que as houve — só de raro em raro e, essas mesmo, selecionadas entre as menos directas, numa intenção definida de um pluralismo confortável.

Nesta nova onda da nossa Revolução a volta do quadrante foi tão longe que corre o risco de se identificar com a música de fundo do fascismo.

Nos canais da televisão o processo reconversor repete-se. Depois de muito estilo anárquico, de muito improviso — e também de excelentes e inesquecíveis programas pelo meio: os melhores que jamais passaram nos nossos écrans — os estúdios do Lumiar regressaram, em menos de um mês, ao tom engravatado, oficioso, do consulado Valadão, transformando-se em quase *flash-back* da velha ordem.

Nesse tempo sabíamos como a mentira e a censura ao serviço do anticomunismo fizeram da televisão um instrumento de tirania psicológica. Como, desesperados de persuadir, os seus «ideólogos» a transformaram numa máquina de agressão à inteligência média. Como, com esse massacre e a força da impunidade, ela procurava criar na multidão silenciosa um sentimento de frustração colectiva e de impotência.

A televisão tornou-se então terreiro de intolerância e de segregação pública, alienação

Continua na pág. 20

GOVERNO AINDA HOJE REVISTO E COMPLETO

(se o impasse não subsistir)

Em Belém voltam a encontrar-se esta tsrde com o Presidente da República e Primeiro-Ministro os representantes dos partidos presentes no Governo para uma reunião que, todos pensavam, seria a última de uma série tendo em vista a recomposição do VI Governo. Provavelmente por esse motivo é que a reunião de hoje foi marcada para antes da reunião do Conselho de Ministros e, segundo o consenso geral, este poderia já funcionar sob influência das alterações introduzidas, isto é, com os problemas da chamada recomposição resolvidos. Para isso contribuiria um fim-de-semana de contactos entre os três partidos que, pelo menos em teoria, deveriam avançar por si próprios na solução das divergências existentes. Receia-se, no entanto, que se tenha chegado novamente a um impasse ou a soluções de curta duração.

Ontem à noite P.S. e P.P.D. estiveram reunidos em local secreto até altas horas da madrugada, não sendo conhecidos os resultados concretos do encontro. Se para o P.S., maioritário no VI Governo, a substituição de nomes não parece ser problema muito premente desde que o Governo, no geral, funcione de acordo com a sua perspectiva política do momento, já o P.P.D. não pensa assim e uma das questões que levanta — a substituição do secretário de Estado do Tesouro — poderia mesmo, segundo certas fontes, levá-lo a abandonar o Governo, caso não fosse resolvida rapidamente.

Entre o P.C.P. e o P.S., que também tiveram encontros a nível particular, as maiores divergências surgem, naturalmente, em torno da Reforma Agrária e do secretário de Estado da Reestruturação Agrária, dr. António Bica. O ministro da Agricultura e Pescas, eng. Lopes Cardoso (P.S.), pretende ver afastado aquele elemento do P.C.P., ao que este partido se opõe frontalmente desde que António Bica seja substituído por outro elemento comunista. O P.C.P. tem a seu favor um importante peso político no Alentejo, mas o P.S., através de Sottomayor Cardia, acusou-o de ter praticado «uma política agrária repressiva e destruidora». Dado que uma Reforma Agrária não é feita para os agrários, mas sim contra eles e a favor dos que trabalham a terra, serão estes, em última nálise, que vão resolver a contradição, tornando em certa medida redundante tudo o que os vários partidos possam decidir sobre a matéria.

A criação de uma Secretaria de Estado da Habitação fora do Ministério do Equipamento Social é outro ponto de divergência entre o P.S. e o P.C.P., pois, segundo este, deixará de ter conteúdo o Ministério do Equipamento Social e Ambiente. A entrega deste cargo a um militar poderia ser uma forma de escapar a mais um contencioso entre os dois partidos.

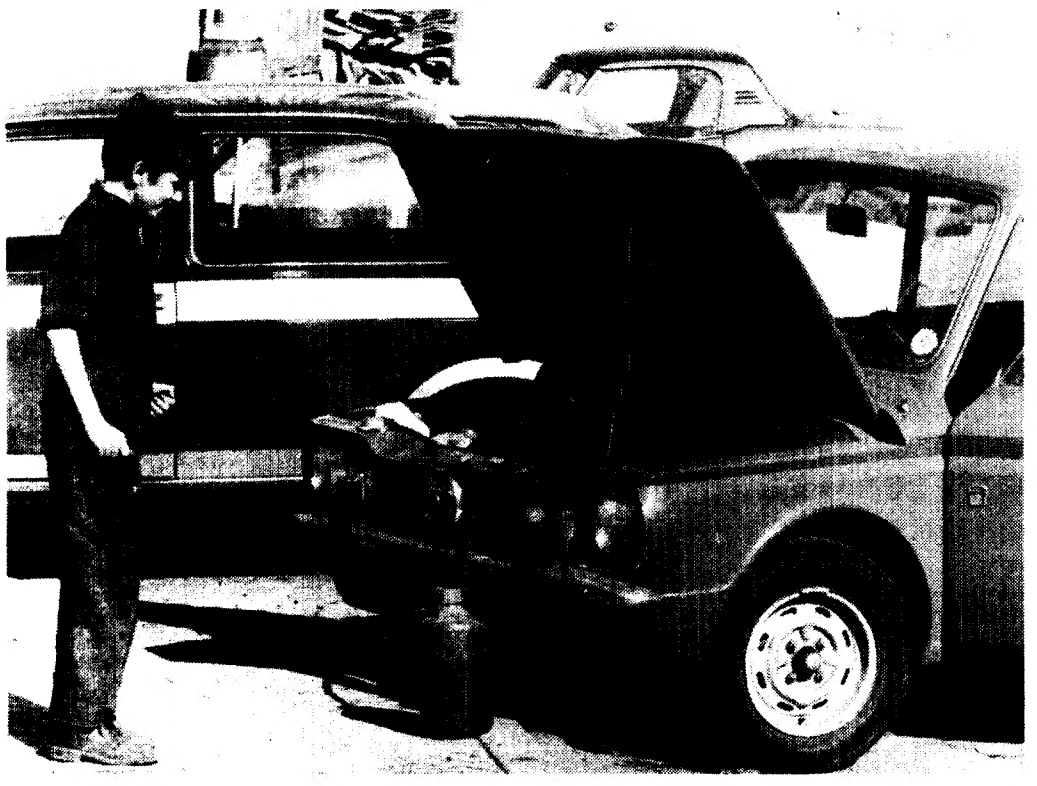
Em aberto, e ainda sob discussão, continuam as Secretarias de Estado do Turismo, Retornados e Condição Feminina. Nesta última o P.P.D. mostrou-se muito interessado. É de resto um assunto que já dta da formação do VI Governo, chegando a apontar-se os nomes de Helena Roseta e Maria Luís Salinas para o cargo.

Com a saída de Sá Borges do P.P.D. fica vA A PASTA DOS Assuntos Sociais, que o P.P.D. reivindica para si e que aliás ninguém contesta. Rui Machete deverá vir a ser o novo titular. Aguarda-se, portanto, com natural expectativa a reunião desta tarde, que pode simplificar muitas coisas ou prolongar uma crise de imprevisíveis consequências.

METALURGICOS EM BELÉM

A Federação dos Metalúrgicos tem audiência esta tarde com Costa Gomes. Em agenda um protesto pelo que qualifica de "ingerência do Governo" na vida sindical.

(Pág. 20)



TIMOR: BANDEIRA ARREADA

. A bandeira portuguesa deixou de flutuar na ilha de Ataúro, tendo sido substituída pela da Indonésia, anuncia em agência Reuter num despacho de Darwin. Citando a Rádio Dili, aquela agência acrescenta que a substituição se processou ontem no seguimento de uma decisão do actual Governo provisório pró-indonésio, chefiado por Arnaldo dos Reis Araújo. A bandeira da Fretilin foi igualmente substituída pela da Indonésia na cidade de Dili, onde flutuava desde a declaração unilateral da independência por aquele movimento, algumas semanas atrás.

Recorda-se que a administração colonial portuguesa em Timor-Leste fora deslocada para Ataúro em Agosto último, depois dos primeiros actos de violência resultantes dos confrontos armados que na altura eclodiram entre a Fretilin e os movimentos rivais, o M.A.C./U.D.T. e a Apodeti.

Em 7 deste mês, os movimentos pró-indonésios, com apoio militar maciço deste país, reconquistaram a cidade de Dili, depondo o auto-proclamado Governo da Fretilin, e iniciado a integração da colónia portuguesa no país vizinho.

No cumprimento das resoluções adoptadas pelo Conselho de Segurança, condenando a intervenção militar da Indonésia e decidindo pelo envio de uma missão de inquérito ao Timor-Leste, o secretário-geral da O.N.U., Kurt Waldheim, nomeou o director-geral da sede europeia da O.N.U. em Genebra, Vittorio Winspeare Guicciardi, como seu representante pessoal na disputa sobre Timor-Leste.

20 PÁGINAS

Portugal, responsável pela administração do território, deu já o seu acordo à nomeação.

Um anúncio formal é esperado após a aprovação semelhante ser recebida da Indonésia.

Vittorio Guicciardi, de 63 anos, diplomata italiano, que tem chefiado a sede em Genebra da O.N.U. desde Julho de 1968, deverá deslocar-se a Timor no princípio do próximo ano na sequência de consultas na sede da ON.U., em Nova Iorque.

O secretário-geral deverá seguidamente apresentar um relatório ao Conselho de Segurança sobre o modo de solucionar a disputa.

Enquanto isto, em Djacarta o ministro dos Negócios Estrangeiros da Indonésia, Adam Malik, negou, novamente, que

Continua na pág. 20

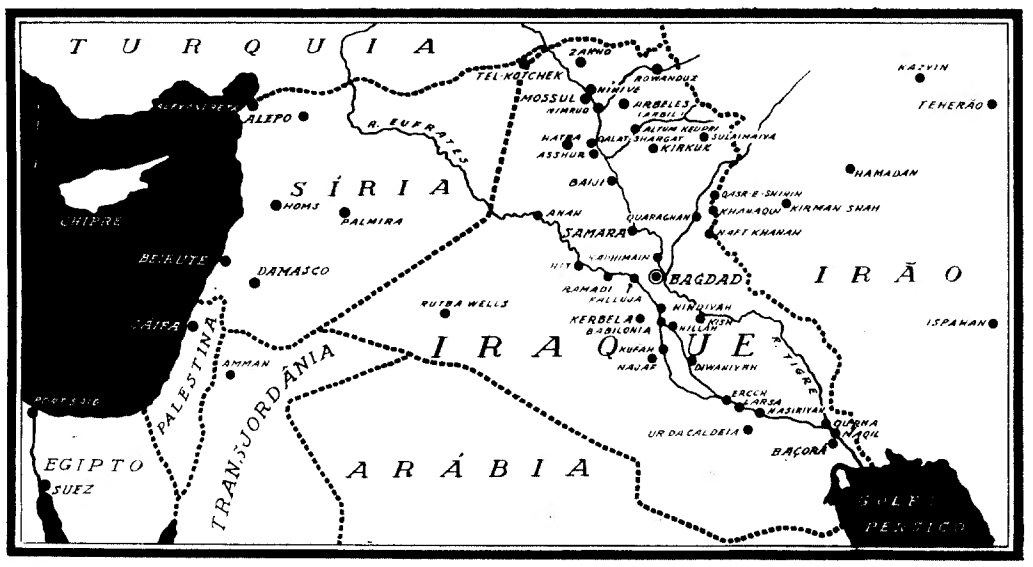
Muito provável ainda este ano: gasolina mais cara

. É muito provável que os novos preços da gasolina entrem em vigor ainda este ano, exactamente no último dia, e não a 1 de Janeiro, conforme indiciava o comunicado do Conselho de Ministros que nesse sentido legislou.
Ao contrário do que noticiava um matutino de Lisboa na sua edição de hoje, a Sacor ainda nao recebeu o despacho assinado pelo secretário de Estado da Indústria e Tecnologia.

O responsável pelas relações públicas daquela companhia, contactado esta manhã pelo nosso jornal, garantiu-nos não estar programada para amanhã a aplicação dos novos preços, por não terem sido ainda recebidas instruções nesse sentido, nem o ter chegado à Companhia o despacho ministerial que permitirá o mesmo aumento.

«E absurdo pensar-se» adiantou-nos — «que já vamos cobrar o aumento amanhã, uma vez que os novos preços terão que contemplar todas as companhias exploradoras. No entanto é natural que da reunião do Conselho da Administração (que decorria na sede da Sacor ao fim da manhã) ressaltem medidas tendentes a tal, se entretanto nos chegar o documento oficial da Direcção-Geral de Energia».

Nacional



Com um único acesso ao mar pelo Golfo Pérsico (Árabe), o Iraque tem grandes reservas de petróleo e não menos significativas carências tecnológicas.

Melo Antunes no Iraque

Boas trocas em perspectiva

BAGDAD, 29 — (Especial para o «DL») — O major Melo Antunes e os demais membros componentes da delegação portuguesa que está no Iraque tiveram nesta capital, um domingo de trabalho.

Os contactos oficiais começaram cedo. Já ao princípio da manhã o ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal esteve reunido com o seu homólogo iraquiano, Saadoun Hammadi, quando foram debatidos, a todos os níveis, problemas relacionados com assuntos de cooperação entre os dois países. Nesta reunião, que decorreu a portas fechadas, foi assinalada, entre outras coisas, a necessidade de estabelecimento de representações diplomáticas a nível de Embaixada, dentro de um curto prazo. Após este encontro, e acompanhado pelo brigadeiro Franco Charais, o major Melo Antunes esteve no Palácio Presidencial, onde ambos assinaram o Livro de Honra.

Os restantes membros da delegação portuguesa dividiram-se em dois grupos: um, para a Indústria e Tecnologia; outro, para o Comércio. As reuniões de trabalho iniciaram-se também na manhã de ontem e, segundo declarações dos membros da delegação portuguesa, estão a decorrer num clima de abertura total, onde é digno de nota o interesse do Governo iraquiano em estabelecer laços económicos com Portugal. E, neste momento, diversas necessidades do Iraque podem ser correspondidas imediatamente por Portugal, nomeadamente no domínio da indústria farmacêutica, produtos alimentares, químicos, adubos, construção civil e naval, material ferroviário, madeiras, equipamento electrotécnico, material basculante, máquinas têxteis, bicicletas e maquinaria ligeira electromecânica. Um dos objectivos das negociações será o estabelecimento de um sistema de exportação que compense as importações portuguesas do Iraque que incidem, substancialmente, no petróleo.

PETRÓLEO

Muitas das respostas poderão ser dadas mesmo durante esta visita, pois a delegação portuguesa, além do major Melo Antunes e do brigadeiro Franco Charais, é constituída pelos secretários de Estado do Comércio Externo, Investimentos Públicos, Energia e Minas e por técnicos da Setenave, Sorefame, Sacor e Banco Português do Atlântico. A presença de elementos ligados à Energia e Minas visa a preparação da compra de petróleo bruto e o estabelecimento de possibilidades de o mesmo vir a ser refinado em Portugal.

Pelo seu lado, os técnicos em Investimentos Públicos estudarão a hipótese de serem aplicados capitais do Iraque em Portugal. Nos últimos cinco anos a venda de produtos portugueses para o Iraque fixou-se na ordem dos dois mil contos, obtidos quase exclusivamente na exportação de madeiras e explosivos.

Todos estes contactos, além do significado económico, apresentam uma perspectiva muito grande para Portugal, uma vez que deles poderão resultar o estabelecimento de novos laços com o Terceiro Mundo e ainda a possibilidade de o nosso país vir a tornar-se uma ponte de contactos entre a Europa e toda esta zona.

A nível de Informação foi revelado que a agência noticiosa do Iraque — INA — pretende estabelecer uma base em Portugal brevemente.

Ao princípio da noite, o major Melo Antunes esteve reunido com o ministro da Indústria do Iraque, num encontro que se baseou em aspectos de mútua cooperação. Após esta reunião, Melo Antunes e a delegação portuguesa estiveram presentes numa recepção no clube do Ministério dos Negócios Estrangeiros, que contou com a presença de diplomatas acreditados no Iraque e de Saadoun Hammadi.

Para hoje as previsões indicam a continuação das conversações nos domínios do Comércio, Indústria e Petróleo. Espera-se que o brigadeiro Franco Charais seja recebido pelo ministro da Defesa e por outros oficiais generais das Forças Armadas iraquianas.

Antes do passeio pelo rio Tigre, proporcionado à delegação portuguesa pelo Governo do Iraque, Melo Antunes deverá conceder uma conferência de Imprensa aos jornalistas estrangeiros, correspondentes em Bagdad.

Problemas da Reforma Agrária debatidos em Évora

«É indispensável não perder as conquistas alcançadas, uma vez que todo o poder económico que pertencia aos agrários está presentemente na posse dos trabalhadores rurais, que além da terra que trabalham presentemente, devem tomar posse das unidades industriais que, directa ou indirectamente, trabalham para a agricultura». Estas palavras foram proferidas pelo secretário de Estado da Estruturação Agrária, dr. António Bica, durante uma reunião com cerca de 400 delegados de herdades colectivas e cooperativas agrícolas de todo o Sul do País, que ontem decorreu em Évora. Presente também o comandante da Região Militar do Sul, brigadeiro Pezarat Correia.

Durante o encontro, que durou cerca de dez horas, foram abordados os problemas com que se debatem as herdades e cooperativas, designadamente o deficiente escoamento dos seus produtos a diferenciação de salários de umas para as outras, questões de administração, créditos e apoio técnico.

Relativamente à produção foi sublinhado que esta aumentou relativamente aos anos de 1973 e 1974. Dos números apresentados, salientam-se os seguintes: enquanto em Aviz, em 1974 foram semeados 450 000 quilos de trigo, em 1975 foram já semeados 1 200 000 quilos. Nas freguesias de Alcorrego e Maranhão foi semeada uma área três vezes maior de aveia; quanto à cevada dística, que habitualmente era semeada uma ordem de 5000 quilos, este ano semearam-se 30 000 quilos. Em Campo Maior, foram já levantadas pelas novas unidades colectivas de produção, sementes em quantidade que é 50 por cento maior que o ano passado.

Os trabalhadores agrícolas presentes manifestaram-se profundamente preocupados com «as manobras da reacção e também com os falsos plenários nacionais de agricultores em Rio Maior, com as exigências e ameaças contra-revolucionárias aí feitas por grandes agrários e outros reaccionários e acrescentaram: «Rio Maior passou a ser um dos centros importantes da conspiração contra a reforma agrária e contra a democracia. Aí, altos dirigentes do C.D.S. falam com a moca na mão e ameaçam invadir o Alentejo, ameaçando empurrar trabalhadores alentejanos até ao mar, deixando-os morrer por morte natural.»

Numa moção final, os trabalhadores sublinharam: «São falsas as afirmações que certas personagens fazem na televisão sobre os agricultores», acrescentando: «naturalmente referem-se à terra que foi roubada aos 300 mil pequenos agricultores do Norte, Centro e Sul durante os 48 anos de fascismo. Neste caso, nós também concordamos».

Pezarat Correia, durante a sua intervenção, disse que estava com a Reforma Agrária e que lhe dará todo o apoio possível.

Distribuição petrolífera a partir do Entroncamento

O Governo aprovou a escolha da região do Entroncamento para construção de uma instalação intermédia de armazenagem e distribuição de produtos de petróleo, sendo o abastecimento desta instalação e o do interposto de Faro feito por via ferroviária. Um despacho dos ministros da Indústria e Tecnologia e dos Transportes e Comunicações inserto no Diário do Governo, torna pública a decisão.

Foi deliberada a constituição de um grupo de trabalho que funcionará sob a presidência da Direcção-Geral dos Combustíveis e terá representantes das empresas nacionalizadas do sector petrolífero e da C.P. Este grupo procederá ao estudo e localização das restantes instalações intermédias, devendo apresentar dentro de noventa dias um relatório sobre o estudo a fazer em todo o território continental com vista à penetração no interior do País, tendo em conta o máximo aproveitamento das potencialidades do caminho de ferro.

Também um despacho conjunto daqueles membros do Governo determina que a construção dos entrepostos de combustíveis de Faro e do Entroncamento seja da responsabilidade da Empresa Pública de Petróleos (em constituição), a qual deverá assumir a sua exploração, consoante os prazos exigidos pela programação geral do empreendimento ferroviário de Sines.

COZINHA VELHA

QUELUZ — TEL. 950232

DIA DE ANO NOVO — ALMOÇOS E JANTARES COM EMENTA ESPECIAL

Atendendo às inúmeras marcações já confirmadas agradecemos aos nossos Ex.mos Clientes a urgência para as suas reservas.

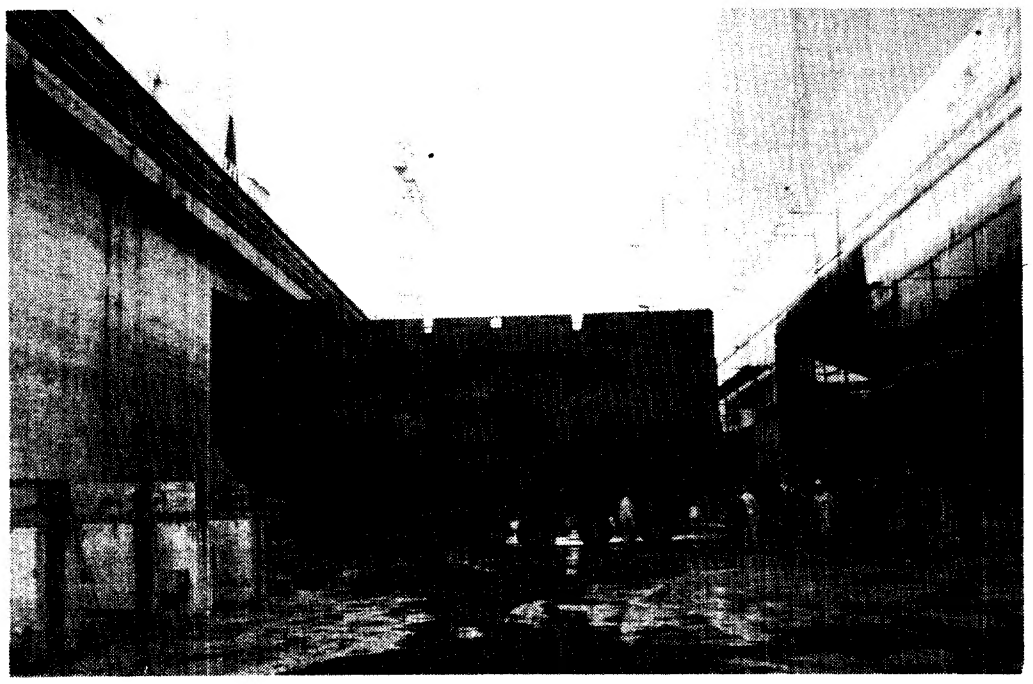
Contra a especulação no ramo do calçado

A Secretaria de Estado do Abastecimento e Preços avisa os comerciantes de calçado de que devem tomar em consideração a lei em vigor, praticando obrigatoriamente o determinado pelo Decreto-Lei n.º 42204/57.

Este departamento salienta, no seu aviso aos comerciantes do ramo, que será muito útil contactarem imediatamente a Direcção-Geral da Fiscalização Económica, em todas as capitais de distrito, para saberem exactamente quais os seus encargos gerais.

Chama-se a atenção para o facto de a antiga Inspecção-Geral das Actividades Económicas admitir, como critério na comercialização de calçado, uma margem de lucro bruto de 36 por cento sobre o preço da factura do produtor. Esse critério contraria frontalmente o disposto pela lei em vigor, pois, segundo o Decreto-Lei n.º 41 204/57, constitui crime de especulação a venda de produtos ou mercadorias com margem de lucro líquido superior a 10 por cento nas vendas por grosso e de 15 por cento nas vendas a retalho.

Os encargos gerais terão de ser demonstrados contabilisticamente às Brigadas de Fiscalização Económica quando estas os solicitarem aos comerciantes.



A Lisnave vai reparar 30 navios japoneses

A Lisnave assinou um importante contrato com a empresa japonesa Sanko Lyne para a reparação no próximo ano de toda a sua frota em tráfego para a Europa, que é constituída por cerca de 30 navios de grande tonelagem (entre 70 mil e 250 mil toneladas).

Com este contrato, que representa cerca de 20 por cento da reparação total realizada este ano, a LISNAVE prepara-se para vencer a fase de recessão que atravessou este ano. De referir que os níveis de assistência que lhe eram normais andavam à volta de 200 a 250 navios/ano, tendo em 1975 reparado menos 100 unidades do que a média habitual.

Acordo financeiro com a R.F.A.

O Ministério dos Negócios Estrangeiros fez publicar no «Diário do Governo» o aviso que torna público ter sido assinado em Lisboa um acordo entre o Governo da República Portuguesa e o Governo da República Federal Alemã sobre ajuda financeira.

O texto do acordo, também publicado na folha oficial, respeita a empréstimos até ao montante de 70 milhões de marcos alemães para financiamento de investimentos diversos.

"Diário de Notícias"

Completa hoje 111 anos de publicação o nosso prezado colega «Diário de Notícias», agora dirigido por Victor Cunha Rego e Mário Mesquita. A todos os trabalhadores da empresa proprietária apresentamos as nossas saudações.

Em ÁGUEDA, o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na Agência Conde — Rua Luís de Camões

post scriptum

Gasolina ou não, eis a questão!

Auncia-se o aumento de gasolina em 5$00 por litro. Muito bem! Acontece que não tenho carro, mas, se o tivesse, sugeriria ao Governo que o Estado pagasse mesmo preço, 17$50, ou mesmo 12$50, por todas as viaturas que estão ao seu serviço, e que em todas as bombas de abastecimento público ou privado todas as entidades (mesmo os oficiais do Exército ou da Armada, ou funcionários dos ministérios) fossem proibidos de gozar os privilégios que actualmente têm.

Também deveria ser absolutamente proibido o abastecimento, nos quartéis, de viaturas particulares da oficialidade e de muitos dos seus amigos, como hoje acontece.

O Estado é o Povo, é a Nação e os dinheiros de todos nós. Seria bom, portanto, que o Estado desse o exemplo e, então no fim do ano, entrariam mais alguns milhões de contos para os cofres do Estado e todo o «Zé» ficaria contente.

Esta coisa de se pedir sacrifícios ao «Zé Povinho», enquanto outros gozam de benefícios, não está bem! Ou há moralidade... ou então uns comem os figos enquanto a outros lhes rebenta a boca.

Mas há mais: enquanto os familiares dos oficiais e de outros privilegiados se abastecem de géneros a baixo preço nas manutenções e cantinas militares, o mesmo «Zé pagante» paga, pela tabela de qualquer mercearia, preços mais altos pelos mesmos produtos.

Isto já assim era no tempo da outra senhora, onde além dessa da manutenção, havia ainda uma cantina da Brigada Naval fascista, onde tudo era mais barato.

Mais uma vez: uns comem figos enquanto a outros lhes rebenta a boca!

Nem parece que todos somos portugueses e que todos trabalhamos para o engrandecimento do mesmo País!

Filipe Portugal — LISBOA

O povo que encheu o Terreiro do Paço...

Os órgãos de Informação que estavam com as classes trabalhadoras, caso do «Diário de Notícias», passam a órgãos oficiais de partidos burgueses e, neste caso, do Partido Socialista, que descaradamente não só assalta o jornal como promove o saneamento de conhecidos jornalistas antifascistas. Pergunta-se: até quando vão estes senhores brincar com as massas populares e abusar da paciência delas? Ou esquecem-se que o povo que encheu o Terreiro do Paço na grandiosa manifestação unitária de Novembro passado, nada tem a ver com o golpe que a direita levou a cabo no 25 de Novembro? Saberemos esperar como sempre o temos feito, mas havemos de responder a estas questões. O povo não desiste.

Maria Arminda Seara Dengucho — Marinha Grande

Usar o nome do povo açoriano em vão...»

Sou açoriano que reside de há muito em Lisboa, mas, embora distante, não perdeu de vista a sua terra natal. Daí que com enorme surpresa tenha lido notícias tão diversas sobre a natureza dos acontecimentos registados nas ilhas. Desde um senhor do P. P. D. que declara a jornalistas que o seu Partido nunca hostilizou os separatistas, e que as «vitórias» agora alcançadas se devem em parte à FLA (!), incluindo uma entrevista com um responsável por este movimento terrorista, tudo tem sido dado à estampa neste país.

A questão é que ninguém duvida que o separatismo não é mais do que uma camuflada entrega ao capitalismo. Pelo que conheço das ilhas e do povo açoriano, afirmo que têm usado e abusado o seu nome em vão. As condições de vida são tão precárias, o analfabetismo tem uma taxa tão elevada, o obscurantismo é aflitivo, e, no meio disto tudo reina o pároco e o patrão. Se alguém continua enganado, é o povo dos Açores. Não acredito que os meus conterrâneos, depois de terem servido Portugal, queiram continuar a servir os senhores dos Estados Unidos.

Lembro que à base das Lajes e aos americanos que lá prestam serviço, se deve o aumento de prostituição e da miséria.

Um açoriano (identificado) — Lisboa

Lisboa, cidade mais fria da Europa...

Há já dois anos que vivo na Alemanha (Francoforte) e vim passar a quadra do Natal a Lisboa, agora, pela primeira vez depois da minha ausência. O que me espanta, além de outras mudanças, é o muito frio que faz por cá, o que me leva a dizer que Lisboa é a cidade mais fria da Europa. Digo isto porque embora na Alemanha nesta quadra o termómetro ande abaixo de zero, nunca há tanto frio nas casas, nos cinemas, nos cafés, nos transportes públicos, como aqui, pois as cidades estão preparadas para o frio e há aquecimento por toda a parte. Como há a «lenda» do eterno Verão português, continua a considerar-se Lisboa como uma cidade primaveril e assim temos todos de alegremente bater o queixo por toda a parte. Inclusive, verifiquei que nem sequer há cá o sistema de aquecimento central à base de circulação de água quente, como é obrigatório em todas as casas na Alemanha.

Tudo isto me parece mais desleixo do que outra coisa, e não seria de mais que a Câmara exigisse dos arquitectos que preparassem instalação de aquecimento central em cada novo prédio, além de ser obrigatório o aquecimento em lugares públicos.

Mário Pereira Moutinho — Lisboa

CAPACETES AZUIS NO GOLAN

3. DESMILITARIZAÇÃO OU ESCALADA?

MICHEL TATU

Um importante meio que tem Israel de assegurar a segurança, após a condução de um tratado de paz, é pedir a desmilitarização mais ou menos completa dos territórios restituídos. Ora, este é um dos assuntos menos discutidos em Israel: oficialmente porque as pessoas *não acreditam*, e, por exemplo, as pequenas zonas desmilitarizadas previstas pelos acordos de armistício de 1949 na fronteira com a Síria foram sempre violados por uns e por outros. No entanto, este cepticismo contradiz a insistência dos militares israelitas em conservar o máximo de pontos de observação avançados no Golan, estações de alerta nas gargantas do Sinai, etc. Se, apesar dos métodos modernos de detecção, toda a gente pudesse impunemente fazer batota, para quê procurar ver o que se passa?

. É certo que a falta de interesse pela desmilitarização não data de ontem. Num dos raros estudos publicados sobre o assunto, Yair Evron lembra que em 1957, no momento da primeira evacuação do Sinai, o Governo israelista não pedira a desmilitarização do território, nem anunciara que a entrada em massa do exército egípcio do longo das fronteiras do Neguev constituiria um *casus belli*: só era assim considerado o bloqueio do estreito de Tiran — que ocorreu em 1967 — e a entrada de exércitos árabes na Jordânia. No entanto, o Sinai foi de facto desmilitarizado pelo Egipto durante quase dez anos, de 1957 a 1967. Um pouco antes da Guerra dos Seis Dias, antes de para lá enviar o grosso do exército, Nasser só ali mantinha uns duzentos e cinquenta carros de combate, o que permitira a Israel imobilizar somente na sua fronteira sul um batalhão e algumas dúzias de carros.

Não é difícil imaginar que uma desmilitarização total do Sinai fará igualmente parte da paz. Este deserto é essencialmente uma zona-tampão entre o Egipto e o seu vizinho de Leste, seja ele qual for, e não se vê porque seria necessário concentrar aí todas as tropas, a não ser com intuito agressivo. O presidente Sadate, diz-se no Cairo, está pronto a aceitar, no momento oportuno uma desmilitarização pelo menos parcial da zona e, de resto, este último acordo israelo-egípcio já foi um passo nessa direcção: as forças egípcias do leste e do Canal são limittadas, e o sistema de inspecção realizado na região das gargantas poderia prefigurar o controlo futuro do conjunto: a um tempo inerte (com os «sensibilizadores» electrónicos) e móvel, internacional — porque os americanos presentes poderiam ser completados ou substituídos por outros contingentes fornecidos pela O.N.U. — e nacional, visto que os israelianos pedem em todas as condições para conservar um ou vários postos de observação, tal como o de Oum — Khashiba.

No Cairo algumas pessoas preferiam que essas estações nacionais fossem substituídas por patrulhas mistas israelo-egípcias; mas parece de admitir que a presença de inspectores israelianos seja compatível com a soberania egípcia, sobretudo se ela se encontrar no Néguev com uma presença, pelo menos simbólica, de inspectores egípcios.

Uma experiência de armamentos limitados primeiramente tentada entre o Egipto e Israel, não foi, é certo, feliz. O avanço, para o Canal, durante o ano de 1970, das baterias de mísseis Sam, violando assim o entendimento ocorrido sob a égide de Rogers, e que pôs fim à guerra de usura, ofereceu às tropas egípcias a cobertura anti-aérea que lhes permitiu atravessar o canal três anos depois. Mas seria mais fácil controlar uma desmilitarização do deserto, por exemplo a Leste das gargantas do Sinai sobre tudo se essa desmilitarização for quase total e proibir a construção de grandes aeródromos, depósitos e outras coisas que permitem o desenvolvimento de um exército. Em caso de violação Israel disporia de tempo bastante para mobilizar, e militarmente, não teria dificuldade em recuperar, pelo menos, a parte do Sinai próxima das fronteiras.

Os mesmos princípios deveriam aplicar-se ao Golan, mas de modo ainda mais rigoroso, visto a zona não ter grande espessura. A interdição de toda e qualquer construção militar, poderia ser acompanhada pela manutenção de obras defensivas que proíbem ou refreiam toda e qualquer penetração hostil, tais como as fossas antitanques já cavadas pelos israelitas. Estes estariam também no direito de exigir a manutenção de postos de observação, paralelamente a uma inspecção internacional forçosamente mais aleatória. Claro que o presidente Assad não parece pronto a aceitar todas essas condições (de momento só aceita a ideia de encarar uma desmilitarização se for desmilitarizada uma zona idêntica do lado israeliano), mas ser-lhe-há difícil recusar as concessões no dia em que tiver na sua frente um Governo pronto a restituir o Golan e não a multiplicar dentro dele as colónias judaicas.

NENHUMAS ARMAS ÁRABES NA CISJORDÂNIA

O problema do estatuto militar do eventual Estado palestiniano criado na Cisjordânia e em Gaza, não pode ser abordado nos mesmos termos, porque, a menos que este Estado não seja integrado na Jordânia — solução que tem a referência de Rabin — ele quererá naturalmente ter as suas forças armadas, sob pena de vir a ser condenado a Estado dependente. Em todo o caso, o milhão de árabes que vivem nestas duas zonas, não podem representar uma ameaça militar para os três milhões de Israelitas, apesar da imbricação das fronteiras. As «pombas», israelias como, por exemplo, o antigo general Peled preconizam pois uma solução intermédia: as forças do Estado palestiniano não seriam limitadas, mas este não receberia no seu solo o exército de outros Estados árabes. Em caso de violações facilmente detectáveis, por exemplo por postos de observação nacionais ou internacionais junto às pontes do Jordão — Israel faria saber que veria nisso um *casus belli* e não teria decerto dificuldade em retomar o controlo do território até ao Jordão.

Nada indica ainda que os Árabes estejam «maduros» para aceitar todas estas condições que implicam principalmente uma evolução radical da filosofia do O. L. P.

3. A DISMILITARIZAÇÃO OU A ESCALADA

Mas hoje elas ainda são mais teóricas devido à recusa dos dirigentes israelitas em preencher a restituição dos territórios ocupados e até de precisar que fronteiras queiram conservar. Porquê uma tal recusa? Não prova, como por vezes é indicado, que a opinião israelita *só esteja disposta a aceitar concessões aos poucos*. As sondagens provam que uma boa parte da população está disposta a renunciar aos territórios em troca da paz, e, de resto, a prudência em que se refugia o Governo, leva menos às concessões do que aos sobrelanços dos «ultras».

Outro argumento segundo o qual uma declaração de não-anexação seria contrária ao princípio tradicional das negociações incondicionais e levaria os árabes a pedir sempre mais, também não é convincente: nada impede Israel de converter devidamente em moeda os penhores que detem. Mas seria preciso aceitar uma tal ideia.

A CAMINHO DOS ARMAMENTOS NUCLEARES?

O outro ramo da alternativa não pode ser (uma vez passados os efeitos benéficos e provisórios do último acordo israelo-egípcio), senão o regresso ao estado de nem guerra nem paz que se conheceu entre 1967 e 1973, e, consequentemente, um novo regresso dos árabes à guerra.

Claro que uma tal perspectiva será excluída antes das eleições americanas e, mais provavelmente, antes dos anos 1978 ou 1979, em consequência da atitude moderada do presidente Sadate e das insuficiências do Egipto em matéria de armamento. Claro que a Síria também não pode fazer a guerra sozinha. O seu armamento não é, diga-se o que se disser, senão ligeiramente superior em quantidade ao que previa em Outubro de 1973, enquanto que o de Israel aumentou consideravelmente. Mas tudo indica que um novo conflito seria mais perigoso no plano internacional e mais mortífero para as populações civis. Estas foram relativamente poupadas há dois anos, mas a Síria nem por isso deixou de tirar alguns mísseis do subsolo nos kiboutzim israelianos, o que levara Israel a exercer severas represálias contra a economia Síria e contra Damasco. Desde então, a Síria recebeu mísseis soviéticos Scud de grande alcance (nove a doze, segundo os peritos de Jerusalém) e Israel quer obter foguetões americanos Pershing (de alcance ainda maior).

No fim de contas, a ameaça vem da escalada nuclear. Cada vez se fala mais abertamente disso nos meios especializados, visto o fabrico de armas atómicas por Israel (principalmente no vasto complexo — severamente guardado — perto de Dimona, na estrada do mar Morto) tornou-se um segredo de Polichinelo, ventilado mesmo por Colby, director da CIA Fala-se também desse fabrico nos meios governamentais, em Jerusalém, visto que, segundo uma declaração de Rabin feita na conferência sobre a guerra de Outubro, se assiste a um *esforço não declarado dos países árabes para fabricar ou obter armas nucleares*.

O chefe do Governo israeliano apressa-se a acrescentar que *as forças principais em presença no conflito manter-se-ão clássicas no decurso dos cinco ou dez próximos anos*. Mas, precisamente, quais são as forças *não principais* e o que acontecerá findo esse prazo? Ora, a passagem para a arma nuclear será o simples início de uma longa escalada.

Seriam necessárias a Israel muito mais armas do que os seus vizinhos reunidos, para os dissuadir de se lançar numa aventura, enquanto que a temeridade de um só desses vizinhos bastaria para destruir o Estado judeu.

A SEGUNDA POSSIBILIDADE DE ISRAEL

À falta de uma organização de conjunto, as perspectivas a longo termo são pois bastante sombrias, mas as de a curto termo não o são menos. O Estado judeu dispõe hoje de 22 biliões de libras israelianas para a sua defesa, portanto vinte vezes mais do dinheiro de que dispunha em 1966 e quatro vezes mais do que em 1972. A parte do orçamento militar no produto nacional bruto passou, em dez anos, de 10,8 a 26,8 por cento este ano. A América financia 42 por cento desse mesmo orçamento e as compras de armas aos Estados Unidos triplicaram no decurso do últimos três anos.

Durante quanto tempo continuarão os Estados Unidos a *pagar 2 biliões de dólares por ano a fim de perpetuar um impasse, comprando os combatentes com os fundos de um tesouro americano em dificuldades?* Escreveu James Reston. Conciente de que um novo conflito aumentaria ainda a escalada, e, um dia, no limiar da guerra nuclear, faria entrar os soviéticos na região ou até no próprio Egipto, provocaria novo embargo petrolífero e criaria novas dificuldades com os aliados europeus, não irá Washington pedir ao seu protegido que reduza as pretensões?

. Em todo o caso, a política dos passos pequenos em breve será antiga, visto os actuais dirigentes de Jerusalém não encararem outra retirada que não seja a simbólica retirada do Golan. Ora não há contrato conjunto sem o da questão dos territórios ocupados: a guerra dos seis dias mostrou tão bem aos Árabes os perigos de uma «dança do escalpe» feita de modo irresponsável em redor do Estado judeu, como a de 1973 deveria convencer Israel de que não há paz sem um regresso às fronteiras de 1967.

Ao mesmo tempo, essa guerra restabeleceu o equilíbrio militar e psicológico entre os beligrantes, e ofereceu condições favoráveis a um acordo, condições essas que tão depressa não se encontrarão na região. Já em 1947, como o diz Nahum Goldmann; Isarael teve a sorte de nascer no *último instante*, quando o período colonial chegava ao seu fim: quinze anos mais tarde não haveria na ONU uma maioria que resolvesse a partilha da Palestina contra a vontade unânime do árabes. Hoje, o Estado judeu tem uma séria «chance» de ser admitido pelos vizinhos, aproveitando uma conjunção de dirigentes árabes moderados, uma boa situação militar, a protecção americana, e aquilo que no Leste-Oeste subsiste de serenidade. Saberá ele aproveitar essa segunda possibilidade e resolver fazer os sacrifícios necessários?

© *Le Monde*

Nacional

Portugal: que futuro? (6)

Ou se faz a Revolução Socialista ou virá o fascismo que virá — afirma o P.R.P.

Do ponto de vista político e económico, que perspectivas se abrem actualmente ao País?

Eis a pergunta que o Diário de Lisboa tem vindo a desenvolver junto aos Partidos, agrupamentos e organizações políticas portuguesas mais representativas, a fim de dar aos seus leitores uma visão global do contexto político português no que diz respeito ao presente e, tanto quanto possível, no que se refere ao evoluir da situação.

Após a publicação, em números anteriores, das respostas do MDP-CDE CDS, PCP, PS, MES, UDP, PPD, GIS, LCI e dissidentes do PPD publicamos hoje, para terminar esta série de depoimentos, as posições do Partido Revolucionário do Proletariado e da Frente Socialista Popular.

Para o PRP a resposta à nossa pergunta é esta:

«É impossível fazer uma previsão do que se vai passar em Portugal nos próximos meses, sem analisar, antes de tudo, a situação económica que tem sido desde sempre a grande determinante da evolução da situação política.

«Tal como já o tínhamos previsto em 25 de Abril de 1974, não era possível que em Portugal se estabilizasse uma democracia burguesa e isso porque a situação económica do País o não permitia. Infelizmente, muito poucas organizações políticas, que se reclamam do marxismo, começaram por fazer essa coisa elementar que era analisar a situação económica, e por isso embarcaram na ilusão de que a situação evoluía para a estabilização em democracia, com todas as consequências que tal atitude impos ao nível da táctica, que se tornou por isso oportunista, e que dividiu a classe operária.

«Hoje, neste final de 1975, começo de 1976, e com todas as consequências do golpe inimigo do 25 de Novembro, os dados da situação económica são uma verdade dura para qualquer regime, seja ele de fascismo ou de revolução socialista. No primeiro caso, serão os trabalhadores a roer o osso da miséria, no segundo caso, os sacrifícios serão distribuídos por todos — a razão para que a luta de classes se agudize e se radicalize nos meses que se seguem. Ambas as classes, o proletariado e a burguesia, sabem o que as espera, num caso e no outro.

«Neste momento se pode dizer que as reservas em divisas chegaram ao fim, na medida em que as que se estão a gastar durante estes últimos dias de 1975 correspondem já a dinheiro reservado a pagamentos a prazo, em relação aos quais há compromissos. Mas, mesmo este dinheiro chegou ao fim. Prevê-se para 1976 uma despesa de compra ao estrangeiro, em bens de primeira necessidade (só alimentares), correspondente a 28 milhões de contos. O Governo vai, portanto, começar a negociar o ouro, para que o País possa comer, negociação essa que se faz com todas as limitações políticas a que está sujeito um País que tem sido joguete de todas as chantagens. Como se calcula, utilizar o ouro «para comer» é um crime económico, pois ele poderia ser utilizado em investimentos que dariam postos de trabalho e criariam riquezas.

«Por outro lado, os anunciados empréstimos de países estrangeiros têm sido adiados de mês para mês e o empréstimo da Alemanha, aliás pequeno, destina-se à compra de produtos alemães... Como é natural, os países do imperialismo não vão fazer empréstimo para investimentos num país que ainda não lhes oferece segurança. Por outro lado, também não vão ter, ao nível dos empréstimos para a aquisição de produtos, a largueza de quem faz caridade pública na medida em que a crise do capitalismo a nível mundial os obriga a repensar a sua política de empréstimos.

«Consequentemente, a situação é catastrófica. Tal facto é bem conhecido do imperialismo, da direita portuguesa e do Governo. Mas todos eles farão grandes esforços para «aguentar» as coisas até às eleições e têm boas razões para o fazer, uma vez que estas trarão a vitória à direita. As forças reaccionárias, as autoras do golpe do 25 de Novembro, vão tentar manter a situação actual até essa data. Tentarão também ganhar tempo para constituir e organizar um corpo repressivo, que ainda não possuem, especialmente uma polícia política. Por outro lado, contam com uma vitória eleitoral do PPD e do CDS, o que lhes pode legitimar um golpe constitucional depois das eleições, estabelecendo com requintes «democráticos» um regime fascista. As eleições legitimarão o regime da extrema-direita, como as de Abril de 1975 legitimaram a hegemonia social-democrata. O «povo» assim o quis, dirão eles...

Entretanto as medidas fascizantes irão crescendo, passo a passo. O assalto à Imprensa pela social-democracia, os saneamentos dos jornalistas só porque são «suspeitos» (e como tal há já 122 fora da carroça), o tom «a voz do dono» da Televisão e da Emissora, as buscas, as prisões, o regime prisional, o convite à denúncia feito às populações, já fazem lembrar o tempo de antigamente.

Em relação à situação económica, o País viverá ainda algum tempo à custa dos «stocks» alimentares que possui. Mas o Governo já anuncia que reporá a «verdade dos preços», o que significa em linguagem corrente que vai aumentar o custo de vida. Tal, trará como consequência um terrível agravamento das condições de vida dos trabalhadores, pois o aumento da carne e do açúcar repercutir-se-á sobre quem ganha 4500$00 e não sobre aqueles que ganham 30 ou 40 contos como é o caso dos senhores ministros e das suas excelentíssimas famílias.

Este agravamento das condições de vida trará como consequência, grandes manifestações de massas, a que os revolucionários têm de estar atentos para as organizar no sentido anticapitalista. Também possíveis tentativas de desocupação de casas ou de terras assim como tentativas de desnacionalizar as empresas (as rentáveis) trarão idênticas movimentações de massas.

Por outro lado, é a altura e o momento de travar um combate justo dos camponeses do Centro e Norte do País, junto dos pequenos proprietários com agricultura de subsistência, ou seja de fome, de modo a explicar-lhes que também o VI, o VII ou o VIII Governos não os servirão, enquanto Governos capitalistas, e que só o socialismo os poderá servir.

Se os revolucionários souberem organizar este combate, se souberem unir esforços na luta contra o fascismo, construindo organizações de unidade, talvez possam impedir o fascismo.

Ontem como hoje, dizemos: ou se faz a Revolução Socialista ou virá o fascismo. Não há meio termo. E para fazer a Revolução Socialista só os trabalhadores em armas a podem fazer. Isso significa que a organização revolucionária tem de ser séria, urgente e profunda. Sem folclore democrático.

FSP: «ALGO ESTÁ ERRADO NA REVOLUÇÃO PORTUGUESA»

O golpe de direita de 25 de Novembro veio dar lugar a uma nova fase do processo de luta de classes, em Portugal.

As sucessivas provocações reaccionárias da burguesia e dos sectores que lhe correspondem dentro das Forças Armadas, sobretudo após o aparecimento do «documento dos nove» e da Assembleia de Tancos, acabaram por conduzir ao golpe de 25 de Novembro, que constituiu um retrocesso evidente no projecto revolucionário.

Perante tal facto a FSP pensa que as perspectivas que se abrem para Portugal no plano económico e político não são de forma nenhuma, favoráveis ao projecto socialista enquanto a actual correlação de forças não for alterada.

Com efeito a burguesia encontra neste momento, pela primeira vez após o 25 de Abril de 74, condições propícias à reconstituição do seu abalado e decadente aparelho de Estado.

Para tanto a direita civil e militar procura, a toda a pressa, criar um aparelho repressivo que lhe permita governar, enquanto que os seus agentes se afadigam em desarticular os sectores de informação permeáveis aos interesses dos trabalhadores e à prática de uma informação progressista. É assim que assistimos a ondas de saneamentos selvagens(Emissora Nacional, Televisão, Rádio Clube Português, «Diário de Notícias», etc.) que são, já por si, a primeira fase de repressão. A 2.ª fase é a do controlo, do ponto de vista dos interesses da direita, que já é patente na maioria dos programas e noticiários. Sintonizar a Emissora Nacional hoje é como que regressar ao passado, dada a ausência total de referências às lutas dos trabalhadores, ao projecto revolucionário e ao socialismo.

No entanto a FSP considera que o avanço da burguesia, com as condições criadas pelo golpe de 25 de Novembro, está condenado ao fracasso porquanto a crise do poder burguês em Portugal é fundamentalmente uma consequência directa da crise do sistema capitalista, para a qual não se conhece nenhuma receita milagrosa.

A economia portuguesa depauperada **ainda** por 20 meses de sabotagem premeditada do capitalismo nacional e internacional, receosos de verem despontar no extremo ocidental da Europa um poder revolucionário e socialista, não pode esperar soluções do reforço da hipoteca ao imperialismo europeu e americano.

O capitalismo internacional a braços com os seus próprios problemas, fará pagar aos trabalhadores portugueses os novos instrumentos da sua própria exploração.

A miragem das ajudas externas não passa duma dura ilusão com a qual a burguesia pretende comprar a passividade dos trabalhadores.

Enquanto a Europa capitalista vê aumentar em flecha a taxa inflacionária, o custo de vida e o desemprego (só a França despediu em 1975 algumas dezenas de milhares de emigrantes portugueses), em Portugal as regras do jogo são agravadas pelas difíceis condições objectivas da economia nacional, sendo certo e inevitável que a inflação, a diminuição do poder de compra, o aumento dos preços de bens de 1.ª necessidade, o desemprego, o agravamento das condições de vida duma maneira geral, recairão essencialmente sobre os trabalhadores que, a não tomarem nas suas mãos a solução dos seus problemas serão implacavelmente explorados e reprimidos, como no período da ditadura fascista.

O domínio da burguesia em Portugal terá sempre que possuir uma expressão autoritária e repressiva, para se manter.

Que saída portanto para o problema nacional?

A FSP considera que a política do VI Governo (ou outro semelhante) está condenada a ser uma verdadeira política de miséria e de exploração. Mas os trabalhadores portugueses estão hoje melhor preparados para recusar o engano e a exploração, do que no passado.

Os trabalhadores portugueses estão dispostos a bater-se pelas suas conquistas e pelo avanço do processo.

A FSP afirma que não há solução económica sem planificação socialista, posta em prática e controlada pelos trabalhadores. Só estes, sentindo-se empenhados na sua própria libertação poderão, revolucionariamente, encontrar remédio para os males de uma economia desde há muito doente.

Demais, só é possível governar este País de duas formas: ou através duma feroz ditadura de direita apoiada e largamente dependente do capitalismo internacional, ou através da criação de um poder revolucionário, amplamente participado e ao qual jamais se chegará através do sufrágio, que é por si mesmo um mero instrumento da ditadura da burguesia.

A chamada revolução democrática não passa de mais um subterfúgio destinado a adiar indefinidamente a modificação das actuais relações de produção, que são a base do poder burguês e da exploração capitalista.

De resto, quando um poder político e militar (VI Governo e Conselho da Revolução) clamam pelo regresso à pureza do 25 de Abril» — expressão muito do agrado do ex-general Spínola; quando a entrega dos jornais aos partidos de direita e as depurações selvagens nas emissoras e Televisão são efectuadas em nome da liberdade de Informação; quando a suspensão da contratação colectiva de trabalho é imposta em nome da defesa dos trabalhadores; quando a prisão, ou afastamento de militares progressistas e revolucionários são realizadas em nome dos interesses da democracia e da Revolução; quando as estruturas democráticas das F. Armadas são extintas e se anuncia uma reestruturação que aponta à criação de um exército de profissionais, não há dúvida que algo está errado na «Revolução Portuguesa».

A Frente Socialista Popular está consciente de que duras lutas aguardam a classe trabalhadora e o povo português. A burguesia não abdicará dos seus privilégios e do seu poder sem que isso lhe seja imposto. E os trabalhadores não têm outro caminho para a sua libertação que não seja o de lutar.

«Por outro lado é a altura e o momento de travar um combate junto dos camponeses do Centro e Norte do País, junto dos pequenos proprietários com agricultura de subsistência, de modo a explicar-lhes (...) que só o socialismo os poderá servir» diz no seu documento-resposta o P.R.P.

Nacional

POR DECISÃO DO M.C.S.

Rádio Renascença volta ao Patriarcado

A restituição da Rádio Renascença (instalações e bens), por parte do Ministério da Comunicação Social, ao Patriarcado, marca o termo de uma contenda que durou 17 meses, tendo os trabalhadores e o Conselho de Gerência como principais interpretes. Os trabalhadores desencadeariam um processo de luta, em Julho de 1975 que os levou a ocupar as instalações em 29 de Maio do ano em curso, proibindo o acesso às mesmas dos elementos que integravam o Conselho de Gerência.

O litigio começou nos princípios de Julho, quando o C. G. rescindiu o contrato com oito estagiários daquela estação. Não havendo motivos válidos à vista para tal decisão os trabalhadores consideraram a medida uma afronta ao direito ao trabalho de todos, pelo que manifestaram a intenção de entrar em greve. O Episcopado interveio e considerou a atitude como «uma ilegítima situação de força», que enquadrou na interdição «ao exercício mínimo de intenção doutrinal». Emergiu depois a acção dos trabalhadores, que não só recusaram todas as tentativas para se encontrar uma plataforma como em 20 de Fevereiro passado declararam de facto greve. O C. G. tomou posição acerca da mesma, considerando-a ilegal.

Ante o impasse, os órgãos do Poder tiveram também a sua palavra, determinando, de acordo com consultas feitas junto do Episcopado, anunciar a nomeação de uma comissão mista que garantisse o pleno funcionamento da R. R.. Todavia os trabalhadores não desistiram da sua posição, tendo-se pronunciado sobre o comportamento e actuação do C. G., ao mesmo tempo que reafirmavam a ocupação das instalações.

A questão, coincidindo na altura com a ocupação da «República» pelos trabalhadores, foi apreciada numa sessão do Instituto Internacional de Imprensa, que escreveu a Vasco Gonçalves exigindo que a liberdade de expressão na Rádio Renascença, fosse respeitada, enquanto o Vaticano tomava posição e, em Portugal, se admitia ter chegado o ponto de ruptura entre a Igreja e o Estado, o que parece não ter acontecido pela visita de Costa Gomes a vários países estrangeiros, entre os quais a Santa Sé.

REABERTURA PARA BREVE

Antes, e pronunciando-se sobre o problema, o Governo anunciou (28 de Junho) que a Rádio Renascença ia ser entregue à entidade patronal, o que levou os trabalhadores a reagir, afirmando, designadamente, que só abandonariam as instalações pela força ou se o Copcon desse ordens nesse sentido. O Conselho da Revolução interveio pela primeira vez na crise daquela estação, nomeando uma comissão administrativa que os trabalhadores aceitaram, considerando a decisão «um passo importante para uma Rádio ao serviço do Povo».

sores da Buraca foram selados e no dia seguinte a Presidência da República emitiu um comunicado sobre a questão. Em 21 de Outubro, maciça manifestação dirigiu-se de Lisboa para a Buraca, culminando esse gesto com a reabertura (depois de três emissários representando os trabalhadores se terem deslocado a Belém e ao Copcon) das suas antenas.

Em 3 de Novembro a emissão da estação foi reposta no ar, embora com audiência circunscrita à capital e aos arredores, porque os trabalhadores da R. R. na delegação no Porto, que sempre se opuseram aos designios dos seus camaradas de Lisboa, continuaram a transmitir a sua programação nos moldes anteriores. Em 8 de Novembro foi ordenado o silenciamento dos emissores da Buraca pelo Conselho da Revolução, sendo o acto então atribuido ao A. M. I..

Desde então nunca mais funcionou a Rádio Renascença, embora os trabalhadores tenham iniciado uma campanha popular com vista a nova reabertura. É agora a nota oficiosa do M. C. S. que afirma: «Como é do conhecimento público, a Rádio Renascença não foi nacionalizada, o que correspondeu à reconfirmação da posição da Igreja Católica neste órgão da Informação. Na sequência lógica dessa decisão resolveu o Governo fazer a restituição das instalações e bens, ilegalmente ocupados, da Rádio Renascença em Lisboa».

«Esta devolução» — prossegue a mesma nota — «foi realizada hoje (ontem para os nossos leitores), sem quaisquer dificuldades. O início das emissões fica dependente das possibilidades técnicas e da decisão da respectiva gerência». Esta ainda não se pronunciou sobre a medida.

"República" em plenário

Esta tarde, com início às 15 horas, decorre nas instalações da «República» um plenário dos trabalhadores daquele vespertino, que analisarão a decisão do Conselho de Ministros em não intervir na situação do jornal.

Segundo um elemento da Comissão de Trabalhadores, o plenário vai debruçar-se sobre as melhores e mais correctas formas de luta perante a posição governamental de considerar a questão da «República» como «mero conflito entre uma empresa privada e os trabalhadores».

«O SETUBALENSE» NA QUARTA-FEIRA

Depois de quase um mês de encerramento, o jornal «O Setubalense» deverá retomar a sua publicação depois de amanhã, quarta-feira, com a mesma linha ideológica.

O impasse gerado após a desocupação militar e entrega do jornal aos trabalhadores foi superado com a eleição, em plenário e por votação secreta, de um director interino. Foi escolhido para estas funções o trabalhador Joaquim Casimiro Madeira.

Reapareceu "O Século"

Reapareceu esta manhã «O Século».

O velho matutino surge com novo director e novo director-adjunto, lugares ocupados por Eduardo Scarlatti e Manuel Magro, respectivamente, e com Redondo Júnior na chefia da Redacção.

Pretendem os novos dirigentes que o jornal será totalmente apartidário.

O número desta manhã — o primeiro desde o 25 de Novembro — não significa que todos os problemas estruturais e disciplinares tenham sido resolvidos, mas tão-somente que foram removidas as dificuldades maiores que obstavam à saída do jornal.

Prosseguem as investigações da comissão de inquérito, que já levou à suspensão de cinco jornalistas.

Mário Dionísio na RTP

Por lapso das fontes utilizadas, noticiou o «Diário de Lisboa», na edição de anteontem, a nomeação de Mário Dionísio para um cargo que seria o de director dos Programas Culturais da RTP, quando, em rigor dos factos, se trata de um lugar diferente e de responsabilidades mais vastas na hierarquia na nossa televisão — o director da Programação. Do mesmo erro de Informação se ressentiram os nossos colegas vespertinos que referiram o acontecimento, e pela parte que nos toca, é bem de ver, cumpre-nos repará-lo desde já com a correcção que se impõe.

Na realidade o dr. Mário Dionísio não vem preencher o lugar (em suspenso) de director dos Programas Culturais, ocupado pelo escritor Manuel Ferreira até ao 25 de Novembro. Vem, sim, assumir a orientação geral de todos os departamentos de programação — culturais incluídos —, com excepção única dos Serviços de Informação, de que depende o Telejornal.

Esclarecimentos directos e de origem responsável adiantam que Mário Dionísio substitui nessas funções o tenente Manuel Geraldes, que em emergência tinha sido encarregado delas e passa agora à administração da empresa. A nomeação do novo responsável da RTP tinha sido acordada muito antes do 25 de Novembro e não reflecte directamente a crise verificada naqueles serviços — acrescenta a mesma fonte. Razões de ordem burocrática haveriam, depois disso, protelado a nomeação que agora teve o seu despacho oficial.

Manuel Ferreira esclarece

A propósito da nomeação de Mário Dionísio para a R.T.P., e do equívoco que se estabeleceu sobre as exactas funções de Manuel Ferreira, recebemos deste último escritor o seguinte esclarecimento:

«Alguns jornais de 27 do corrente fizeram-se eco de que Mário Dionísio iria chefiar o Departamento de Programas Culturais da RTP, o que significa que me substituiria já que venho há mais de um ano desempenhando aquelas funções, depois de ter sido, desde o dia 4 de Maio de 1974, um dos responsáveis pela Direcção-Geral de Programas, por escolha democrática e decisão da Comissão Administrativa Militar. Num ou noutro diário chegou a citar-se a substituição do meu nome por Mário Dionísio. Entretanto o Telejornal 2 rectificou a notícia e hoje sabe-se que Mário Dionísio irá ocupar, sim, o lugar de Director de Programas em substituição do sr. tenente Geraldes. As coisas estão portanto devidamente esclarecidas. Nem de outra maneira poderia ser:

a) Estou na situação de suspenso (assim como mais de três dezenas de trabalhadores) sujeito a inquérito

b) Não obstante ter já decorrido mais de um mês o inquérito ainda não foi iniciado (!)

c) Estou absolutamente convencido que nem Mário Dionísio nem qualquer outra pessoa honesta aceitaria tomar **definitivamente** o lugar em que estou responsabilizado sem que o tal inquérito fosse terminado.

Mas o que eu gostaria de afirmar era de que ficasse bem claro no espírito dos leitores e do público português, em geral, que suspenso não é saneado. E ainda que os trabalhadores da RTP (e da Emissora Nacional) nestas condições, que totalizam mais de uma centena, vêm reclamando a sua imediata e justa reintegração no serviço, a que têm pleno direito, exigindo que lhes prestem contas da arbitrariedade de que foram vítimas.

Sinceramente não sei como podem os responsáveis pela RTP sancionar uma despudorada decisão deste teor sem que a sua consciência não vacile. O tempo e a história se encarregarão de repor as coisas no seu devido lugar.»

SOVENA, SARL

Informam-se os Ex.mos Clientes e Fornecedores de que os Escritórios e Armazéns desta Empresa estarão encerrados no próximo dia 2 de Janeiro de 1976.

Igualmente se informa também que todos os nossos Serviços estarão em pleno funcionamento no dia 10 do mesmo mês.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

MAIS VANTAGENS PARA AS PEQUENAS ECONOMIAS

TAXAS PARA DEPÓSITOS **À ORDEM**

4%

DEPÓSITOS DE PARTICULARES **ATÉ 70 CONTOS**

2%

DEPÓSITOS DE PARTICULARES **ACIMA DE 70 CONTOS**

ESPIRAL

banco AO SERVIÇO DO TRABALHO

ESTAS TAXAS ESTÃO EM VIGOR NOS ESTABELECIMENTOS ESPECIAIS DE CRÉDITO

PUB

Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico-Sociais do Distrito de Lisboa

Av. Estados Unidos da América, 39 — LISBOA

AVISO

OBRIGATORIEDADE DE INSCRIÇÃO NA PREVIDÊNCIA DE TODOS OS TRABALHADORES AO SERVIÇO DE OUTREM EM ACTIVIDADES LUCRATIVAS, QUALQUER QUE SEJA A NATUREZA DESTAS

A PARTIR DE 1 DE DEZEMBRO DE 1975 :

1. O regime geral de previdência é aplicável a todos os trabalhadores ao serviço de outrem em qualquer actividade de natureza lucrativa, designadamente o pessoal que procede à limpeza de prédios de rendimento por conta dos respectivos proprietários, daí decorrendo para os empregadores as correspondentes obrigações.

2. As taxas de contribuição a pagar pelas entidades patronais e pelos trabalhadores são respectivamente de 17 % e 6,5 %.

3. Assim, devem as entidades patronais proceder ao pagamento das contribuições e à entrega das folhas de ordenados e salários relativos ao mês de Dezembro de 1975, do dia 1 a 10 de Janeiro de 1976.

4. Todos os trabalhadores por conta de outrem, em actividades que, embora de natureza lucrativa, se não podem considerar integradas no comércio ou na indústria, são abrangidos pela Caixa de Previdência e Abono de Família e dos Serviços Médico Sociais do Distrito de Lisboa, desde que exerçam a sua actividade neste distrito.

Lisboa, 27 de Dezembro de 1975.

A COMISSÃO ADMINISTRATIVA

setenave

ESTALEIROS NAVAIS DE SETÚBAL, S.A.R.L.

ADMITE :

— Médicos do Trabalho

CONDIÇÕES DE ADMISSÃO :

— Curso de Medicina no Trabalho
— Internato Geral dos Hospitais
— 1 ano de experiência em saúde ocupacional

OFERECE-SE :

— Vencimento de acordo com experiência profissional e tabelas salariais em uso na Empresa
— Refeições subsidiadas em refeitório na Empresa
— Comparticipação nos transportes
— Outras regalias sociais

As candidaturas deverão ser enviadas a : **SETENAVE — SERVIÇO DE RECRUTAMENTO E SELECÇÃO**
Península da Mitrena — Setúbal

EXTERNATO SÉNECA

COOPERATIVA DE ENSINO E CULTURA

— PREÇOS MAIS BAIXOS —

Ciclo – Liceal – Computadores – Línguas

SALAS DE ESTUDO

MANHÃ • TARDE • NOITE

AV. ALMIRANTE REIS, 73 - 1.º E 2.º — LISBOA - 1
Telefone 4 00 92 (METRO ANJOS)

Nacional

"NOITES DE CINEMA"

A RTP vai brindar o telespectador com fitas realizadas há 40 anos

Clark Gable, o saudoso «canastrão» que veremos na noite de sexta-feira protagonizando «Honky Tonk»

Interessada, a seu modo, em servir o público, a Rádio Televisão Portuguesa promete para Janeiro «magníficas» *Noites de Cinema:* fitas cozinhadas nos anos 30 e 40, muito bonitas e com desfechos muitos felizes.

É assim que na noite do dia 2 os telespectadores «mais exigentes» poderão ver, no segundo canal, o filme «Honky Tonk». Da propaganda, consta este *mimo:* «Realizada em 1941 por Jack Conway, narra as vicissitudes de um aventureiro sem escrúpulos, Candy Johnson (Clark Gable) que, depois de se apoderar de uma pequena cidade, a passa a governar despoticamente. Para simplificar as coisas casa com a filha do juiz de paz, que fora um seu antigo companheiro. A população acaba porém por se revoltar e Candy vê-se obrigado a fugir. Apenas no amor de Elizabeth (Lana Turner), que gosta dele sem preconceitos encontrará a felicidade».

Outra pepineira, anunciada para o dia 9 (2.º programa) e realizada por John Cromwell em 1945, é «The Enchanted Cottage» que correrá com o nome bonito de «Milagre de Amor». É a história de um herói da guerra (aviador americano) que «ao regressar a casa enfrenta uma terrível crise de adaptação, principalmente ao amor».

Depois, na noite de 16, «A Esperança Nunca Morre», realizado há 15 anos por Roy Baker. A fita conta dos sentimentos que unem um padre católico e uma jovem. O tema é estafado, mas a RTP garante que, ao longo da fita, «o espectador seguirá, com emoção, o destino de uma rapariga solitária cujo amor pelo homem que não lho podia retribuir confere à história um ambiente altamente dramático e subjugante».

Hora e meia de um serão aliciante, é outra promessa da RTP ao anunciar, para o dia 23, a velha «Suspeita» de Alfred Hitchcok. A suspeita do mestre do «suspense» tem 34 anos.

Muito mais «recente» (1949) é o filme que se anuncia para a sexta-feira seguinte:«Sob o signo do Capricórnio», também de Hitchcok.

DOIS PORTUGUESES E DOIS CUBANOS

Entretanto — diz a RTP que a pedido de muitas famílias — a programação do primeiro programa (Janeiro) inclui dois filmes portugueses: «A Canção de Lisboa» e «A Aldeia da Roupa Branca». O primeiro data de 1933 e o outro de 1938.

O Serviço de Propaganda da RTP faz um aparte: «Qualquer destes filmes não e a primeira vez que passa na RTP. A maior parte dos espectadores já os terá visto nos pequenos visores mas dá-se como certo que, imagens e canções (algumas delas foram enormes êxitos populares) voltarão a ser entrenimento, não apenas para saudosistas...» De nossa lavra: *Ah! Mas principalmente para estes!*

. As fitas serão apresentadas nas noites de 10 e 24, respectivamente.

Igualmente programados para Janeiro: «A Estrada do Tabaco», de John Ford, e dois filmes cubanos, «As Aventuras de Juan Quin Quin» e «Lucia». A RTP conta que o primeiro é «um filme a não perder» e que nos outros dois se encontra «a imagem — força do cinema cubano revolucionário».

PUB

Encontro das Organizações de Trabalhadores Ligadas ao Sector da Construção Civil e Obras Públicas

Pelas 09 horas do **dia 10 de Janeiro de 1976** na F. I. L. (Feira das Indústrias de Lisboa), à Avenida da Índia.

Realizado por :

SECRETARIADO PROVISÓRIO PRÓ-CONSELHO DE TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL E OBRAS PÚBLICAS;

SECRETARIADO PROVISÓRIO DAS COMISSÕES DE TRABALHADORES DA CINTURA INDUSTRIAL DE LISBOA;

UNIÃO DOS SINDICATOS DE LISBOA — INTERSINDICAL.

ORDEM DE TRABALHOS:

1 **EXPOSIÇÃO** na generalidade pelas organizações promotoras dos problemas dos trabalhadores e a crise do sector, focando : A situação política, o desemprego, o aumento do custo de vida, a Contratação Colectiva, o Controlo Operário, formas de luta e de Organização, o papel das Pequenas e Médias Empresas.

2 **SOLUÇÕES PARA DESBLOQUEAMENTO DA CRISE DO SECTOR, REIVINDICAÇÕES E FORMAS DE ORGANIZAÇÃO DOS TRABALHADORES.**
Discussão nas seguintes secções :
1. Solos, projectos, financiamentos e vendas.
2. Empesas da Construção Civil e Obras Públicas.
3. Comércio e Indústria de materiais e equipamentos para construção.
4. Aparelho de Estado.
5. Problemas e reivindicações.
6. Formas de organização e de luta.

3 **APROVAÇÃO DAS CONCLUSÕES.**

PODEM PARTICIPAR :

SINDICATOS de trabalhadores relacionados directa ou indirectamente com o sector.

COMISSÕES DE TRABALHADORES de : Empresas da Construção Civil e Obras Públicas.
Empresas a montante ou a jusante da Indústria.
Órgãos do Aparelho de Estado relacionados com os problemas da construção e/ou habitação.
COOPERATIVAS DE HABITAÇÃO E/OU CONSTRUÇÃO.

INSCRIÇÕES : Tel. 667379 / 668202, ou por carta para Calçada Ribeiro Santos, 32 — LISBOA

Lisboa, 23.12.75

Morreu Ulisses Cortês

. Na sua residência em Lisboa, faleceu há dias o dr. Ulisses Cortês, que em 25 de Abril de 1974 era presidente do conselho da administração da Empresa Nacional de Publicidade, proprietária do «Diário de Notícias». Foi ministro das Finanças e da Economia sob o Governo de Salazar administrador da Caixa Geral de Depósitos no período caetanista, e várias vezes membro da Assembleia Nacional.

A sua morte não foi divulgada na altura por expressa vontade do extinto.

Geral

POR CAUSA DO E.L.P.

Famílias de militares detidos receiam transferência para a Guarda

. Nos meios próximos das famílias dos militares presos teme-se que alguns dos detidos que foram há dias transferidos de Custóias para Caxias sejam colocados na Prisão-Hospital da Guarda.

Apurámos, com efeito, que os militares susceptíveis de serem transferidos para aquela cidade da Beira Alta seriam os elementos do S. D. C. I., incluindo o seu responsável, comandante Almada Contreiras. Os receios das famílias destes militares dever-se-iam ao facto de considerarem que a Guarda é um centro activo do E. L. P. - M. D. L. P. e que os seus familiares detidos teriam reduzidas condições de segurança, pois a vários deles se deve o desmantelamento de muitas redes e focos de acção daquelas organizações de extrema-direita.

Nos citados meios recorda-se, por outro lado, a circunstância de o brigadeiro Charais, comandante da Região Militar do Centro, estar ausente do País, em viagem pelo Iraque, o que poderia permitir a transferência de militares revolucionários independentemente da sua vontade. Foi-nos lembrada ainda a possibilidade que as comissões de inquérito ligadas ao 25 de Novembro teriam — tal como aconteceu por altura do Natal, com a transferência de Custóias para Caxias — de aproveitar a quadra do fim-de-ano para efectuar transferências para a Guarda.

DUAS CARTAS DE DINIS DE ALMEIDA

Foi entretanto já editado o 2.º número do Boletim Informativo da Associação de Familiares dos Militares Revolucionários Presos, em cujo editorial se assinala que a finalidade da luta que estão a desenvolver «não é simplesmente libertar da cadeia os nossos familiares. Vamos mais longe: nós queremos que toda a verdade seja aclarada desde a elaboração dos inquéritos ao julgamento público, através do qual o Povo Português tenha conhecimento de facto de quem maquinou o 25 de Novembro».

No mesmo número do Boletim são publicadas algumas cartas do major Dinis de Almeida a familiares seus. Numa das cartas (a uma prima) o ex-comandante operacional do Ralis, referindo-se a uma «campanha de divisão e difamação», a propósito da sua apresentação em Belém por altura do 25 de Novembro, observa: «Eu apresentei-me voluntariamente porque a situação era definida (era a contestação ao comandante da Região de Lisboa) estava a ser ultrapassada para uma situação que me confundia, e o meu superior hierárquico (general Otelo) se encontrava detido ou retido, decidi então apresentar-me, dando, aliás, cumprimento a uma ordem do Presidente da República nesse sentido».

Dinis de Almeida deu notícias

Logo a seguir Dinis de Almeida esclarece: «Tem-se especulado com a minha apresentação. Especialmente que eu «confessara o golpe». Tal não é verdade. Eu não posso confessar um golpe que não existiu. Limitei-me a assumir as responsabilidades da tomada de posição de defesa de Otelo que, estou convencido, também não estava a par de qualquer imaginário «golpe de Estado». É perfeitamente plausível que o termo «golpe» tenha sido o empregue, mas eu uso-o muito, aliás como todos os militares para designar situações tais como por exemplo o afastamento do Otelo do comando da Região Militar de Lisboa. A isso nós chamamos um golpe do Conselho da Revolução. Este exemplo é um dos muitos em que o termo «golpe» não tem a mínima acepção de golpe de Estado. É claro que depois desta campanha vai ser difícil convencer o «pagode» do contrário. É esta a verdade. Aliás não tinha necessidade de te mentir. Além de que eu não minto.»

. Noutra carta, dirigida a sua mulher, Dinis de Almeida a dada altura escreve: «Só quem luta por uma causa justa, por um ideal, é quem encontrará as barreiras que se opõem a essa luta. E uma das barreiras é esta, é a traição, é a cela que nos quer limitar, mas sem poder. Tenho a certeza na vitória final e por isso também esta passagem pela prisão é uma experiência. Estas quatro paredes e estes exíguos metros onde se tem que viver, ensinam-nos a reflectir e casticam-nos para a luta, fazendo germinar com mais intesidade a revolta. A revolta contra os escroques, contra os escroescroques, contra os traidores, contra a exploração. Por isso os traidores enganam-se quando pensam que encerrando-nos nos calarão, pararão a nossa luta, calcarão o Povo. Enganam-se e estão a dar mais força à Razão. Estão a convidar o Povo, sem quererem, a reflectir, dar-se conta dos seus verdadeiros inimigos...»

ANGOLA

M.P.L.A. rejeita apelo de paz da U.N.I.T.A.

. LUANDA, 29 — (R/FP/UPI/AP/«DL») — A menos de 15 dias da realização da «Cimeira» da O.U.A. para exame do problema angolano, as probabilidades de se vir a registar um acordo que conduza ao termo do conflito apresentam-se muito remotas, na opinião de círculos diplomáticos ocidentais e africanos estacionados em Lusaca. Nestes círculos acentua-se que as divergências entre a F.N.L.A.-U.N.I.T.A., por um lado, e o M.P.L.A., por outro, se tornam mais profundas à medida que se aproxima a data da «Cimeira», facto evidenciado nos últimos comunicados emitidos pelas duas partes.

O M.P.L.A. tem, neste momento, a sua posição reforçada não só pelas sucessivas derrotas que vem infligindo ao inimigo, como pelo crescente apoio que lhe é dispensado por um número crescente de nações africanas, 17 das quais reconheceram já a República Popular de Angola, proclamada em 11 de Novembro pelo dr. Agostinho Neto. É enquadrada nesta situação que surge a rejeição, pelo M.P.L.A., de um apelo formulado este fim-de-semana pela U.N.I.T.A. no sentido do estabelecimento imediato de um cessar-fogo no território, seguido de eleições supervisionadas pela O.U.A. Esta posição do M.P.L.A. foi definida pelo major Henrique Carvalho dos Santos, alto funcionário do M.P.L.A., que actualmente se encontra na Jamaica onde espera obter o reconhecimento do seu Governo por aquele país. Para o major Henrique Carvalho dos Santos, o apelo da U.N.I.T.A. corresponde à crítica posição militar daquele movimento e ao crescente isolamento internacional de que é alvo.

Comentando a próxima «Cimeira» da O.U.A., aquele alto funcionário do M.P.L.A. declarou que o seu movimento esperava que dela surgisse a aprovação de uma resolução condenando a África do Sul pela sua intervenção em Angola e reconhecendo o Governo do M.P.L.A. como «verdadeiro representante do povo angolano». «Se pudermos ganhar essa batalha política, então a guerra tornar-se-á muito mais fácil», acrescentou.

CONTRA-OFENSIVA DIPLOMÁTICA

Para alguns observadores, contudo, o apelo de paz formulado pela U.N.I.T.A. não corresponde apenas à perda de posições militares e políticas por aquele movimento, mas principamente a uma «contra-ofensiva diplomática», planeada por Washington em vésperas da «Cimeira», na qual se insere também uma proposta sul-africana de cessar as suas interferências em Angola no caso desta medida obter reciprocidade por parte da União Soviética e de Cuba. Desta forma, colocar-se-iam os países membros da O.U.A. perante a condenação geral de qualquer envolvimento estrangeiro na questão angolana, não mencionando casos particulares, o que colocaria em pé de igualdade o auxílio prestado ao povo angolano pelos países socialistas e nações progressistas africanas, ao abrigo dos princípios da solidariedade internacionalista, e a acção neocolonialista dos Estados Unidos e seus aliados europeus, apoiados pela China. Esta situação, na qual o secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, deposita grandes esperanças, neutralizaria a oposição senatorial ao apoio financeiro e militar à F.N.L.A.-U.N.I.T.A. e constituiria uma importante vitória para o imperialismo americano.

A MAIOR INCÓGNITA

Neste momento, a maior incógnita que se levanta reside em saber-se se o bloco progressista africano terá força suficiente para resistir a esta manobra e fazer prevalecer a defesa dos legítimos interesses do povo angolano, representado pelo M.P.L.A. Caso se mantenham as previsões de uma comparência de países africanos à próxima «Cimeira» em número não superior a 30, será de esperar que as nações que apoiam a República Popular de Angola não encontrem dificuldade em fazer prevalecer os seus pontos de vista. Porém, se as pressões que nesse sentido estão a ser exercidas levarem à participação dos 46 países membros, então o impasse será inevitável, conduzindo ao prolongamento indefinido da actual situação em Angola.

É significativo, no entanto, que a poucos dias da realização da conferência máxima da O.U.A., o seu presidente e presidente do Uganda, Idi Amin, altere anteriores posições e declare publicamente apoiar a presença soviética em Angola. Idi Amin afirmou que «contrariamente ao que dizem os imperialistas, que armam a África do Sul», a U.R.S.S. não coloniza Angola e os «russos que estão em Angola não são mercenários». «Sempre que há perturbações na África» — acrescentou — «são a China, a U.R.S.S. e os outros países socialistas que vêm em socorro, e não os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. A África deve apoiar a União Soviética».

Um escritor secretário de Estado da Cultura

. O escritor David Mourão-Ferreira, ex-director de «A Capital» e depois director-adjunto de «O Dia», aceitou, já no passado dia 23, ser o responsável pela Secretaria de Estado da Cultura, novo departamento governamental a integrar no M.E.I.C. Nesse sentido teria já pedido a sua demissão do cargo que desempenhava no mais novo matutino português. Entretanto, durante as conversações que continuam a decorrer para a remodelação do VI Governo provisório, outros nomes tinham sido aventados para aquela nova Secretaria de Estado, designadamente, os de Eduardo Lourenço, afecto ao P.S. assistente na Universidade de Nice e Maria de Lurdes Belchior, directora do «Nova Terra», semanário afecto ao Patriarcado.

Ao que se sabe, a criação desta Secretaria seria a primeira fase de um Ministério a funcionar em breve e exclusivamente dedicado aos problemas da cultura em Portugal.

Convívio antifascista no fim do ano

. Na linha das jornadas de convívio de Fim-de-Ano realizadas pela CDE no período do fascismo, o MDP/CDE leva a efeito no dia 31 de Dezembro, no Pavilhão António da Costa, em Almada, com início às 21 horas, um «Grande Convívio Antifascista de Ano Novo», para o qual convida todos os antifascistas.

A festa constará de Canto Livre, Teatro, Poesia, Baile e Concursos e prolongar-se-á até de madrugada. Deram já a sua adesão os seguintes artistas: conjunto musical «Os Canários da Ajuda», Maria do Amparo, Carlos Alberto Moniz, Ary dos Santos, Carlos César, Fernanda Lapa e o grupo de teatro Ádoque que apresentará excertos de «A CIA dos Cardeais», com Nicholson, Henrique Viana, Ermelinda Duarte, António Montez, etc. Haverá um serviço de bar e os convites podem ser levantados nas bases do MDP/CDE ou na sede central, na Rua de Artilharia Um.

Arnaldo Matos anfitrião de Ramos Horta (Fretilin)

. «A nossa vinda ao M. R. P. P. é uma visita de camaradas que enfrentam a mesma luta do povo de Timor-Leste. Não podemos isolar o nosso combate da luta dos outros povos do Mundo e em particular do povo português» — esclareceu Ramos Horta, ministro dos Negócios Estrangeiros e da Informação da jovem República Democrática de Timor-Leste, no final das conversações realizadas no passado sábado à tarde entre a delegação que chefiava e uma outra do M. R. P. P., esta encabeçada por Arnaldo Matos. O encontro decorreu na sede do partido maoista à Avenida Álvares Cabral.

«Estivemos a abordar nesta nossa reunião a forma como o Povo português deve ser informado da ignominiosa segunda invasão da Indonésia e da negligência demonstrada pelo Governo português» — disse Ramos Horta.

Uma hora antes o ministro e os restantes elementos da sua comitiva tinham sido recebidos à entrada da sede do M. R. P. P. por algumas centenas de pessoas que davam vivas a «Timor-Leste Independente», ao «Povo de Timor em armas» e à «Amizade fraterna entre o Povo português e os outros povos do Mundo».

No final das conversações Ramos Horta, acompanhado por Arnaldo Matos e mais elementos do Comité Central do partido, visitou a Redacção do «Luta Popular» e uma sala completamente cheia de milhares de medicamentos recolhidos pelo M. R. P. P. numa das suas campanhas junto do Povo português para o povo de Timor-Leste.

Sékou Touré apoia Samora Machel

O presidente Sékou Touré exprimiu a solidariedade militante da Guiné à Frelimo, numa mensagem dirigida a Samora Machel, presidente de Moçambique, — refere a Rádio Conacri captada em Dacar.

Neste telegrama, o Chefe do Estado guinéu afirma que «as medidas de radicalização da revolução no sector económico e o apoio de Moçambique ao povo angolano, são os motivos mais importantes dos últimos acontecimentos em Moçambique».

Por fim, Touré exprimiu a «solidariedade militante» do seu partido e do seu Governo à Frelimo «para esmagar a rebelião fomentada pelo imperialismo com vista a combater as decisões corajosas do «Governo de Moçambique» e para «sanear os serviços de segurança de todos os elementos corruptos».

DR. DÉCIO VICTOR BENTES DE FREITAS

Maria Estela Prazeres Bentes de Freitas, Dulce Bentes de Freitas, Maria Dulce Oliveira Seixas e filhos, Dília Prazeres de Assunção, seu marido e filhos, tios e mais família, participam o falecimento do seu querido marido, filho, irmão, cunhado, sobrinho, tio e parente, saindo amanhã o corpo da Igreja de Belas, cerca das 11 horas, para a Igreja de Arroios em Lisboa, onde será rezada missa de corpo-presente, às 15 horas, seguindo-se o funeral às 15.30 horas, para jazigo de família no cemitério do Alto de S. João.

Agência Salgado - T. 48258

Em S. PEDRO DE MUEL o DIÁRIO DE LISBOA vende-se no CAFÉ CENTRAL

Trabalho

EUGÉNIO ROSA AO M.T.

"Não tenho medo da sindicância"

«Nunca como agora, o Ministério do Trabalho praticara uma política salarial tão incoerente» — afirma o dr. Eugénio Rosa, ex-director-geral do Emprego, em resposta a uma nota oficiosa daquele Ministério que se refere à sua suspensão.

«Uma das primeiras coisas que fez o dr. Marcelo Curto — prossegue — logo que entrou no Ministério foi chamar todos os directores-gerais da sua Secretaria de Estado assim como o inspector superior da Inspecção-Geral do Trabalho (o dr. Joaquim Correia) e convidá-los a demitirem-se.

«Note-se que todos estes homens foram nomeados depois do 25 de Abril para os cargos que ocupavam e são democratas conhecidos, alguns deles, até perseguidos pela ex-P.I.D.E./D.G.S. antes da queda do fascismo.

«A última razão apresentada pelo dr. Marcelo Curto é que não tinham a sua confiança política».

O dr. Eugénio Rosa refere em seguida «a firme recusa da maioria dos atingidos por este sectarismo político em apresentar a sua demissão e o recúo táctico então verificado por parte do secretário de Estado, e ainda o facto de o próprio ministro ter ido ao ponto «de emitir um despacho (que foi lido na TV) em que afirma a sua confiança nos directores-gerais que antes se queria levar a demitirem-se».

A MARGINALIZAÇÃO

Apesar desta manifestação pública de confiança, acentua o dr. Eugénio Rosa, procedem os novos dirigentes do Ministério a «uma política de desconfiança, de marginalização e mesmo de enxovalhamento», tendo o ministro do Trabalho emitido um despacho em que os proíbe de realizar reuniões de serviço sem que ele, o secretário de Estado, ou um seu representante esteja presente».

A marginalização dos serviços que dirigiamos chegou a tal ponto que deixámos praticamente de ser ouvidos nas decisões tomadas pelos actuais responsáveis do Ministério do Trabalho. (...)

«O dr. Barros Moura e eu fomos proibidos de utilizar o telex e mesmo o selo branco sem autorização superior».

«Entretanto — afirma o dr. Eugénio Rosa —, é posta em prática uma política laboral que se caracteriza pelas contradições permanentes, o que deteriorou rapidamente a imagem positiva que o Ministério adquirira, depois do 25 de Abril, perante os trabalhadores».

Como exemplo de tais contradições, refere: «Por um lado, o ministro do Trabalho afirma na TV que as portarias são fascistas; por outro lado nunca como agora se promete a publicação de tantas portarias. — Por um lado, o Ministério do Trabalho afirma, em nota oficiosa, que se recusa publicar Convenções Colectivas de Trabalho em que não constasse o aumento da massa salarial registado; por outro lado, face às dificuldades e mesmo impossibilidades de fazer tal cálculo publica-as sem aquele dado, o que leva o patronato a agarrar-se ao afirmado na nota oficiosa para se recusar a cumprir os Contratos e as Portarias, criando-se assim graves conflitos laborais (exemplo recente: Livreiros). Outro exemplo desta prática contraditória é o que sucede com a Construção Civil».

APOIO ÀS MINORIAS

Enquanto se tenta «baixar os salários constantes da Portaria dos Metalúrgicos» — afirma o dr. Eugénio Rosa — «é posta em prática uma política de apoio às minorias, algumas delas totalmente enfeudadas ao patronato, contra a maioria dos trabalhadores. Serve de exemplo o que aconteceu nas empresas Sanimar e Corame-Saprel.

«É também posta em prática uma política de repressão contra os trabalhadores (...) O exemplo mais recente é o fecho e a selagem por ordem do Ministério do Trabalho, do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria e Comércio Farmacêutico, por forças policiais.

«O Ministério do Trabalho, depois da entrada do sr. capitão Tomás Rosa e do sr. dr. Marcelo Curto, chega mesmo ao ponto de desconhecer contas bancárias de patrões que tinham fugido para o Brasil (exemplo: Sanimar), e de retirar credenciais que tinham sido passadas aos trabalhadores, dando assim razão aos patrões (exemplo: empresa Soformel)».

É evidente que esta política de contradições, de incoerências, de divisionismo e mesmo de intimidação e de repressão dos trabalhadores (por exemplo, no caso das empresas Corame/Saprel, o adjunto do dr. Marcelo Curto chegou a ameaçar os trabalhadores com a intervenção de forças armadas e com chaimites), não poderia ter o meu apoio, nem o de outros funcionários democratas do Ministério do Trabalho. Lealmente, e por escrito (já que o diálogo dentro do Ministério fora interrompido), chamámos a atenção dos actuais responsáveis para a flagrante contradição que existia entre a política que estava a ser praticada pelo Ministério do Trabalho e aquela que, de acordo com o Programa do M.F.A. (defesa das clases mais desfavorecidas), devia ser praticada. É evidente que rapidamente me tornei, aos olhos do sr. capitão Tomás Rosa e do sr. dr. Marcelo Curto um elemento incómodo que era preciso eliminar».

AS CALÚNIAS

«Nas múltiplas declarações feitas aos órgãos da Informação pelo sr. capitão Tomás Rosa e pelo sr. dr. Marcelo Curto — acrescenta o dr. Eugénio Rosa — é violenta e continuamente criticada a política laboral e salarial dos anteriores Governos Provisórios (em tudo isto é evidente o ódio pessoal do actual minheiro de «Um dia de salário para a Nação»; a última calúnia lançada por um grupúsculo ao serviço da reacção e do imperialismo, e que não provocou, também, qualquer esclarecimento do Ministério do Trabalho, é que o major Costa Martins teria fugido com 13 mil contos daquele dinheiro). «A Luta», órgão oficioso da cúpula do P.S., chega mesmo a lançar contra mim a calúnia de que eu recebera envelopes azuis do Ministério do Trabalho.»

O dr. Eugénio Rosa afirma seguidamente que, apesar de tudo ter sido feito para «destruir a imagem que tinham, perante os trabalhadores, o major Costa Martins, o dr. Carlos Carvalhas, «equipa de Costa Martins», todos permanecem nos seus postos, «por um lado, porque já estávamos calejados pelo fascismo, e por outro lado porque pensávamos que naqueles postos poderiamos defender melhor os interesses dos trabalhadores (...) Vendo que não nos conseguiam vergar com tais meios, decide-se então fazer uma sindicância à Secretaria de Estado de Trabalho. Era preciso encontrar pretextos para suepender e mesmo para sanear. Diz-se inicialmente que é uma sindicância aos serviços, mas a prática mostra que é de pessoas.

«E sou suspenso por «actuações notoriamente ilegais» (é a única razão apresentada no despacho assinado pelo ministro do Trabalho). Mas «Notoriamente ilegais» à face de que lei? Porventura ao abrigo do mesmo tipo de leis a que sou suspenso, ou seja do Estado.

A SINDICÂNCIA

O dr. Eugénio Rosa, após mencionar certas medidas de intimidação e terror que começam a ser utilizadas contra ele, termina afirmando:

«Quero dizer que não tenho medo de qualquer inquérito. Que ele seja feito não só a mim mas a todo o Ministério, como prometeu o sr. primeiro-ministro (ainda queremos acreditar que o sr. almirante Pinheiro de Azevedo seja um homem de uma só palavra). Mas um inquérito onde se dê oportunidade aos acusados de se defenderem, onde não sejam apenas ouvidos patrões, comissões de trabalhadores fantasmas ou direcções de sindicados da confiança política do dr. Marcelo Curto. Que seja um inquérito aberto, sem pressões nem intimidações, e em que sejam ouvidos principalmente todos os organismos representativos dos trabalhadores, e não apenas esta ou aquela minoria aborrecida por não termos defendido suficientemente os seus interesses particulares perante os da esmagadora maioria dos trabalhadores portugueses. E este não é o tipo de inquérito que está a ser feito, neste momento, no Ministério do Trabalho.»

Em formação o Sindicato dos Trabalhadores de Bebidas

Está em vias de legalização o Sindicato dos trabalhadores da Indústria de bebidas. O grupo de trabalho que tem participado nos trabalhos de constituição do Sindicato é constituido por delegados sindicais e representantes dos trabalhadores das seguintes empresas: Sociedade Central de Cervejas, Cergal, Coporel, Cirel, Sumolis, Refrigor, Águas de Vidago e Supersumos.

Nesta fase organizativa, estão a ser feitos contactos com todos os trabalhadores do sector, de Norte a Sul do País, amplas sessões de esclarecimento e dinamização nos locais de trabalho, elaboração de um anteprojecto de contrato colectivo e de anteprojecto de Estatutos.

Numa entrevista concedida à «Alavanca» Luis Neto, da Sumolis, afirma: «Um aspecto que nos tem causado alguns problemas refere-se a tentativas divisionistas que por vezes surgem, procurando explorar as lutas partidárias e introduzi-las no seio dos trabalhadores ao mesmo tempo que procuram ligar-nos à Intersindical e depois lançar calúnias sobre a Central Única. A este respeito consideramos que só aos trabalhadores competirá a resolução de aderirmos ou não à Intersindical, em Assembleia Geral e após a aprovação dos Estatutos».

"Quem faz sair as divisas?"

Da comissão administrativa das Companhias Reunidas Gás e Electricidade, recebemos um pedido de rectificação a uma notícia intitulada «Quem faz sair divisas?» tendo como base um comunicado da comissão de trabalhadores da Efacec, que denunciava o facto daquela companhia ter preferido adjudicar uma obra a uma firma estrangeira.

Eis o esclarecimento: «Para o fornecimento dos 10 postos de transformação em causa foi feito concurso entre 5 firmas especializadas, todas elas com instalações fabris no nosso país. A abertura das propostas foi pública, como em todos os casos passou a ser após a nacionalização desta empresa.

O tipo de posto de transformação pretendido era vulgarmente designado por «semienterrado», destinado a satisfazer determinados condicionamentos urbanísticos.

Dos concorrentes, apenas um, a Efacec, não propôs o tipo de transformação pretendido, tendo apresentado como soluções, postos de transformação metálicos, para montagem ao nível do solo.

A construção dos postos de transformação em causa é feita no nosso país pela firma adjudicatária, cuja proposta é a de mais baixo preço, dentre as que satisfazem as características técnicas pretendidas.

A contribuição de material estrangeiro é fundamentalmente representada por três aparelhos de corte e protecção, autopneumáticos, que não se fabricam em Portugal.

Na solução escolhida não se trata de aparelhos de marca representada pela firma a quem foi adjudicado o fornecimento.

As soluções, com material inteiramente nacional, apresentadas, aliás, por vários concorrentes, normalmente em variante, não correspondem, a aparelhagem autopneumática, considerada tecnicamente mais indicada para este tipo de postos.

Esta empresa adquiriu já alguns aparelhos de corte dos fabricados no país (que a Efacec não produz), para instalação em postos de transformação clássicos, a título experimental.

De resto tem sido preocupação das C.R.G.E. pugnar pela utilização de material nacional e pela valorização de mão-de-obra portuguesa, insistindo frequentemente com os fabricantes, no sentido de aumentarem as suas gamas de aparelhagem, de modo a satisfazerem as necessidades das empresas de distribuição de energia eléctrica. Esta preocupação vai ao ponto de como a Efacec sabe fazer adjudicações de fornecimentos importantes sem concorrência de preços, quando existe um único fabricante nacional.

Em conclusão: nenhuma das afirmações publicadas é verdadeira. Efectivamente, nem a Efacec concorreu com o material para que se abriu concurso, nem as C.R.G.E. violaram o princípio de adjudicarem a encomenda à empresa que melhor preço apresentou, como através do próprio concurso (que foi público) se pôde verificar.

Saliente-se ainda que o referido material é construído em Portugal, por trabalhadores portugueses e, se peças há nele que são estrangeiras, é porque, nenhuma empresa do nosso país, portuguesa ou com capital estrangeiro (como a Efacec) as produz.

Não obstante estes esclarecimentos, toda a documentação se encontra à disposição dos trabalhadores portugueses (e portante dos da Efacec) que através das suas estruturas representativas a podem consultar».

Gabinete do Planeamento da Região do Algarve

ANÚNCIO

Faz-se público com se encontra aberto o concurso para adjudicação da empreitada:

«E. M. 508 — Lanço da E. N. 124 à Ribeira da Foupana — 4.ª fase — Pavimentação»

A abertura das propostas realizar-se-á no GABINETE DE PLANEAMENTO DA REGIÃO DO ALGARVE, sito na Praça da Liberdade, em Faro, às 10.00 horas do dia 15 de Janeiro de 1976.

As propostas serão recebidas por correio normal ou expresso até à hora fixada para abertura do concurso.

O processo de concurso encontra-se patente no Gabinete de Planeamento da Região do Algarve e na Câmara Municipal de Alcoutim, todos os dias úteis e nas horas de expediente, podendo os interessados adquirir cópias dos elementos patentes, na primeira daquelas entidades, solicitando as com a antecedência de 5 dias.

Base de licitação ..... 2 395 336$20

... Faro, 12 de Dezembro de 1975.

O DIRECTOR,

Rui M. Paula, Arq.

Tribunal Cível da Comarca de Lisboa

13.º JUÍZO CÍVEL

PALÁCIO DA JUSTIÇA

Proc. n.º 525/75 — 3.ª Secção

ANÚNCIO

Faz-se saber que, por este Juízo, 3.ª Secção, e nos autos de execução sumária que Manuel dos Santos Reis, viúvo, proprietário, residente no Largo Defensores da República, n.º 1, em Lisboa, instaurou contra MARIA HELENA MACHADO VERÍSSIMO, solteira, maior, doméstica, residente na Estrada do Poço Baixo, n.º 7, Charneca, Lisboa, correm éditos de VINTE DIAS, contados da 2.ª e última publicação deste anúncio, citando os credores desconhecidos daquela executada para, no prazo de DEZ DIAS, posterior ao dos éditos, reclamarem, querendo, o pagamento dos seus créditos pelo produto dos bens penhorados, desde que sobre eles gozem de garantia real.

Lisboa, 19 de Dezembro de 1975.

O Juiz de Direito,

a) **Cardona Ferreira**

O Escrivão de Direito,

a) **Américo Carvalho Almas**

Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se naTABACARIA LUSA Rua Joaquim Sabino Faria, 16

Trabalho

Vai ser revista a lei sindical

O Conselho da Revolução está a estudar a revisão da lei das associações sindicais, que consagra legalmente o princípio da unidade sindical — confirmou fonte fidedigna ao «Diário de Lisboa». O jornal «A Luta», na sua edição de sábado, prevê, até, a revogação diploma que reconhece a Intersindical como a confederação geral dos sindicatos dos trabalhadores portugueses — notícia que não nos foi possível confirmar, nem desmentir, junto das instâncias oficiais competentes.

Entretanto, a «Inter», organização sindical representativa da esmagadora maioria dos trabalhadores, desconhece tais diligências, considerando que a notícia d'«A Luta» visa pressionar os órgãos de Poder» no sentido de retirar à central sindical o papel que esta tem desempenhado em todo o processo político português.

«Não estranhamos que tentem rever a lei das associações sindicais», afirmou-nos Jaime Machado, do Secretariado da Intersindical, «pois o movimento sindical é a grande organização de massas que une os trabalhadores portugueses na luta pelos seus interesses de classe». Por esta razão, «tentam enfraquecê-los, através do divisionismo» — acrescentou aquele dirigente.

A revisão da lei sindical e a notícia sobre a Intersindical inserem-se no quadro mais vasto da «viragem à direita» posterior aos acontecimentos de 25 de Novembro», adianta Jaime Machado: «as forças direitistas intensificaram a sua escalada pela tomada de postos-chave no aparelho de estado e militar, e nos órgãos de informação. Só lhes faltava o movimento sindical.»

No entanto, os trabalhadores, que lutaram para conseguir a unicidade sindical, «defenderão a continuidade deste princípio sempre que ele for posto em causa, adoptando as formas de luta que acharem convenientes» — acrescentou.

Estranha também a Intersindical que o Conselho da Revolução tente rever a lei sindical «sem haver um motivo para isso e sem ouvir os representantes dos trabalhadores portugueses». Por outro lado, contesta os termos da notícia publicada no diário de Raul Rego, que pretenderia «dividir e confundir os trabalhadores».

UMA CONQUISTA DOS TRABALHADORES

A publicação do decreto-lei do Conselho da Revolução, de 30 de Abril, reconhecendo a Intersindical Nacional como a confederação geral dos sindicatos portugueses, foi precedida de intensa movimentação dos trabalhadores em torno da questão da unicidade sindical (unidade sindical consagrada na lei).

O problema foi então debatido a nível das empresas e em diversos escalões sindicais, afluindo ao Ministério do Trabalho, gerido pelo major Costa Martins, numerosas tomadas de posição, por vezes contraditórias.

De acordo com elementos apurados em Fevereiro, revelados num estudo do Ministério do Trabalho sobre os resultados da discussão da lei sindical, dos 189 sindicatos que deram conhecimento àquele departamento da sua posição quanto à unicidade, 167 manifestaram-se a favor e 22 contra (doze dos quais defenderam a unidade, contestando, no entanto, a sua consagração legal).

Cerca de 300 mil trabalhadores desfilaram pelas ruas de Lisboa, rumo à Praça de Londres, no dia 14 de Janeiro, pressionando decisivamente os centros de decisão político-militar, no sentido do consenso que maioritariamente se havia formado, no decurso da discussão, em que intervieram os próprios partidos políticos.

O Movimento das Forças Armadas, que se mantinha coeso apesar da diversidade de tendências, que se esboçava, acabou por ratificar o princípio da unicidade, abrindo caminho — após a clarificação proporcionada pela intentona falhada de 11 de Março — à aprovação, pelo Conselho da Revolução, em 30 de Abril, dos decretos-leis números 215-A/75 (reconhecendo a Intersindical) e 215-B/75 (lei das associações sindicais, regulando o exercício da liberdade sindical por parte dos trabalhadores).

No preâmbulo do primeiro daqueles diplomas reconhecia-se expressamente que «é condição indispensável para vencer as grandes batalhas a travar na caminhada para o socialismo que os trabalhadores portugueses reforcem a sua unidade e coesão em torno das suas organizações sindicais».

Desta forma se consagrava legalmente a perspectiva que centenas de milhares de trabalhadores haviam defendido, em discussões de âmbito sindical e nas manifestações do dia 14 de Janeiro. Após o 25 de Novembro, certas forças políticas mostram a intenção de rever a legislação aprovada naquela fase ascendente da Revolução, reeditando argumentos então derrotados e prescindido, pelo menos por enquanto da opinião dos trabalhadores.

SÁBADO, NO PORTO

"A vitória foi dos caixeiros"

PORTO, 29 — Foi de «folga de compensação», para os caixeiros do distrito do Porto, o dia do passado sábado que a Associação dos Comerciantes do Porto pretendia fosse dia de trabalho «em tempo ocompleto». De facto, as lojas não chegaram a abrir nomeadamente na baixa portuense e as que abriram acabariam por encerrar em consequência da pressão dos trabalhadores. Claro que houve um ou outro caso em que os estabelecimentos abriram mas a percentagem (cinco por cento) não chega a pesar no prato da balança, valeu, pois, a decisão dos trabalhadores do sector e triunfou o seu «slogan»: «A vitória dos caixeiros é fechar o dia inteiro».

Neste conflito entre patrões e trabalhadores, o governador civil do Porto foi, por vezes, apontado como sendo o responsável. Em afirmações feitas a um matutino portuense, o dr. Cal Brandão, declarou: «Eu não me opus a que os comerciantes abrissem os estabelecimentos, assim como não disse aos trabalhadores que vão trabalhar». E depois de afirmar que a sua posição era de «dizer à Polícia para manter a ordem pública» o dr. Cal Brandão acentuou, ainda: «Disse aos comerciantes que tinham o direito de abrir, assim como os trabalhadores têm o direito de não ir ao trabalho se assim o entenderem».

INCIDENTES

Não se opondo à abertura dos estabelecimentos que tivessem ao balcão apenas os patrões, os directores do Sindicato dos Caixeiros reunidos sábado de manhã na sua sede, resolveram organizar brigadas de trabalhadores que, argumentando a necessidade de ser solidário dentro da classe, procuraram levar camaradas de trabalho que porventura se encontrassem ao serviço, a respeitarem a decisão tomada no plenário, há dois dias, nas instalações do Inatel, pelos seus camaradas de trabalho.

No entanto, apesar de haver intenções de manter a calma, num estabelecimento da Rua de Santa Catarina, caixeiros em serviço que não queriam abandonar os seus postos, envolveram-se em conflito com as brigadas de fiscalização, constituídas por trabalhadores. Da violência da disputa resultaram ferimentos ligeiros em alguns indivíduos, e o estilhaçamento de uma das montras do estabelecimento.

Na sequência da luta que agora se desenvolveu, os caixeiros do Porto mantêm a decisão de não trabalharem no próximo sábado, a exemplo do que acontece em Lisboa.

Na Corame-Saprel subsistem os problemas

Enquanto um grupo de treze trabalhadores da Saprel, uma empresa de representações aeronáuticas, insiste no seu regresso ao local de trabalho, agora para dar cumprimento a um despacho do Ministério do Trabalho, os restantes daquela empresa, que aderiram à ocupação desencadeada pelos operários da Corame, alegam que o referido despacho foi decidido nas suas costas e nas da própria comissão administrativa nomeada pelo Governo.

A questão da Saprel-Corame, que já relatámos no nosso jornal, advém da situação financeira da segunda das empresas, em que a maioria do capital é investido pela primeira. Assim, perante a grave situação da Corame, os trabalhadores decidiram ocupar a empresa-mãe, ainda e sempre em boa situação, no sentido de evitarem que, através de quaisquer subterfúgios, como pagamentos e recebimentos a serem executados através de contas abertas no estrangeiro, fossem desviados fundos que, na verdade, consideravam, também lhes pertenciam.

Perante a ocupação da firma de representações aeronáuticas, e com base num relatório feito, mais tarde, pela Inspecção de Finanças, o próprio Governo recoheceu tacitamente que os trabalhadores tinham razão, decidindo-se pela nomeação de uma comissão administrativa para as duas empresas.

E agora, segundo denunciam os empregados que ficaram na firma, o Ministério do Trabalho terá baseado a sua decisão no testemunho do grupo dos dezassete. Despacho esse que manda reintegrar imediatamente aqueles elementos, sem sequer aguardar os resultados do inquérito que corre os seus termos, em relação àqueles elementos.

Acusação contra o grupo dos dezassete: solidariedade objectiva com o patrão, Santos Nogueira, que mais tarde seria detido e enviado para a Trafaria. E os compromissos deste antigo patrão parecem estar perfeitamente determinados, pois até foram encontrados documentos, entre os quais uma carta enviada por ele a Spínola, manifestando o seu apreço e admiração.

Deste modo, dois apelos paralelos se desenvolvem: um do grupo que «saiu», no sentido de que as entidades governamentais empreendam as acções necessárias para que o despacho ministerial seja cumprido. Outro apelo, dos restantes trabalhadores que envolvem as centenas da Corame, para que os seus camaradas metalúrgicos os apoiem nesta luta que continua.

MARINHA MERCANTE

CONTINUA A GREVE DE HORAS EXTRAORDINÁRIAS

A greve de horas extraordinárias, decidida na semana passada pelos trabalhadores da Marinha Mercante, para cumprimento por parte das comissões administrativas das empresas nacionalizadas do C.C.T. respectivo, continua hoje. O facto pode originar perturbações na saída de carreiras com destinos diversos, depois de já ter afectado quatro outras carreiras, e a descarga de dois petroleiros, no terminal da Sacor, em Cabo Ruivo.

Entretanto, o eng.º Guedes Lebre, secretário de Estado da Marinha Mercante, a quem era atribuída a responsabilidade do (não) cumprimento do C.C.T., depois do Ministério do Trabalho ter declarado a sua incompetência jurídica para resolução do problema, dirigiu-se ao «Diário de Notícias», esclarecendo alguns pontos de uma notícia que aquele matutino publicou no dia 27 do corrente.

Assim, afirma o eng.º Guedes Lebre: «Não é da responsabilidade das comissões administrativas das empresas nacionalizadas o não cumprimento da parte do Contrato Colectivo que vai ser assinado como contrato. Com efeito, elas compareceram a todas as reuniões de negociações e negociaram, em alguns casos com reservas, as cláusulas que constam na acta de negociações de 27 de Novembro de 1975».

«A partir dessa data houve que esclarecer, junto da Secretaria de Estado do Trabalho, se o contrato ou, o que é o caso, uma parte dele, poderia ser assinado, em face da suspensão pelo Conselho da Revolução, de todos os contratos pendentes de negociação e assinatura, e, portanto, até ao despacho de 22 de Dezembro do sr. secretário de Estado do Trabalho, as ditas comissões administrativas não são responsáveis.

Nesse despacho, o sr. secretário de Estado do Trabalho determinou que as cláusulas relacionadas como acordadas na acta de 27 de Novembro de 1975 de negociações colectivas neste C.C.T. não são abrangidas pela «suspensão das negociações pendentes em regime de contratação colectiva determinada pela resolução do Conselho da Revolução de 27 de Novembro de 1975, pelo que deverão constituir um contrato colectivo a assinar pelas partes...», informando também que dependia de ulterior decisão do sr. ministro dos Transportes e Comunicações, que é o Ministério da tutela no assunto.

Daí parecer muito estranho que em plenário de umas poucas dezenas de pessoas, de entre as milhares que trabalham na Marinha Mercante, fossem votadas medidas tão drásticas e ataques à Secretaria de Estado da Marinha Mercante, tanto mais estranho quanto se sabe que as comissões administrativas das empresas, nacionalizadas ou não, só poderão cumprir esse «contrato» depois da decisão superior do ministro dos Transportes que lhes permitam assinar pelo Armamento e torne possível a publicação na folha oficial.»

CENTRO DE PRODUÇÃO
Teatro Maria Matos
A RTP APRESENTA
ESTREIA Amanhã
«SCHWEYK NA II GUERRA MUNDIAL»
de Bertolt Brecht
com
RAÚL SOLNADO
Todos os dias às 21.30 horas — Domingos «matinées», às 16 horas. Segunda-feira — Descanso da Companhia
Bilheteira Tel.: 897017
A.B.E.P. Tel.: 328823
Não aconselhável a menores de 13 anos

Nacional

DISPERSAS EM DOIS SINDICATOS

AS EMPREGADAS DOM
LUTAM PELOS SEUS D

O reconhecimento do Sindicato Livre das Empregadas Domésticas por parte do Ministério do Trabalho constitui uma vitória de todas as empregadas domésticas. Embora tenham sido entregues no Ministério os estatutos do Sindicato do Serviço Doméstico, a hora não é para divisionismos e a actual sede deste sindicato, não reconhecido, será transformada em associação e cooperativa, enquanto as sócias continuarão a luta no sindicato que em breve entrará em funcionamento.

Adelina completa em breve os setenta anos e há quarenta que serve a mesma família. Entretanto a patroa, que é viúva, adoeceu, entrou numa casa de saúde e Adelina viu-se sem trabalho, sem alojamento e sem pão, porque os descendentes da senhora, não querem lá em casa «trastes» v e lhos. Perto do fim da vida Adelina é obrigada a mendigar comida e alojamento, porque para ela não há nenhuma lei que faça justiça, nem reforma que lhe mitigue os últimos dias de uma vida ao serviço dos outros.

O quotidiano das empregadas domésticas está cheio de situações dramáticas que reflectem a vida de cerca de cem mil trabalhadoras marginalizadas e desprezadas por uma sociedade que nada lhes dá em troca. A maioria das patroas, quando ouve falar de um sindicato de empregadas domésticas, exclama: «Era só o que faltava! Não tenho pena delas, sabem muito bem defender-se... só querem é fazer exigências!»

Devido à dispersão, ao analfabetismo generalizado, à falta de informação que permite ceder a todas as chantagens, as empregadas domésticas têm vencido as maiores dificuldades para levar por diante a luta sindical. Sabem, porém, que este é o único meio de virem a ter uma lei de trabalho que estabeleça um horário, salário justo, direito a férias, subsídio de desemprego e Previdência igual aos outros trabalhadores.

Tudo estava muito bem enquanto era dado à empregada doméstica, por favor, aquilo que estava na vontade dos patrões segundo as suas conveniências. Quando começou o processo reivindicativo, logo se fizeram sentir as reacções violentas de senhoras que por vezes militam em partidos progressistas, como nos afirmaram algumas das empregadas com quem trocámos impressões.

LUTA CONTRA O DIVISIONISMO

A luta por um sindicato que defenda os interesses e aspirações das empregadas domésticas começou antes da queda do fascismo. O desenvolvimento posterior das reivindicações veio evidenciar duas orientações divergentes sob o ponto de vista de organização sindical. Por um lado temos o Sindicato Livre das Empregadas Domésticas (S.L.E.D.), que obedece aos princípios do chamado sindicato livre. Por sua vez o Sindicato do Serviço Doméstico (S.S.D.) foi reconhecido, no último Congresso Nacional de Sindicatos, como o único representante legítimo desta classe de trabalhadores.

Nos primeiros dias de Dezembro um despacho da Secretaria de Estado do Trabalho reconheceu o S.L.E.D., aguardando-se o cumprimento das respectivas formalidades para a efectivação legal. Quanto ao Sindicato do Serviço Doméstico a referida Secretaria comunicou que este organismo havia sido registado provisoriamente no S.L.E.D. Esta medida foi tomada sem que, para o efeito, tivesse sido consultada a vontade dos quatro mil sócios que constituem o Sindicato do Serviço Doméstico.

«Por trás disto estão os interesses dos grandes senhores que agora se movimentam, o que não é de admirar...» — comenta Conceição Ramos, dirigente do S.S.D. «Se o S.L.E.D. for legalizado, iremos para lá lutar e então terá lugar um debate interno em que serão as próprias empregadas domésticas a decidir o tipo de organização sindical que querem» — acrescenta Conceição, cujo espírito de combatividade tem sido notável.

A empregada doméstica já lutava pelos seus objectivos de dignificação antes do 25 de Abril, mas só agora está a avançar

A unificação criada pelo despacho ministerial não poderá resolver para já as acusações mútuas em que se debatem os dois sindicatos pela hegemonia da luta contra a actual situação em que vivem as empregadas domésticas. As dirigentes do S.L.E.D. afirmam que as empregadas domésticas vão subsistir ainda por muito tempo e que nas negociações com as entidades patronais recusarão toda a violência.

Defendendo outras perspectivas de luta, o último boletim informativo do Sindicato do Serviço Doméstico, de Julho, afirma: «A nossa profissão serve uma certa burguesia ainda privilegiada que continua a inércia da sua vida parasitária. O nosso trabalho é um facto na sociedade capitalista, mas num sistema socialista novos postos de trabalho serão criados para a mulher».

Maria Antónia Felicidade, ex-empregada doméstica agora a desempenhar funções de 3.ª escriturária numa Caixa de Previdência, afirma: «Faço parte da direcção do S.L.E.D. porque não é pelo facto de ter conseguido estudar e arranjar novas perspectivas de trabalho que abandono a luta das empregadas domésticas. Acho até que estou actualmente em melhores condições de as ajudar».

Sobre a acusação, frequentemente dirigida contra o S.L.E.D., de que este sindicato estaria ligado à organização religiosa da Casa de Santa Zita, Maria Antónia afirma: «Temos até tido problemas com as Zitas, porque defendemos uma linha diferente. É verdade que há aqui pessoas que estão ligadas às Zitas, mas nos órgãos sociais temos moças que se desligaram ou até nem sabem o que é isso das Zitas».

«De momento» — continua Maria Antónia — «estamos interessadas em fazer pressão para que a legislação saia o mais depressa possível. Apresentámos já um conjunto de sugestões que consideramos fundamentais para a elaboração de um projecto de decreto-lei sobre o serviço doméstico.»

O divisionismo neste caso, e o atraso na publicação da legislação, jogam a favor dos patrões, que nos últimos tempos têm recorrido aos advogados sempre que surgem problemas com as empregadas domésticas. Quer Conceição Ramos, quer Maria Amélia Lourenço, do S.L.E.D., referiram-se a despedimentos sem justa causa que os dois sindicatos têm tomado em mãos. Alguns casos acabam por ser resolvidos a favor das trabalhadoras e nos exemplos dados uma empregada doméstica recebeu a indemnização de sessenta contos.

O FANTASMA DO DESEMPREGO

Um dos aspectos decisivos que têm contribuído para a desmobilização das empregadas domésticas face à luta sindical reside nas ameaças frequentes de despedimento levantadas a cada passo pelos patrões. Porém, nem os despedimentos nem os atrasos do Ministério do Trabalho conseguiram demover os trabalhadores daluta. O Sindicato do Serviço Doméstico está na disposição de constituir cooperativas que ajudarão a combater as «agências» de colocação do serviço doméstico, que exploram as empregadas domésticas e as mulheres-a-dias.

«Estamos já organizadas em outras actividades» — continua Conceição Ramos. — «Aqui na sede funciona uma cantina que garante uma média de oitenta almoços diários ao preço de 35$00. Temos também um lar autogerido por empregadas domésticas e pensamos abrir uma creche que receberá, indiscriminadamente, crianças até aos três anos.»

Estas actividades têm permitido resolver, ainda que parcialmente, o problema das empregadas domésticas que foram lançadas no desemprego. A actual sede do Sindicato do Serviço Doméstico, na Rua de S.Bento, 337, foi ocupada pelas trabalhadoras, no passado Abril, mas a situação ainda não foi legalizada. Também a sede do S.L.E.D. está instalada num edifício (na Avenida da Liberdade, 232) que se encontrava desabitado há trinta anos, mas a ocupação foi entretanto normalizada.

FUTUROS CAMPOS DE ACÇÃO

Na sua regulamentação colectiva, o Sindicato do Serviço Doméstico reconhece as seguintes categorias profissionais: todo o serviço, cozinheira, cuidado das crianças, costureira, jardineiro, e serviço de fora. Faz-se uma distinção entre o aprendiz, trabalhador sem preparação profissional até ao limite máximo de seis meses e o profissional que concluiu já o período de aprendizagem.

Quanto à remuneração, os trabalhadores em tempo inteiro têm direito ao salário mínimo nacional. Os trabalhadores a quem for concedida alimentação ou alojamento descontarão 500$00 no vencimento. As empregadas à hora terão um salário horário de 20$00 com alimentação e 25$00 sem alimentação. No projecto-lei apresentado há cerca de dois meses ao Ministério do Trabalho pelo S.L.E.D. propõe-se que os trabalhadores sem alojamento e alimentação tenham o vencimento de 4000$00, enquanto os ajustados mensais recebem 130$00 por dia e 20$00 no caso de o ajustamento ser feito à hora.

A par da luta por um salário justo é necessário proceder a uma melhoria dos conhecimentos profissionais e culturais das empregadas domésticas. O Sindicato do Serviço Domésti-

Mulheres de meia idade misturam-

MÉSTICAS
IREITOS

Inquérito de HELENA BALSA

Dirigentes sindicais presidem a uma reunião da classe. Divididas entre dois sindicatos, as empregadas domésticas coincidem porém, no essencial: a defesa dos seus direitos

está a pensar abrir cursos ede. Conta já com o apoio alguns professores que se receram para dar aulas gras, mas este número ainda é suficiente para que se ique a abertura de iculas.

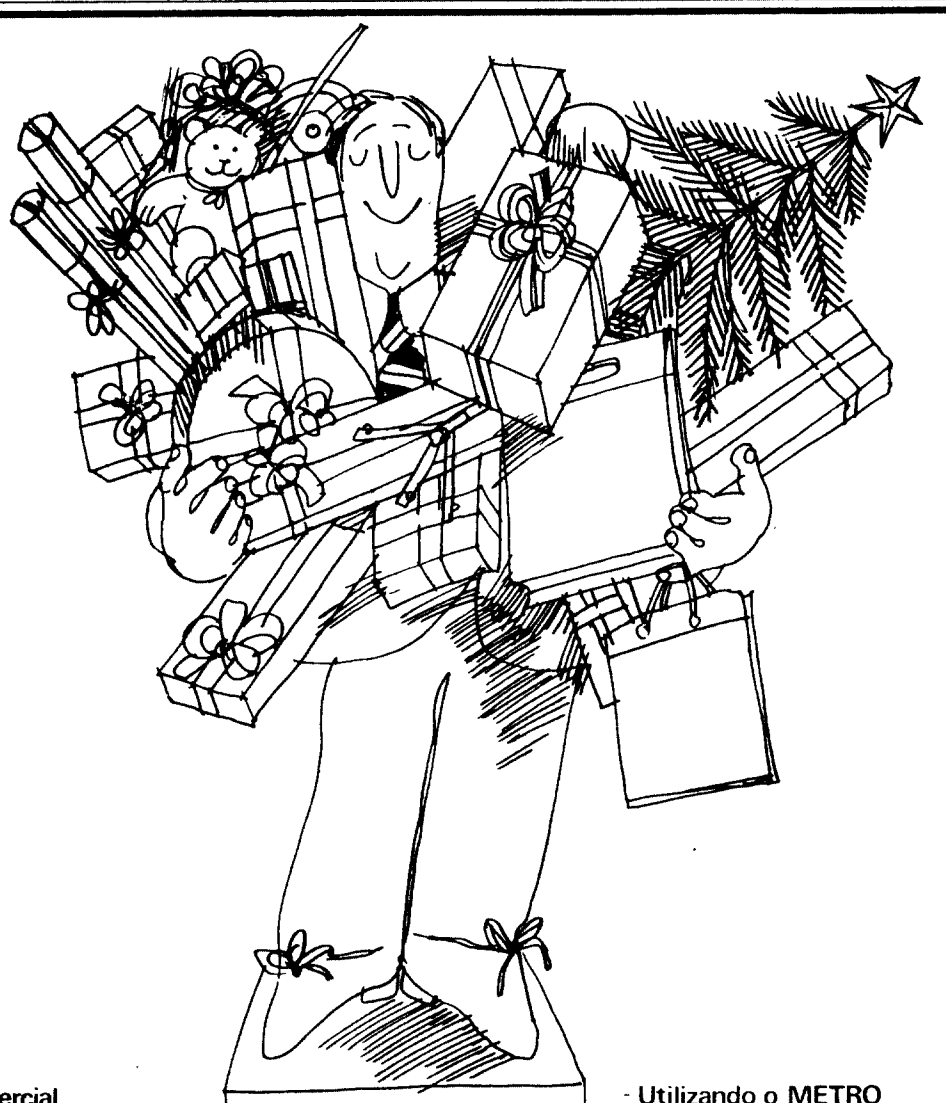
o caso do S.L.E.D. são res- as alunas que frequen- o Colégio dos Maristas e inda casos isolados de em- gadas que conseguiram sso à faculdade. Cita- nos o exemplo de uma a que frequenta o 2.º ano conómicas enquanto pros- ue o seu trabalho de mu- a-dias. Estes casos são de modo isolados que, se não m as próprias empregadas nésticas a organizarem-se que lhes seja aberto o inho ao ensino, a percenta- elevadíssima de analfabe- o não diminuirá.

A preparação profissional é também essencial, dado que o contingente de mulheres que vem servir para as cidades provém dos meios rurais. A sua pouca idade, a ausência de conhecimentos sobre o funcionamento das diferentes lides domésticas e a hesitação diante dos modernos aparelhos electro-domésticos lança-as num cansaço físico e psíquico que em muitos casos prepara o caminho directo para a entrada na prostituição. Por todas estas razões as palavras de Conceição Ramos constituem uma profunda palavra de ordem:

. «Tomemos consciência de que só as empregadas domésticas libertarão as empregadas domésticas e não nos deixemos iludir com a generosidade de pessoas que, por conveniência, se dizem nossas defensoras.»

-se com jovens na escuta atenta de um debate sindical

SISTEMA



Um Centro Comercial
com todos os estabelecimentos
- o Centro Comercial Imaviz

O Centro Comercial Imaviz
está no sítio certo:
no edifício Aviz,
na Av. Fontes Pereira de Melo.
É fácil ir comprar
ao Centro Comercial Imaviz:
- Deixando o seu carro
no ESTACIONAMENTO AVIZ

- Utilizando o METRO
A estação das Picoas tem
saída directa para o Centro
- Utilizando as múltiplas carreiras
de autocarros que passam pelo
Centro Comercial Imaviz

E, DEPOIS DE TUDO,
GANHE 150 CONTOS
EM COMPRAS
NA SENSACIONAL
PROMOÇÃO DE NATAL*

ESTE NATAL
FAÇA
AS COMPRAS
MAIS SIMPLES E RÀPIDAMENTE

*Consulte o regulamento no Centro Comercial Imaviz

Estrangeiro

APESAR DA CRISE

As "14 Mais" do petróleo ganharam em 1974 418 milhões de contos

Para muitos milhões de automobilistas a crise do petróleo ficou a dever-se aos árabes, que não cessam de aumentar os preços, mas o facto curioso é que, enquanto muitas companhias internacionais, em sectores diferentes, foram profundamente afectadas, as petrolíferas obtiveram lucros fabulosos.

A Exxon, multinacional americana que em 1974 ocupou o primeiro lugar entre as 50 principais sociedades a nível mundial na classificação estabelecida pela revista «Fortune», teve cerca de 88 milhões de contos de lucros. Todas juntas, as 14 principais companhias petrolíferas que figuram nessa lista ganharam a insignificante soma de 418 milhões de contos, mais milhão menos milhão. É curioso, ao mesmo tempo que significativo, é o facto de essas companhias, operando na zona central de uma crise que marcou profundamente a indústria mundial em quase todos os sectores, não só obtiveram esses lucros impressionantes, como subiram todas de posição, no tal campeonato das «50 mais» em relação a 1973, enquanto os construtores de automóveis baixaram todos na referida tabela e alguns registaram mesmo elevadíssimos «déficits» como foi o caso da Volkswagen que perdeu cerca de nove milhões de contos. Vejamos agora quais foram essas «50 mais» em 1974 e quanto ganharam.

ORDEM 1974	ORDEM 1973	SOCIEDADE	PAÍS	VENDAS/LUCROS Milhões de dólares	
1	2	Exxon	EUA	42 061	3 142.2
2	4	R.Dutch-Sh -ll	G.-Bret./ /Holanda	33 037	2 715.2
3	1	General Motors	EUA	31 549	950.07
4	3	Ford	EUA	23 620	360.9
5	7	Texaco	EUA	23 255	1 586.4
6	8	Mobil Oil	EUA	18 929	1 047.4
7	15	British Petroleum	G.-Bret.	18 269	1 140.1
8	14	Standard Oil Cal	EUA	17 191	970.01
9		National Iranian Oil	Irão	16 802	não publicado
10	12	Gulf Oil	EUA	16 458	1 065
11	9	Unilever	G.-Bret./ /Holanda	13 666	362,8
12	6	General Electric	EUA	13 413	608,1
13	10	IBM	EUA	12 675	1 837.6
14	11	ITT	EUA	11 154	451.07
15	5	Chrysler	EUA	10 971	52.09
16	13	Philips	Holanda	9 422	273.5
17	18	US Steel	EUA	9 186	634.8
18	26	Standard Oil Ind.	EUA	9 085	970.2
19	50	Cie Fr. des Pétroles	Franca	8 908	294.4
20	16	Nippon Steel	Japão	8 843	113.1
21	43	Thyssen	RFA	8 664	130.02
22	27	BASF	RFA	8 497	201.02
23	22	Hoechst	RFA	7 821	205.2
24	33	Shell Oil	EUA	7 633	620.5
25	17	Western Electric	EUA	7 381	310.6
26	41	ENI	Italia	7 172	91.2
27	44	Continental Oil	EUA	7 041	327.6
28	28	ICI	G.-Bret.	6 911	567.9
29	29	Du Pont	EUA	6 910	403.5
30		Atlantic Richfield	EUA	6 739	474.6
31	25	Siemens	RFA	6 701	189.1
32	19	Volkswagen	RFA	6 568	312.58
33	21	Westinghouse	EUA	6 466	28.1
34	37	Bayer	RFA	6 300	189.3
35	23	Daimler-Benz	RFA	6 288	100.5
36	38	Montedison	Itália	6 189	173.6
37	20	Hitachi	Japão	6 183	120.2
38	24	Toyota Motor	Japão	5 948	100
39		Elf Group	Franca	5 900	238.1
40		Occid Petroleum	EUA	5 719	280.6
41	30	Mitsubishi	Japão	5 664	50.1
42	31	Nestlé	Suiça	5 603	250.1
43	48	Bethlehem Steel	EUA	5 380	342
44	36	Renault	Franca	5 341	7.26
45	40	British Steel	G.-Bret.	5 340	170.4
46		Union Carbide	EUA	5 320	530
47	35	Goodyear	EUA	5 256	157.4
48		Brit. Amer. Tobacco	G.-Bret.	5 152	275.7
49		Tenneco	EUA	5 001	321.4
50		Petrobas	Brasil	4 989	540.6

Plataforma petrolífera ao largo de Aberdeen (Escócia), sobrevoada por um «Nimrod» da R.A.F. em missão de reconhecimento

Os espanhóis continuam a ser menores

Por JUAN CASTELLANO

Ao falar de Espanha, há que distinguir entre a «Espanha oficial» e a «Espanha real». A «Espanha oficial» é representada, desde a guerra civil, pelo franquismo como uma comunidade de interesses que Franco se encarregava de concretizar, dado que os espanhóis tinham demonstrado que não eram capazes de o fazer por si mesmos... Os espanhóis eram uns rapazolas rebeldes que necessitavam da autoridade forte de um pai para não andarem constantemente à briga e poderem vir a ser uns homenzinhos no dia de amanhã. Seguindo este critério, Franco referia-se a Espanha e aos espanhóis como «uma grande família» e, na mesma linha, qualquer industrial se referia à «grande família que a sua empresa constituida» e os que desempenhavam altos cargos da administração falavam da «grande família que o seu departamento constituía».

O paternalismo regeu os destinos dos espanhóis por todo o tempo de duração da ditadura de Franco. Um paternalismo muito especial, é certo, porque nele cabe a possibilidade de o pai castigar severamente os filhos para os levar para o bom caminho, ainda que o facto de chegar a matá-los desminta redondamente que as punições «fossem feitas para bem dos punidos». Esta tremenda carga de sangue que a direita espanhola arrasta consigo tem-se vindo a tornar pesada à medida que deixou de corresponder aos seus interesses de classe. Na década de 60 começou a assistir-se a várias tentativas de «lavar a cara ao fascismo». Estas tentativas eram forçadas pela «direita civilizada» europeia, uma vez que a esquerda espanhola — que, no entanto, não conseguiu ainda recuperar suficientemente dos efeitos produzidos pela perda da Guerra Civil para dar batalha no interior do país — conseguiu, depois da vitória aliada na Segunda Guerra Mundial, uma grande audiência em todos os organismos políticos europeus, o que lhe permitiu realizar campanhas sistemáticas de denúncia.

As direitas europeias, e, por maioria de razão, as sociais-democratas, não podiam consentir que a sua imagem se empanasse ante a opinião pública dos respectivos países com um apoio directo ao regime espanhol. Os negócios ressentir-se-iam.

A Igreja, na sua função histórica de sobreviver, foi evoluindo, para uma posição de crítica, que favoreceu a entrada no jogo político de um amplo sector da juventude, capitaneado pelos «padres progressistas».

Movidos pelo intento de perpetuar os seus privilégios, os sectores mais comprometidos na Guerra Civil vinham desenvolvendo uma forte actividade que os levou a controlar, nos últimos anos de Franco, a vida política nacional e os mecanismos repressivos. As execuções do mês de Setembro são o coroamento de todo um processo a favor do imobilismo social e político.

O DESAPARECIMENTO DE FRANCO

. . O desaparecimento físico de Franco permitiu que as forças, que nos anos 60 não conseguiram plenamente os seus objectivos, voltassem a tomar a iniciativa. Todos os postos-chave virados para o futuro estão ocupados no actual Governo por homens daquela época. O expoente máximo daquela corrente reformista, Fraga Iriarne, conseguiu colocar à frente de ministérios-chave homens da sua confiança, ao mesmo tempo que ele, como vice-presidente para Assuntos do Interior e ministro da Governação, vai ser o factor determinante nesta primeira etapa pós-franquista.

A «espanha oficial» prepara-se assim para, com a renúncia ao menor número possível de privilégios, assentar as bases de uma longa e frutuosa etapa de continuidade no exercício das suas prerrogativas. É imprescindível destacar alguns parágrafos da declaração de princípios do actual Governo espanhol. Começa por exprimir o seu «firme propósito de interpretar e realizar as aspirações da comunidade nacional». Faz uma referência especial à aceitação e defesa da lei e da ordem pública e à «abnegada entrega dos que defendem abertamente a paz social (polícia armada e Guarda Civil)». Desenvolverá a sua política económica «num marco de economia de mercado que, estimulando a concorrência, oriente a economia espanhola para uma crescente cooperação e integração nas comunidades europeia e mundial». «Procurará que o ordenamento jurídico-político tenda a uma maior homogeneidade com a comunidade ocidental», afirmando que esta «acção transformadora pressupõe a aceitação por todos de um processo de evolução e desenvolvimento em todas as ordens, que afastem as rupturas e as desqualificações injustificadas, por perturbadoras e estéreis. O Governo propõe-se perseverar na construção de uma democracia espanhola que não possa ser minada por nenhuma ameaça totalitária». Afirma que uma forma de participação cívica é a «aceitação dos sacrifícios e renúncias indispensáveis para fazer de Espanha uma nação mais unida, mais livre e mais justa». Esta declaração governamental termina, especificando que «toda a actuação do Governo será regida pelo respeito e defesa dos valores religiosos, morais e do espírito».

Convém assinalar que os signatários desta declaração são responsáveis, em maior ou menor grau, por umas duzentas e cinquenta mil execuções sumaríssimas. Um quarto de milhão de mortos contados desde o dia seguinte ao fim da Guerra Civil até ao 28 de Setembro de 1975.

A «ESPANHA REAL»

A este elenco de forças direitistas, nalguns casos de matiz claramente fascista, a «Espanha real» opõe umas estruturas de oposição muito marcadas pela clandestinidade na qual tiveram que se desenvolver. Pode afirmar-se com muito pouca margem de erro que a única força política operativa que subsistiu à Guerra Civil em condições suficientes para manter, durante anos, uma força guerrilheira e realizar posteriormente uma efectiva acção clandestina entre as massas foi o Partido Comunista Espanhol. O P. C. E., que conta uma grande tradição de luta estribada na sua actuação durante a Guerra Civil, nas acções de guerrilha que desenvolveu contra o exército alemão e na sua constante acção frente à ditadura franquista, viu a sua expansão limitada pelo carácter estalinista que imprimia à sua organização. Foi a partir da intervenção das forças do Pacto de Varsóvia na Checoslováquia que começou a definir uma linha independente de actuação que hoje o coloca ao lado dos partidos comunistas francês e italiano.

O Partido Socialista Obrero Español surgiu, após uma série de vicissitudes, como força política com um grande papel a desempenhar na actual conjuntura espanhola. Depois de jovens militantes do interior terem ocupado os postos da maior responsabilidade, o partido adquiriu um dinamismo que o colocou, juntamente com o PCE, à cabeça de uma ampla coligação de forças políticas que propugnam uma mudança imediata por via pacífica. No texto do acordo entre a Junta Democrática de Espanha (PCE) e a Plataforma de Convergência (PSOE) determina-se a «realização de um esforço unitário que possibilite a formação urgente de uma ampla coligação democraticamente organizada, sem exclusões, capaz de garantir o exercício, sem restrições, das liberdades políticas e sindicais e dos direitos civis, abrindo um período constitucional que venha a desembocar na consulta popular determinadora da forma de Estado e de Governo».

Podemos dizer, em resumo, que depois da morte de Franco se deram modificações tão ligeiras que não justificam sequer uma profunda alteração das tácticas a seguir entre as duas forças básicas, que, ali como em todo o mundo, se defrontam: explorados e exploradores.

Estrangeiro

"Mulheres do ano" nos Estados Unidos

. NOVA IORQUE, 29 (R.) — A revista «Time», que elege habitualmente o Homem do Ano, escolheu 12 mulheres para essa honra, em 1975.

Eis as eleitas: a esposa do presidente, senhora Betty Ford, a governadora Ella Grasso, do Connecticut, a tenista Billie Jean King, Carla Hills, secretária da Hurbanização, a congressista democrática Barbara Jordan, do Texas, Susan Brownmiller, autora do livro «Against Our Will-Men, Women and Rape», Alison Cheek, sacerdote-coadjutor da igreja de Santo Estevao e da Encarnação (anglicana) em Washington, Susie Sharp, juiz-conselheiro presidente do Supremo Tribunal da Carolina do Norte, Kathleen Byerly, segundo-tenente da Marinha, que presta serviço em San Diego, na Califórnia, Addie Wyat, directora da secção feminina do Sindicato do Pessoal dos Talhos, Carol Sutton, directora do «Louisville Courier Journal», e Jill Ker Conway, presidente da Faculdade Smith.

Essas senhoras venceram o secretário de Estado, Henry Kissinger, o físico soviético Andrei Sakharov, laureado este ano com o Prémio Nobel da Paz, e o presidente Anwar Sadat do Egipto, entre outros candidatos.

A revista diz que as mulheres foram eleitas «em reconhecimento da contínua emergência da mulher em 1975, assim como em reconhecimento das realizações individuais das 12 pessoas seleccionadas».

Contudo, não são «as primeiras mulheres do ano» da «Time». Wallis Warfield Simpson ganhou a distinção, em 1936, quando o rei Eduardo VII da Grã-Bretanha abdicou para se casar com ela. No ano seguinte a senhora Chiang Kai-Shek partilhou a honra com o marido, o general Chiang Kai-Shek, e a rainha Isabel da Grã-Bretanha foi citada, em 1952, quando subiu ao trono.

SOTERRADOS 370 MINEIROS

Perderam-se as esperanças de encontrar sobreviventes

HULHEIRA DE CHASNALLA (Nordeste da Índia), 29 (Por Peter O'Neill, da Reuter) — Brigadas de socorro abandonaram hoje virtualmente todas as esperanças de encontrar sobreviventes, apos o pior desastre numa mina de carvao na India.

Pelo menos 370 mineiros ficaram soterrados no sábado quando água alagou duas galerias da hulheira de Chasnalla. O nivel da cheia chegou a cerca de 23 metros acima das galerias onde os homens trabalhavam.

Em o a al u s a entes continuassem a espera, a entrada da mi a, ic len ad ainda esperanças de que alguns homens possam ter sobrevi o em bo sas de u, tecnicos afirmaram ser muito escassas as probabbidades de tal ter acontecido.

Havia co f s o sobre o numero exacto de vitimas. As a t r dad s o ernam n a s disseram que o livro de ponto da galeria revelava que 372 homens tinham desaparecido. As autoridades confiscaram o livro a dirigentes sindicais, que afirmaram que 700 pessoas se encontravam na mina. Contudo, técnicos de mineração notaram que a capacidade máxima de uma galeria seria de 400 homens.

Muitos mineiros, que ajudaram as brigadas de socorro, regressaram ja aos lares, completamente esgotados de corpo e alma, pois nenhum cadáver foi ainda encontrado.

A unica coisa que se pode fazer neste momento e retirar agua da mina, o que poderia levar pelo menos, 15 dias, embora estejam agora em funcionamento cinco grandes bombas, disseram engenheiros.

Alguns dos homens que se encontravam na mina perto de Dhanbad, a 240 quilometros a noroeste de Calcuta, eram trabalhadores rurais de outros estados. As suas famílias abandonaram ja todas as esperanças e regressaram as terras natais.

No primeiro dia, apos a catástrofe, parentes dos mineiros desaparecidos foram contidos por cordões da polícia. Chegaram a estilhacar algumas janelas e a tentar agredir funcionários da hulheira.

Não se sabia ainda ao certo o que causou a inundação das duas galerias onde os homens trabalhavam.

Técnicos excluiram a hipótese de uma explosão, como foi anunciado antes. Alguns sugeriram que os dois grandes estampidos ouvidos no sábado à noite, poderão ter sido causados por um vácuo devido ao d smoronamento de galerias abandonadas, onde já não se extraia carvão.

A pior catástrofe registada antes numa mina na Índia foi quando 268 homens morreram em consequência de uma explosão da hulheira próxima de Dhori, em 1965. Uma explosão de gás na mina de Chinakuri em Bengala ocidental, matou 178 homens, em 1958.

As três minas encontram-se a uma distância de 80 quilometros uma das outras no rico cinturão de carvão que atravessa os Estados do Bihar e da Bengala Ocidental.

A hulheira de Chasnalla, uma das mais modernas da Índia, obteve, ha seis anos, um novo emprestimo do Banco Mundial, podendo, assim, continuar em laboração. Emprega va cerca de 1500 homens que trabalhavam nas galerias. Os salários eram bons pelos padrões indianos, entre um mini m e 400 rupias (cerca de 1440 escudos) e um máximo de 700 (aproximadamente 2520 escudos) por mês.

O comissário interino do distrito ordenou que fossem feitos pagamentos especiais de mil rupias (cerca de 3600 escudos) as famílias das vitimas. Espera se tambem que recebam in d mnizacoes atingindo pelo menos, 10 000 rupias (aproximadamente 36 contos).

Adiadas por um ano as eleições indianas

NOVA DELI, 29 (R) — O Partido do congresso, que ocupa o poder na India, decidiu hoje que as eleicões gerais, que se deveriam realizar em Marco proximo, seriam adiadas, pelo menos, por um ano.

A conferência nacional do partido, que se inaugurou hoje numa pequena vila perto de Chandigarh, a capital do Punjab, comunicou que prolongaria por mais um ano a vigência da Lok Sabha (Câmara Baixa).

A decisão requere a aprovação formal do Parlamento, mas o o Partido do Congresso, que dispõe de uma maioria de dois terços em ambas as câmaras, não terá dificuldade em conseguir o adiamento.

O Parlamento deverá reunir-se, em 5 de Janeiro, para a sua segunda sessão desde que o estado de emergência foi imposto no pais, há seis meses.

A decisão de protelar a consulta às urnas não foi surpresa. Na verdade, a senhora Indira Gandhi, primeiro ministro, e outros membros do governo sugeriram, por diversas vezes desde a imposição do estado de emergência, que as eleicoes nao se poderiam efectuar presentemente.

A consulta às urnas deverá agora realizar-se em principios de 1977 para escolher as assembleias legislativas da maioria dos 22 Estados da Índia.

De Kantabraooah, de 61 anos, foi reeleito, sem oposição, presidente do Partido do Congresso quando a conferência se iniciou hoje, de manhã. Fora nomeado para o influente cargo pela senhora Gandhi.

Vigora um rígido dispositivo de segurança, sendo todos os delegados revistados antes de entrarem na sala da conferência. As noticias sobre a conferência são também submetidas previamente a censura.

SEGUNDO O JORNAL "YA"

Encontram-se desempregados seiscentos mil espanhóis

. MADRID, 29 (ANOP) — Existem actualmente 600 000 desempregados na Espanha — anunciou o diário «Ya», citando estatísticas não oficiais contidas num boletim informativo regular publicado pelo Ministério do Comércio espanhol.

O referido total representa 5 por cento da força operária do país.

Entretanto, as últimas estimativas oficiais colocavam o número de desempregados em 360 282, ou seja 2,7 por cento da força operária da Espanha.

Por outro lado, soube-se que o investimento publicitário em Espanha durante 1974 ascendeu a 42 309 milhões de pesetas, o que representa um incremento de 4000 milhões de pesetas sobre 1973.

A jornais e revistas couberam 29 e 18 por cento respectivamente. Dezassete por cento foram para a Televisão e 5 por cento para a Rádio.

Os demais meios, como folhetos, cinemas, teatros, etc. absorveram os restantes 31 por cento.

NOVA ORGANIZAÇÃO BASCA

BILBAU, 29 — (ANOP) — Com um pedido de amnistia geral para presos políticos e liberdades políticas, constituiu-se ontem uma nova organização clandestina espanhola: a «Assembleia Democrática de Euzkadi (País Basco)».

A primeira reunião do novo agrupamento realizou-se na cidade basca de Guernica e nela participaram mais de duas mil pessoas em representação das três províncias do País Basco — Biscaia, Guipuzcoa e Alava.

A primeira exigência da organização foi uma amnistia global para todos os presos políticos e exilados por motivos políticos ou sindicais e liberdade de pensamento, reunião, associação, manifestação, filiação em sindicato e direito à greve.

Um informador da «ADE» revelou que a polícia de serviço junto do edifício onde a reunião teve lugar não interferiu, embora muitos dos presentes transportassem bandeiras separatistas bascas e gritassem palavras de ordem antigovernamentais.

ENTREVISTA DE TIERNO GALVAN

CIDADE DO MÉXICO, 29 (FP) — O Governo e a direita de Espanha pretendem um socialismo unificado — declarou o dirigente do Partido Socialista Popular, Enrique Tierno Galvan, ao semanário mexicano «Lunes Excelsior».

Na entrevista, Tierno Galvan salienta: «Querem um interlocutor de esquerda não violento».

Segundo o dirigente socialista popular, a oposição em geral deseja o diálogo com o governo, «sempre que o processo rumo à democracia seja correcto».

É necessário «devolver a soberania ao povo» — acrescentou. Segundo Tierno Galvan, o regime tenciona permitir a formação de novos partidos políticos.

Finalmente, Galvan denunciou o terrorismo de direita e de esquerda. «A internacional terrorista que impera no Mundo parece o anarquismo do século passado. O anarquismo é um imponderável que pode estropear o processo democrático pacífico que a esquerda deseja» — disse o chefe do P.S.P.

Tierno Galvan deslocou-se neste fim-de-semana a Lisboa, tendo-se avistado com o dr. Mário Soares, dirigente do Partido Socialista Português. Mário Soares descreveu Tierno Galvan como um «amigo de longa data».

Influência de ideologias de esquerda na Europa

LONDRES, 29 (R) — Até mesmo os partidos comunistas ortodoxos estão a rever os seus programas políticos sob a influência de ideologias da esquerda na Europa — afirma hoje o «Financial Times».

Num editorial esse jornal diz: ..«Um dos aspectos mais significativos de 1975 foi a evidência cada vez maior de uma mudança profunda dos padrões políticos da esquerda na Europa Ocidental...

«O caso do P. C. Francês é provavelmente o exemplo mais claro dessa evolução dos exemplos tradicionais.

«A razão imediata da mudança da atitude do P. C. Francês é a necessidade de conseguir apoio eleitoral e devido a isso sente evidentemente que precisa de uma imagem mais moderna.

«Não pode haver dúvida de que a subida de um partido comunista ao Poder num país europeu ocidental, até mesmo numa coligação, apresentaria problemas sérios à N. A. T. O...

«Contudo, é importante tomar em consideração a efervescência de uma vasta variedade de ideologias da esquerda em toda a Europa, que está a obrigar até mesmo P. C. ortodoxos a rever os seus programas políticos e formas de actuação», conclui o «Financial Times».

Caleidoscópio

■ TEERÃO, 29 — (R.) — A Argélia acedeu a libertar os guerrilheiros pró-palestinianos, que raptaram os principais ministros do Petróleo, da sede da O. P. E. P. (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), em Viena, segundo afirma hoje o correspondente em Argel do jornal de Teerão «Kayhan».

■ ARGEL, 29 (ANOP) — O presidente argelino Houari Boumedienne e o chefe líbio coronel Muammar Gaddafi, efectuaram ontem conversações políticas em Hassi Messaoud, na Argélia anunciou a agência noticiosa argelina.

■ ISKENDERUN (TURQUIA), 29 (R.) O primeiro-ministro soviético Alexei Kossyguine inaugurou ontem uma siderurgia gigantesca, construida pelos russos, nas proximidades de Iskenderun, e saudou o complexo como exemplo do desanuviamento.

Kossyguine já regressou à União Soviética, terminada uma visita que se iniciara na sexta-feira.

■ PARIS, 29 (R.) Faleceu na quinta-feira o editor Gaston Gallimard anunciou a família. Contava 94 anos.

Criou em 19 a editora Gallimard, que se tornou uma das maiores no mundo de língua francesa.

■ LONDRES, 29 — (Anop) — Os jornalistas da B. B. C. (British Broadcasting Corporation) estarão hoje em greve.

■ BEIRUTE, 29 (R.) O jornal independente «An-Nahar» afirma que a visita efectuada à Síria pelo reiKhaled da Arábia Saudita, durante a qual travou conversações com o presidente Hafez Assad e o dirigente dos guerrilheiros palestinianos, Yasser Arafat, terminou com um acordo sobre a necessidade de se resolver o mais depressa possível a crise no Líbano.

■ MOSCOVO, 29 (R.) Um tribunal soviético condenou cinco homens à morte por fuzilamento, por defraudarem o Estado em cerca de nove milhões de rublos, numa enorme fraude envolvendo a compra de vegetais não existentes por uma fábrica de empacotamento.

Três oficiais soviéticos libertados pela China

. PEQUIM, 29 (FP/R) Os três oficiais pertencentes à tripulação do helicóptero soviético libertado no sábado passado pelas autoridades chinesas deixaram Pequim esta manhã, por via aérea, com destino a Moscovo.

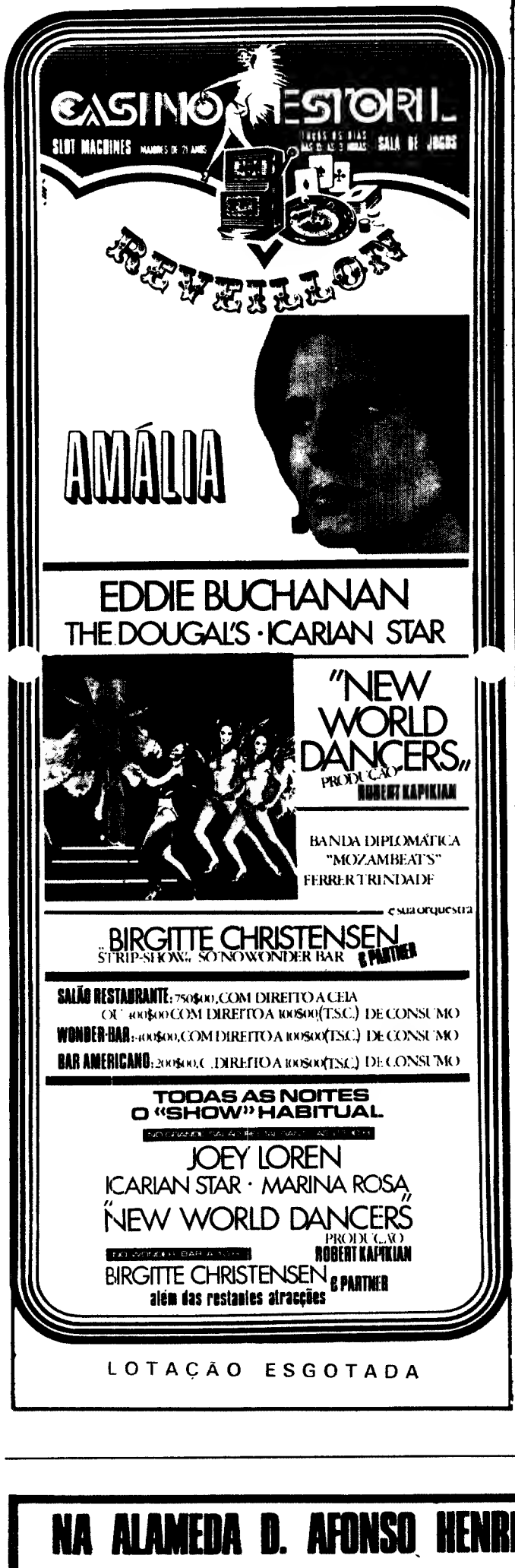
Trata-se do capitão Alexander S.Kurbatov, do tenente A.Fuskov e do alferes V.G.Buchelnikov, que tinham sido capturados em 14 de Março de 1974 e deixam assim a China após 21 meses de cativeiro.

Foram saudados no aeroporto por oficiais chineses e pelos membros da Embaixada Soviética em Pequim.

Entretanto, a agência Nova China afirmou hoje que o perigo de uma nova guerra mundial «está verdadeiramente a aumentar» e acusou a União Soviética de tornar um conflito inevitável com uma política de domínio global.

Foi a segunda vez em quatro dias que a agência noticiosa oficial chinesa se referiu a perigos de guerra provocados por rivalidades entre Washington e Moscovo.

A Nova China disse que os Estados Unidos e a U.R.S.S. eram os únicos países que podiam mergulhar o Mundo numa nova guerra, mas escolheu Moscovo como a fonte principal de perigo devido a Washington se achar «na defensiva devido à sua posição mais fraca».



Espectáculos

Crítica de Música

MÁRIO VIEIRA DE CARVALHO

A resistência antifascista e a lição de Lopes-Graça

No aspecto das estruturas socioculturais, a situação da música ao longo de 48 anos de fascismo tem de ser entendida em estreita ligação com a natureza do Estado — o Estado dos grandes monopolistas e latifundiários — e do Poder político — o Poder policial-pidesco de uma ditadura terrorista, sustentado, no campo ideológico, pelo mais retrógrado dos obscurantismos. Neste contexto, o panorama era o seguinte: vida musical oficial, expressa em concertos, espectáculos de ópera, etc, restrita quase exclusivamente à burguesia da capital (no caso da ópera em S. Carlos, restrita quase exclusivamente aos detentores do Poder, isto é, aos monopolistas e latifundiários propriamente ditos, aos seus ministros, aos seus ideólogos das cátedras universitárias, aos seus técnicos superiores); ensino da música completamente de rastos, desligado da escola primária e secundária geral, sem dignidade universitária, com um Conservatório Nacional destruído pela estupidez activa de um «homem de mão» de Salazar; meios de comunicação de maior expansão ao serviço do **colonialismo** de disco ligeiro «anglo-saxónico», do mau gosto comercial que ficou conhecido pelo nome de «nacional-cançonetismo» e da contrafacção folclórica; centros de decisão musical entregues, salvo raras escepções, a gente míope, investida de largo poder pessoal, ora da estrita confiança do regime, nos lugares oficiais, ora com o mesmo conluiada, em certas instituições privadas; preterição ou perseguição sistemáticas de alguns dos maiores valores da nossa cultura musical, conhecidos pelas suas ideias progressistas, como foi o caso de Luís de Freitas Branco, afastado da direcção do Conservatório, juntamente com Viana da Mota, em 1938, e vítima de um ridículo, processo disciplinar, no ambito da Emissora Nacional, alguns anos mais tarde. ou como foi o caso de Fernando Lopes Graça, a quem, nao obstante a qualificação máxima obtida em diversos concursos, foi coarctado, primeiro, o exercício pedagógico no Conservatório, e depois, já nos anos cinquenta, o magistério particular na Academia de Amadores de Música (que tanto dignificara, com Tomás Borba e outros pedagogos), para além das prisões, desterros, e outras interdições de vária ordem a que foi sujeito. Por outro lado, e paralelamente à vaga de subprodutos de música comercial, veiculada através dos meios de comunicação, o fascismo também procurou incluir música dita «erudita» no seu programa de intoxicação ideológica, havendo músicos portugueses que por fraqueza, cumplicidade ou oportunismo (artístico-financeiro), corresponderam a essa solicitação: feridas de mal congénito, as obras musicais assim nascidas não têm, hoje, existência real no património cultural do nosso povo.

Mas havia a resistência antifascista. Havia os que, também na música ou, por vezes, só a pretexto da música, juntavam a sua voz ao coro das forças políticas e sociais que quotidianamente criavam condições para o surto da Revolucão libertadora. Havia os cantores populares, como José Afonso Adriano Correia de Oliveira, José Mário Branco, e outros, trazendo nos seus discos, mais ou menos explicitamente, o apelo à consciência revolucionária das massas, e passando com eles as malhas dos meios de comunicação malhas que a censura por vezes afrouxava, mercê da luta dos profissionais da rádio progressistas.

Havia , a outro nível, os compositores e intérpretes que sabiam extrair da música todas as suas consequências, enquanto arte, e que procuravam fazê-la projectar na dinâmica social, **também** como instrumento de uma luta ideológica antifascista. Havia os críticos e produtores de programas que travavam batalha contra o obscurantismo (na música ou veiculado pela música), quer na Imprensa, quer na Rádio e até, uma vez por outra, na própria televisão. Havia os organismos associativos de tradição democrática (a Academia de Amadores de Música, a extinta «Sonata», as Associações de Estudantes, o movimento coral, também a Juventude Musical Portuguesa e, de uma maneira geral, muitas das colectividades populares de cultura e recreio) que constituíam um factor de polarização e dinamização das actividades e do debate de problemas musicais, em resposta ao ancilosamento do estreito circuito oficial. Havia finalmente o povo, sobretudo o povo trabalhador alentejano, que mantinha viva a sua própria música, que a defendia do abastardamento e da alienação comerciais turísticos, que a ligava permanentemente às tarefas da unidada e da luta pelo pão, pelo trabalho, por uma vida melhor.

Bem pode dizer-se, pois, que a cultura musical portuguesa do nosso tempo, tal como a cultura literária, filosófica e até científica, se forjou na resistência antifascista. O seu mais lídimo representante — Lopes Graça — reuniu numa vasta obra multifacetada todos os aspectos relevantes em que ela (a cultura musical portuguesa) hoje se manifesta. Na sua actividade de crítico e musicógrafo, Lopes Graça ensinou-nos a pensar a música em função do homem, a descobrir a arte dos nossos contemporâneos como parte integrante da nossa vida, a identificar e respeitar, tanto no valor sociológico como no estético, o genuíno património musical do Povo Português; ensinou-nos a distinguir a verdade do charlatanismo; ensinou-nos a compreender donde vinha, e como se manifestava, na música, o assalto à Razão, a política anticultural do Estado Novo, fascismo. Como organizador e animador do movimento associativo e do movimento coral, Lopes Graça empenhou-se em tornar realidade sociocultural a música assim **assumida**, empenhou-se em subverter o círculo fechado (oficial) da música **consumida**. Como investigador de etnomusicologia, e em colaboração com Michel Giacometti, recolheu, analisou e promoveu a divulgação do nosso folclore autêntico — respondendo à acção confusionista e dissolvente do SNI e, depois, da SEIT, quando não à voluntária inércia de uma fundação Gulbenkian. Como artista-criador (Lopes Graça é, para além de tudo, o compositor) fez-se intérprete pofundo do drama do seu povo e do momento histórico e guiou-se pelos mais elevados critérios de exigência estética, pela autenticidade expressiva: na sala de concertos recusou pactuar com o gosto burguês, chave do êxito fácil; entretanto, com as canções regionais portuguesas, arranjadas para o coro da Academia de Amadores de Música, e com as «heróicas», exerceu uma acção musical congregadora das massas populares e dos militantes de vanguarda em torno da tomada de consciência das suas próprias potencialidades criadoras e da mobilização para a luta antifascista.

Que há hoje de válido no nosso património musical que não seja a natural resultante desta grande tradição democrática e revolucionária? Desde os corais alentejanos a Fernando Lopes Graça todos os seus expoentes continuam iguais a si próprios...

O fascismo anda de mãos dadas com o **analfabetismo do intelecto** incansavelmente denunciado por António Sérgio; combate a **cultura integral do indivíduo** exaltada por Bento Caraça. A resistência antifascista foi também a luta dos intelectuais portugueses pela sua sobrevivência; foi a luta da cultura contra a anticultura, a luta da inteligência contra o obscurantismo, a luta das ideias elevadas contra o ordinário e o mediocre. Foi-o em todos os ramos do conhecimento; foi-o na música. É-o hoje, do mesmo modo, na defesa das conquistas da Revolução. O teste de «progressismo» reside precisamente aí: não se pode conciliar a Revolução com a anticultura, com o obscurantismo, com o ordinário e com o mediocre. A não ser que a Revolução volte a ser a do 28 de Maio, e que o novo Estado volte a ser o Estado Novo...

NA ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES (junto à Fonte Luminosa)

CIRCO MARIANO

O único circo português que representou Portugal no estrangeiro — EMPRESA: HENRY TONI

HOJE ÀS 21,30 HORAS

DIA 24 SÓ ESPECTÁCULO ÀS 16.30 H.
DIA 25 ESPECTÁCULO À 15, 18 e 21.30 H.
DIA 26 ESPECTÁCULO ÀS 16.30 e 21.30 H.
DIA 31 ESPECTÁCULO ÀS 21.30 com Reveillon!... Baile até de madrugada!
DIA 1 ESPECTÁCULO ÀS 15, 18 e 21.30 H.
DIA 6 ESPECTÁCULO ÀS 16.30 e 21.30 H. — ÚLTIMO DIA

O CIRCO MARIANO apresenta

a CONVIDADA DE HONRA ANITA GUERREIRO

atracção Mundial PROFESSOR KARMA e a sua médium BETY

os maiores mentalistas do Mundo!

2 PARELHAS DE PALHAÇOS os ELIZABETH'S e CAMPOS FILHOS

No CIRCO MARIANO

não chove, há aquecimento e todas as cadeiras são estofadas. (As bilheteiras abrem às 17 h. Dias de «Matinée» às 11 h.)

K. SAALFELD, LDA.
e DOCUMENTA

Informam que mudaram todos os seus serviços para a

AV. DA REPÚBLICA, 62-A – LISBOA

TEL. 77 20 11 E 77 17 53

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS
PARA HOMEM E SENHORA

TINTURARIA GUANABARA — Dep. de confecções
Av. João XXI, 5-D — Rua Infantaria 16, 55-C — LISBOA

Televisão

Canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

NEM SINATRA, NEM DESATA: UMA TV QUE SE DESBARATA

Eu cá não sei, não sei de todo em todo, o que tem a ver a Revolução Portuguesa com o Sinatra. Também não importa que eu saiba. Saibam-no alguns — e bonda. Não invalida a minha profunda inveja ao Presidente doConselho Português, a pelo menos uma das suas prerrogativas. Sabia-me tão bem mandar a televisão a um certo sítio, com todas as letras...

Aquilo pelo reino do Lumiar vai um caos e ninguém lhe deita reboque. Se é que há reboque possível...Ou então sou eu que, sob a acção repetida, dos raios gama, já tresleio. Ouvi, pareceu-me ouvir, anunciado para a noite um documentário sobre a India. Talvez fosse para o segundo programa, ou, como se diz às vezes na própria televisão, para o segundo canal. Talvez. As minhas desculpas se. Aliás, a precisão dos termos utilizados por aquelas bandas não é o seu forte. Exemplo: no *Telejornal* referem-se, com frequência, aos «três partidos da *coligação* governamental.» Toda a gente sabe que não existe qualquer coligação. Toda a gente menos os Veigas Pereiras, os Cardeiras, os Geraldos ou quem raio está a dirigir de facto aquela droga. São uns inocentes, coitadinhos...

Pois em vez do documentário sobre a India veio o espectáculo do Sinatra. Deitaram a mão á prateleira, veio aquilo. Podia vir outra coisa. Podia vir, por exemplo, outra dose de *Expedição*. Mais uma, menos uma...Já deito crocodilos, rinocerontes e cobras pelos olhos Sendo porém, certo que de todas as hienas que me aparecem na televisão, as menos assustadoras ainda são as da selva. E como, ao pé dos humanos tubarões, me parecem indefesos os tubarões dos oceanos...

Desculpem o mal cerzido desta prosa de hoje. Mas o Sinatra deixou-me fora de mim. Mal por mal, podiam dar-lhe descanso e substitui-lo, desde já, por uma espécie de folhetins do espectáculo da passagem do ano. A julgar pela apresentação, temos um desfile de encher o olho: entre nacionais e estrangeiros, os artistas rondam a centúria: ele é o Paulo de Carvalho, ele é a Tonicha, ele é a Maria da Fé, ele é o Solnado, o Breyner, o Cortez — basta! basta! Tu Zé Viana, tu podes ir apertando o cinto, atirado para o canto, esquecido da televisão portuguesa, a penar sabe-se lá o estranho castigo de teres sido antifascista quando era incómodo e perigoso ser antifascista e resistir e lutar contra a maré...É muito bem feito, seu *contra-revolucionário* de uma figa,

E certo que nem tudo se perdeu neste serão. Recordaremos os depoimentos daqueles três mercenários, protótipos de «gangsters», recrutados em S. Diego para serviço da U. N. I. T. A. e da F. N. L. A.

O primeiro declara ir ganhar 360 contos por ano. Admite que seja a CIA a financiar o negócio, embora com o apoio do Governo dos Estados Unidos.

O segundo mercenário considera-se bem pago. Além disso, gosta de ter uma metralhadora nas unhas. Fez o Vietnam, em Danang. Matar é a sua profissão.

O terceiro usa nome apropriado: Lobo. O Lobo de S. Diego, identifica-se com os ideais da U. N. I. T. A. e da F. N. L. A. — ou traduzindo: com os objectivos do imperialismo. É claro que amigos, amigos, negócios à parte — e o Lobo logo nos diz que «não trabalha pra aquecer»...

A C. I. A.. Em Angola. Só em Angola? Claro que não. Quem acredita nisso? Quem acredita que a C. I. A. se esqueceu de nós? Quem é tão louco para acreditar isso? Um dia o saberemos — oxalá que já não seja demasiado tarde...

Bom Desculpem as divagações Estava eu a falar, deixem-me ver...Ah, estava a falar do Sinatra. O Sinatra, no Madison a cantar perante 20 mil pessoas. O Sinatra raposão, macaco de rabo pelado, a usar a lábia que melhor quadre aos seus concidadãos — e ao mesmo tempo a fazer a propaganda no estrangeiro da sua querida América a quem, num rasgo de ternura chama «imperfeita» e explica que ainda bem que é imperfeita, porque se fosse *perfeita* nenhuns esforços se poderiam fazer para aperfeiçoá-la...

Sinatra. Multidão contente, com água quente. Tão feliz...De onde em onde, numa lágrima ao canto de um olho, ou um olho ao canto de uma lágrima, já não me lembro bem.

Sinatra. A televisão a evadir-se. A fugir aos encartes dos problemas nacionais. A desnacionalizar-se. A burguesia que recupera os seus mitos, os seus direitos.

Revolução portuguesa? Na RTP começas a ter o sabor de uma saudade...

Aos portugueses começa novamente a ser doloroso olhar para o presídio de Caxias. Começa novamente a ser doloroso olhar para o televisor.

Tempo de mágoa? Tempo de luta.

Produtor suspende um filme de Fellini

ROMA, 29 — (R) — Foram suspensas as filmagens da última obra do realizador Federico Fellini, «Casanova», devido ao seu elevado custo.

O produtor Alberto Grimaldi declarou hoje que Fellini foi convidado a não despender mais de um bilião de liras até à sua conclusão. «Os trabalhos recomeçarão logo que Fellini aceitar a nossa proposta para terminar o filme dentro de limites razoáveis de preço» — frisou.

Grimaldi acrescentou que «Casanova» com Donald Sutherland no papel principal, tinha sido inicialmente orçamentado em 4200 milhões de liras, mas embora só sessenta por cento do filme esteja completo já se gastaram 4800 milhões.

INCÊNDIO EM HOLLYWOOD

HOLLYWOOD, 29 — (R) — Declarou-se um incêndio no estúdio cinematográfico de Samuel Goldwyin, provocando estragos avaliados em mais de três milhões de dólares.

As chamas destruiram duas salas utilizadas nas filmagens das séries televisivas «Cannon» e «Barnabyn Jones». Não há notícias de vítimas.

Participaram no combate às chamas cerca de 150 bombeiros.

PUB

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO CIVIL DO DISTRITO DE LISBOA

SEDE: Praça D. Luís, 17, 1.º-Dt.º — Telef. 66 11 02/3 — L I S B O A —

ELEIÇÃO PARA OS CORPOS GERENTES DO SINDICATO PARA O TRIÉNIO DE 1976 A 1979 (MESA DA ASSEMBLEIA GERAL, DIRECÇÃO E CONSELHO FISCAL)

CONVOCATÓRIA

Nos termos da alínea b) do Artigo 61.º dos Estatutos, convoca-se a Assembleia Eleitoral para o dia 12 de Fevereiro de 1976 que, por força do disposto no Artigo 70.º dos Estatutos, funcionará das 9 (nove) às (vinte) horas, na sede do Sindicato (Praça D. Luís, n.º 17, 1.º andar, em Lisboa) e Delegações de Torres Vedras (Praceta Dr. Moura Guedes, n.º 6 c/v, Esq.) e Vila Franca de Xira (Rua Serpa Pinto, n.º 136, 2.º).

Lisboa, 23 de Dezembro de 1975

A MESA DA ASSEMBLEIA GERAL

NOTA — Avisam-se os sócios que só poderão participar na Assembleia Eleitoral, se estiverem no pleno gozo dos seus direitos sindicais.

Hoje

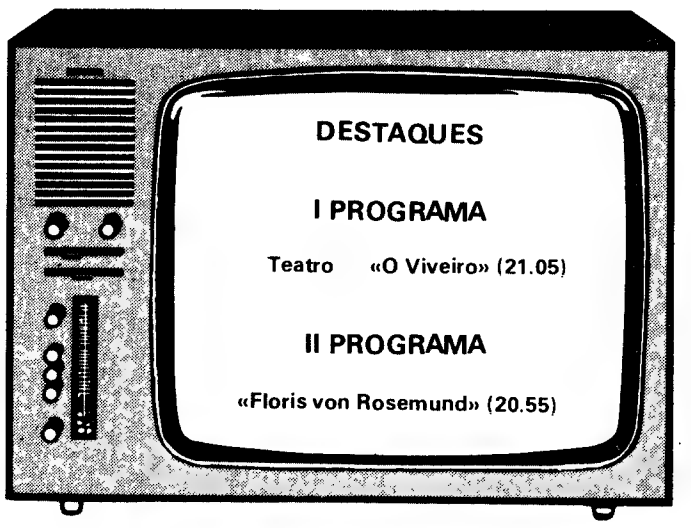
Henry Troyat autor da peça «O Viveiro»

I PROGRAMA

19.00 Abertura e um programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis.
19.25 **Teledesporto** — as actividades desportivas.
19.55 **Das Artes e Ofícios**
20.30 **Telejornal** — 2.ª edição — noticiário do País e do estrangeiro.
21.05 **Teatro** — «O Viveiro» — uma peça de Henry Troyat. Tradução, adaptação e realização de Bento Pinto França. Cenografia de Moniz Pereira. Intérpretes: Eunice Muñoz, Josefina Silva, João Perry, Isabel Ruth, Márcia Breia, José Braz e João da Silva Rebelo.
23.20 **Telejornal** — 3.ª edição
23.45: Fecho

II PROGRAMA

20.30 Abertura e **Expedição**
20.55 **«Floris von Rosemund»** — série filmada.
21.20 **Tempo de Viver** — primeiro de uma série de três programas sobre a evolução da canção francesa desde os anos 20 até à década de 70.
23.35 **Telejornal** — em diferido a 2.ª edição transmitida no I Programa.
23.00 Fecho



Amanhã

I PROGRAMA

. . . . **1.º Período** — **12.45**: Abertura e Culinaria 75; **13.15**: Telejornal — 1.ª edição; **13.30**: «Os Vagabundos»; **14.00**: Logo à Noite; **14.10**: Fecho. **2.º Período** — **19.00**: Programa produzido pelo Departamento de Programas Juvenis e Infantis; **19.30**: «Os Malucos do Circo»; **20.00**: TV Palco; **20.30**: Telejornal — 2.ª edição; **21.00**: Programa do E.M.G.F.A.; **22.00**: Natal na Tailândia; **23.00** Telejornal — 3.ª edição; **23.15**: Fecho.

II PROGRAMA

. . . . **20.30**: Abertura e «Os Vagabundos»; **21.00**: Classicos do Cinema; **22.30**: Telejornal; **22.45**: Fecho

PARA REPARAÇÃO DO SEU TV
CLÍNICA DE TELEVISÃO E ASTRONAUTA
COM RADIO-TELEFONE PARA MAIOR RAPIDEZ E EFICIÊNCIA
Deslocação e orçamento gratis
Telefs. 72 27 86 - 83 42 71
Avenida S. João de Deus, 13-B - Rua Macau, 8

Desporto

NACIONAIS DE FUTEBOL

Boavista sozinho e invicto

O Bessa em festa: não apenas porque está perfeitamente integrado nos festejos de fim de ano mas, também, porque este último fim-de-semana de 1975 lhe trouxe uma exibição verdadeiramente memorável (com golos para todos os gostos) e o lugar de comandante isolado no campeonato «profissional» de futebol.

A coisa, no Bessa, sábado à tarde, este calma: aconteceram oa golos a um ritmo impressionante (pelo menos na segunda parte) e outra coisa não seria de esperar. Os jogadores da camisola axadrezada fizeram um espectáculo digno de se ver e (no dizer do seu treinador) o «show» só muito dificilmente poderá ser repetido. Pormenor curioso: cada golo do Boavista foi «premiado» com um suplemento de duzentos escudos para cada jogador...

Também no sábado, Atlético e Belenenses defrontaram-se na Tapadinha. Um nulo em golos reflecte a fisionomia do encontro, no qual o «gigante» Freitas foi figura de cartaz. Dado o valor actual dos dois grupos, poder-se-á argumentar que o resultado acabou por favorecer os dois conjuntos.

No Estoril, quase a mesma coisa: só que quem esteve mais perto da vitória foi o Académico que, no entanto, se pode considerar feliz por não sair de 1975 com uma derrota. Já que os desaires foram constantes da equipa durante quase todo o ano. Este nulo absoluto, no Estoril, pode lançar o conjunto para um 1976 bem mais tranquilo.

E vamos aos jogos de ontem: do da Luz, pouco ou nada há a acrescentar à crónica que o Neves de Sousa alinhou para ser lida 24 horas depois do acontecimento. E quanto aos restantes...

Naturais os triunfos do Leixões sobre o Braga (2-0), do Vitória de Guimarães sobre o União de Tomar (3-1), como o do Beira-Mar face ao Farense (2-0). Só há que referenciar (levemente) o empate que os sadinos conseguiram, no seu Bonfim, frente ao F.C. do Porto: um 2-2 que nasceu com muitas dúvidas, dada a posição do marcador do segundo tento setubalense. Se, no encontro da Luz, houve motivos para a crónica e os apaixonados falarem durante alguns dias, a verdade é que, no Bonfim, também surgiu um caso para ser falado. O segundo golo de Manaca deixou dúvidas a muita gente...

Enfim: o campeonato maior do futebol «profissional» está no auge. E (à vista das próximas jornadas) bem se poderá adiantar algo mais: que Janeiro talvez possa vir a decidir, de uma vez por todas, qual o destino dos três clubes que estão mais adiantados na classificação. Senão, vejamos: domingo próximo temos o Benfica nas Antas e o Boavista em Alvalade. Depois, será a vez do Benfica viajar até ao Bessa. Que belo princípio de ano...

SEGUNDA DIVISÃO

Na segunda divisão, temos a assinalar, na zona Norte, ainda a invencibilidade do Salgueiros: ontem, foi à Covilhã buscar um (precioso) empate a um golo. Varzim e Gil Vicente golearam (7-1) o Feirense e (6-2) o Alba, respectivamente. O Lamas foi ganhar a Paredes, (2-0) e também o Famalicão rubricou cinco golos com o Régua. Na classificação, o Varzim continua primeiro (23 pontos) contra 19 do Chaves e 18 do Salgueiros e Paços de Ferreira

Na zona Sul, registe-se a vitória do Sintrense (em Portalegre, por 1-0), e o triunfo do Peniche, em Sesimbra (3-1). O Marítimo veio à margem sul do Tejo impor um nulo absoluto ao Barreirense, enquanto que o Montijo e o União de Santarém obtiveram empates em Torres Vedras (2-2) e em Évora (2-2).

Na classificação geral, Portimonense e Caldas são os guias com 20 pontos, seguidos do Montijo com 19 e do Olhanense com 18.

ORLANDO DIAS AGUDO

Pietra, Prieto e Sambinha: 500 contos na bilheteira da Tapadinha para ver o primeiro nulo de Lisboa

Lá fora

PETRÓLEO OBRIGA

O antigo jogador e treinador da equipa do Brasil, Mário Zagalo, treinará, na próxima temporada, a selecção nacional de futebol do Koweit, com vista as eliminatórias da «Taça do Mundo» de 1978, a disputar na Argentina. Zagalo indicou que partirá para o Koweit em 9 de Janeiro próximo.

Três vezes campeão do mundo, com a equipa brasileira (duas vezes como jogador e uma como treinador) Zagalo era, ultimamente, o técnico do Botafogo (Rio de Janeiro). Foi, igualmente, treinador da selecção «canarinho» no campeonato mundial de Munique, em que o Brasil foi eliminado nas meias-finais

SEXO «FRACO»

Dezassete agências noticiosas atribuíram a vencedora do disco Faina Melnik (da URSS), o primeiro lugar numa sondagem promovida pela «TASS», para a eleição das seis mulheres mais destacadas no Desporto em 1975 A nadadora alemã-oriental Kornelia Ender obteve o segundo lugar e a ginasta romena Nadia Komanechi o terceiro. Os restantes postos foram ocupados pela esquiadora austríaca Proell-Moser, pela ginástica soviética Ludmilla Turischeva e pela tenista norte-americana Chris Evert.

A sondagem foi realizada para assinalar o «Ano Internacional da Mulher».

PROMOÇÃO FUTEBOLÍSTICA

. . O Dinamo (de Minsk) e o Asas (de Kuibyshev) passaram para a 1.ª divisão da Federação Soviética de Futebol. Substituem o Pakhtakor (de Tashkent) e o Army Sports Club (de Rostov-no-Don) que foram relegados para o bloco secundário

Actualmente, há 16 equipas na 1.ª Divisão

DIGRESSÃO GINÁSTICA

. . Liundmila Turishcheva e Olga Korbut encontram-se, com outros ginastas soviéticos, a fazer uma «tournée» pelos Estados Unidos.

Portugal

Dois jogos para o nacional de andebol Sporting, 24-V Setubal, 17 e Técnico, 19-Boa Hora, 19. F C Porto e Belenenses (19 pontos), seguidos pela dupla Sporting-Benfica (17 pontos) são os concorrentes melhor cotados.

José Alvoeiro (Palmeiras) e campeão lisboeta de tenis de mesa.

Em Houilles (Franca) o fundista Carlos Lopes (Sporting) classificou-se em 2.º lugar, a quatro segundos de Hermens (Holanda) que é recordista da hora A esta prova (9300 metros) concorreram 402 atletas

O Nacional e o Cruzquebradense, desembaracando-se (respectivamente) do Combatentes e do Montijo, classificaram-se para a 2.ª eliminatória da Taça de Portugal, em basquetebol.

Números e nomes

Nacional futebolístico da 1.ª divisão, através dos resultados da 14.ª jornada: Atlético-Belenenses, 0-0; Estoril-Académico, 0-0; Vitória de Guimarães-União de Tomar, 3-1; Vitória de Setubal F. C. do Porto, 2-2; Benfica-Sporting, 0-0; Boavista-CUF, 9-0; Leixoes-Sp de Braga, 2-0; e Beira-Mar-Farense, 2 0.

Boavista, 9 Desportivo da Cuf, 0.

Jogo no Estadio do Bessa. Boavista: Botelho; Trindade, Mário João, Carolino e Tai, Alves, Barbosa e Acácio; F. Mario, Zezinho, e Salvador. CUF: Conhé, Vieira, Arnaldo, Vicente e Esteves; Antunes, Vitor Pereira e João Pedro, Nelson, Eduardo e Juvenal. Golos de Acacio (2), Zezinho (2), Francisco Mario, Alves (2), Trindade e Vitor Pereira (na propria baliza) substituições: Jorge Manuel rendeu Nelson e Frederico entrou para o lugar de Vicente. No Boavista, saiu Francisco Mário para entrar Branco e Jorge ocupou o lugar de Barbosa Arbitro: Manuel Veiga (Coimbra).

Atletico, 0 Belenenses, 0.

Jogo na Tapadinha: Atletico: Lapa; Coelho, Horta, Candeias e Franque; Eduardo, Baltasar e Wilson; Martins, Prieto e Avelar. Belenenses: Melo, Sambinha, Quaresma, Freitas e Cardoso; Pietra, Isidro e Jose Rocha; Vasques, Artur Jorge e Gonzalez. Substituições no Belenenses entrou Leitão para o lugar de Vasques e Pietra cedeu o posto a Ramalho. Nos alcantarenses, Avelar saiu para entrar Guerreiro e Seidi tomou o lugar de Candeias. Arbitrou Américo Barradas (Lisboa).

Estoril, 0 Académico, 0.

Jogo no campo «António Coimbra da Mota».

Estoril: Ruas; Vieira, João Carlos, Amilcar e Carlos Pereira; Eurico, Nelson Reis e Quim; Norberto, Clesio e Cepeda. Académico: Helder; Brasfemes, José Freixo, Alhinho e Araujo; Mário Campos, Gervásio e Vitor Manuel; Manuel António, J. Carvalho e Gregorio. Substituições: no Estoril entrou Torres para o lugar de Cepeda e, no Académico, Daniel ocupou o lugar de Carvalho. Arbitrou José Luis Tavares (Setúbal).

Benfica, 0 Sporting, 0.

Jogo no Estádio da Luz. Benfica: José Henriques; Artur, Barros, Messias e Malta da Silva; Vitor Martins, Toni e Sheu; Nené, Jordão e Moinhos. Sporting: Damas, Inácio, Laranjeira, Jose Mendes e Da Costa; Valter, Nelson e Fraguito; Marinho, Manuel Fernandes e Chico. Substituições: Jesus para o lugar de Manuel Fernandes e, depois Baltazar a render Jesus. No Benfica saíram Malta da Silva e Vitor Martins entrando Bastos Lopes e Romeu. Arbitrou César Correia (Faro).

Vitoria de Setubal, 2 F. C do Porto, 2

Jogo no Estádio do Bonfim, Setubal: Torres; José Lino, Carlos Cardoso, Sabu e Rebelo; Manaca, Carvalho e Vagner; Lito, José Mar a e Edson. F. C. do Porto: Rui; Murca, Ronaldo, Alhinho e Gabriel; Octávio, Teixeira e Cubillas; Oliveira, Ademir e Dinis. Substituições: No F C. do Porto, saiu Teixeira entrar Aviton; nos sadinos, César rendeu Carvalho e Arcanjo foi ocupar o lugar de Lino. Golos de Manaca para o Vitória e de Cubillas para o Porto.

Guimarães, 3 União de Tomar, 1.

Jogo no «Municipal» de Guimarães Vitória, Sousa; Artur, Alfredo, Torres e Osvaldinho; Pedroto, Almiro e Abreu; Pedrinho, Tito e Rui Lopes. Tomar: Silva Morais; Kiki, Calado, Faustino e Zeca; Florival, José Luis e Barrinha; Pavão, Camolas e Bolota. Golos de Tito, Abreu e F. Costa (pelos locais) e de Bolota (pelos forasteiros). Apenas uma substituição e no Vitória: Saiu Pedroto para entrar F. Costa Arbitrou Fernando Alberto (Porto).

Leixões, 2 Sporting de Braga, 0.

Jogo no Estadio do Mar. Leixões: Lucio; Jose Manuel, Adriano, Sidon e Raul; Bene, Fernando e Vaqueiro; Esteves, Eliseu e Albertino. Braga: Valter; Mendes, Fernando, Serra e Artur; Garcia, Marinho e Nogueira; Marques, Chico Gordo e Rocha. Golos de Vaqueiro e Albertino. Substituições: Marconi rendeu Marques e saiu Vaqueiro entrando Albano Arbitrou Carlos Dinis (Lisboa).

Beira Mar, 2 Farense, 0.

Jogo no «Estádio Mário Duarte». Beira-Mar Rola; Almeida, Inguilla, Soares e Guedes, Sousa, Zézinho e Rodrigo; Manecas, Sapinho e Laurindo. Farense: Ismael; Jaime, Sério, Almeida I e Cardoso; Almeida II, Manuel Jose e Chico Zé; Domingos, Mirobaldo e Jacques. Golos de Laurindo e Sapinho. Não se registaram substituições. Arbitrou Antonio Ferreira (Lisboa).

Classificação

	J.	V.	E	D.	B	P
BOAVISTA	14	10	4	—	36-10	24
Benfica	14	10	3	1	41- 9	23
Sporting	14	10	3	1	28-10	23
Belenenses	14	8	3	3	23-15	19
F. C. do Porto	14	6	5	3	33-16	17
V. de Guimarães	14	6	5	3	28-13	17
Estoril	14	6	3	5	18-21	15
Atlético	14	6	1	7	16-22	13
Sp. de Braga	14	3	5	6	13-22	11
Leixões	14	4	3	7	19-37	11
CUF	14	3	4	7	6-24	10
V. de Setúbal	14	3	4	7	15-21	10
Farense	14	4	1	9	17-28	9
União de Tomar	14	2	4	8	16-32	8
Beira-Mar	14	2	3	9	9-24	7
Académico	14	2	3	9	11-25	7

Proxima ronda: Sporting-Boavista; CUF-Leixões; Sporting de Braga-Beira-Mar; Farense-Atlético; Belenenses-Estoril; Academico-Vitória de Guimarães; União de Tomar-Vitória de Setubal e F. C. do Porto-Benfica.

TOTOBOLA
A chave

Benfica - Sporting	X
Leixões - Braga	1
Beira-Mar - Farense	1
Guimarães - U. Tomar	1
Setubal - Porto	X
Paredes - União Lamas	2
Chaves - Riopele	1
Covilhã - Salgueiros	X
Marinhense - P. Ferreira	2
Oriental - Almada	1
Torriense - Montijo	X
T. Novas Juventude	1
Barreirense - Marítimo	X

ATLETISMO EM ALMADA

. Pelas 21 e 30 do próximo dia 31, em Almada, corre-se a prova atlética de S. Silvestre, organizada pelo Almada Atlético Clube com o patrocínio da Câmara local. A corrida está aberta a várias categorias de pedestrianistas: veteranos (idade superior a 35 anos para um percurso de dois mil metros), senhoras (dois quilómetros de caminho a vencer), populares (3500 metros) e seniores, com possibilidade de presença de alguns atletas internacionais (7500 m). As várias partidas serão dadas do Feijó (R. dr. António Elvas) e as metas estão localizadas na R. Gabriel Pedro, frente ao edifício do tribunal.

No seguinte (1 de Janeiro), no campo do Pragal, haverá competições diversas: as finais do torneio de minifutebol da cidade de Almada e quatro disciplinas de Atletismo (80 metros, salto em altura, lançamento do peso e salto em comprimento), estas abertas a concorrentes maiores de 6 anos, de ambos os sexos, em representação de qualquer entidade ou a título meramente particular.

Portugueses no xadrez

. No Ateneu Comércial de Lisboa está a decorrer o 31.º campeonato nacional absoluto de xadrez, o qual conta com a presença de 12 dos melhores jogadores portugueses da modalidade.

A primeira jornada forneceu os seguintes resultados: Luis Santos-Silvio Santos, 1-0; Joaquim Durão-Horácio Freitas, 1-0 e Helder Sardinha-Vítor Simoes, 1-0. Na segunda ronda: Jose Bastos-Antonio Tapadinhas, 1-0 (em 57 lances); Helder Sardinha-Vítor Simões, 1-0 (37); Joaquim Durão-Horácio Freitas, 1-0 (32); Luis Santos-Silvio Santos, 1-0 (41); Joaquim Anibal-Michael Diamond, 1-0 (69) e João Anderson-Fernando Silva, 0-1 (48).

Por seu lado, em o português António Pereira dos Santos, jogando com brancas, empatou, no sábado, com Joerg Weidemann (da Alemanha Federal) na primeira partida a contar para o grupo C dos europeus de xadrez (juniores que se desenrola naquela cidade da Holanda.

O primeiro nulo em Lisboa

. Tapadinha: um ovo. Na bilheteira, 500 notas graúdas: no papo dos clubes em esgrima (Atlético e Belenenses) a justa e correcta repartição dos pontos equacionados.

Antes de tudo: um sincero aplauso a Américo Barradas, pois este sujeito, para além de ser um excelente interprete da função pública (tesoureiro na Emissora Nacional) igualmente mostrou que sabe de cor as leis do jogo e que não abdica da sua posição de juiz em qualquer eventualidade. Notando a berma do relvado coalhada de **pagode,** não esteve com meias medidas: exigiu uma limpeza radical, só dando a primeira apitadela para o embate quando passavam 31 minutos da hora prevista. Fez bem. Interpretou as regras: e segurou, logo à nascença, os ânimos da rapaziada de sangue na guelra.

Quanto ao jogo, pareceu uma festa entre solteiros e casados, com gordinhos e tudo. Mas, teve (ainda) possibilidades de revelar apontamentos de primeiro plano. Como sejam: as excelentes formas de Freitas (impecável) e de Candeias (soberano), os maus momentos de alguns conceituados (Sambinha e Pietra a emergirem de casórios. Isidro e Vasques a pedirem repouso. Gonzales atarantado e Artur Jorge a cansar-se cedo demais), tal e qual como, em outra banda, se notou a quase nula produtividade de todo o flanco direito (Coelho, Horta, Eduardo), embora a turma de Alcantara, pelo brio com que está a cumprir uma carreira que ninguém prognosticava, mereça um total aceno de parabéns e tenha justificado, ante os homens de Belém, este zero-zero que é prémio para as virtudes da sua boa dose de juventude.

Em verdade, houve somente duas oportunidades de golo feito nos 90 minutos: quando Vasques, rente a um poste, deixou Franque atirar para canto (que o árbitro erroneamente não considerou) e na altura em que Ramalho (após um **slalom** de fim de estação) passou por entre quatro pares de pés e teve de ser carregado em falta (por Candeias) para conter os ímpetos. Do livre, nada resultaria, já que a pontaria de Gonzalez está a fazer feriado.

Uma revelação neste Belenenses-75-76: José Rocha. Óptimo a tocar na bola, autêntico **furo** no atirar às redes. Sem calibragem na alsa: o que foi pena, pois esteve um par de vezes em posição ideal para desfeitear o atento Lapa.

Houve (realmente) muitas jogadas confusas, diversos remates para as nuvens, muito afã e pouca produtividade. Todavia, os inexcediveis Freitas e Candeias chegaram (e sobraram) para desfazer a azelhice de um bom par de colegas, onde (nesse capítulo) houve gente metida na sombra e outra que mal podia arrancar para a bola, tal o peso dos quilos amontoados em torno do **paiol das migas.** De qualquer modo, aqui fica a referência ao apego à luta patenteado por Rocha e Baltasar, Vasques e Avelar, Cardoso e Fernandes Martins. Mais a atenção dos dois guarda-redes: o redimido Melo e o **voluntarioso** (é assim que se costuma definir...) alcantarense Lapa. Fora isso, uns apontamentos de Wilson que não chegaram a ser passados a limpo e, como é óbvio, a trindade mais em órbitra: Barradas, Freitas e Candeias. Onde se prova que Deus escolheu o desfecho certo para juntar ao bolo rei do tesoureiro da Tapada da Ajuda. E toda a gente saiu satisfeita.

N. de S.

Desporto

NA LUZ: MARCADOR EM BRANCO

Zero igual a infinito

Comentário por NEVES DE SOUSA

Setenta e cinco mil em polvorosa, para 3200 contos no saco encarnado. Uma bancada com muita gente conhecida: Yazalde, Simões, Humberto Coelho, ao lado de coronéis e generais de outras vidas. Um «penaltie» escamoteado ao Benfica, por desvio de bola feito por Laranjeira, com uma mãozinha subreptícia: um «penaltie» falhado pelo Sporting, quando Damas ateimou em que teria de ser o único pé de Da Costa (o canhoto) a despedir o remate que logo se adivinhou para as núvens. Fora isto, para além de um transbordante entusiasmo que fica como afirmação de que as pessoas deste meu País não pensam só em plenários ou comícios, mas encontram largo tempo (e dinheiro) para ofertar às festas desportivas, que as deliciam, outros lampejos que são notícia:a imperturbável disciplina que encheu as quatro linhas da Luz, toda a correcção colocada pelos artistas no seu intermédio, a pacatez de espírito com que «leões» e «águias», no regresso a penates, aceitaram o «placard» como muito lógico, sem se esquecerem (uns como outros) de darem graças a Deus por não terem sofrido dissabor maior.

Foi (não há dúvida) um espectáculo natalício: pois se até lá puseram um Messias, um Jesus e um Baltasar...

César Correia, o das botas amarelas, deu sinal de vida logo aos 12 minutos. Aconteceu que Moinhos, ensarilhando a tropa toda, galopava pela grande área quando, em voo rasante, Laranjeira apareceu pelas traseiras e, com a ponta de cinco dedinhos, desviou a bola do calcanhar do ex-xadrez. Vociferou bela fatia da multidão: a grande penalidade não tinha espinhas. César (mais os camaradas Odílio Raimundo e João Gralho) fechou-se em copas: e os tímidos protestos de Jordão (quem sabe se em linguagem angolana) ficaram perdidos no ar. Os restantes, do emblema caseiro, permaneceram hirtos, como cilindrados por um facto que estava julgado sem remissão. Mal, mas autoritariamente.

Já por essa altura o Benfica atacava em força, aos rompantes. O Sporting, com muitíssimo melhor meio-campo que os rubros (Fraguito só deve ter paralelo momentâneo no seu sucessor boavisteiro, o *luvas negras* Alves) pegou na batuta e regeu, nota a nota, como se bem jogar futebol fosse a coisa mais simplória do Mundo. Aliás, enquanto puderam, o batalhador Nelson e o meio-perdido Valter, estiveram no ringue da batalha, ao contrário dos sócios do outro símbolo, onde Shéu navegava entre a defesa, Vítor Martins criava *lívres* como quem bebe água e Toni, lançado para a frente, descurava a fixação em uma zona do terreno, mais apostado em se meter na frente que em partir embalado dos calços no seu reduto.

Senhor desse castelo intermediário, o «team» dirigido por Juca (por sinal meu brilhante companheiro no curso de treinadores, onde muito se aprendeu com Ribeiro dos Reis, Otto Glória, Manuel Marques e Enrique Fernandez) começou a au-

Manuel Fernandes: a clavícula direita deu de si

mentar os cabelos brancos na cabeça de Mário Wilson, o (também por acaso) colega de Juca nas andanças aventureiras do vir procurar dinheiro e fama a terras da Europa. E, foi curioso de ver como estes dois mestres do futebol colocaram as pedras no tabuleiro: o «leão» a jogar na pedra livre chamada Laranjeira (que era o topa-a-tudo como tapa-brechas) e o benfiquista a escolher Jordão para a tarefa de carrilagem do jogo rematável até Moinhos e Nené. Aconteceu (porém) que enquanto os de Alvalade encontraram Laranjeira seguro e Marinho afoito, os da Luz arrepelavam os pelos de cada vez que a dupla da frente (Nené e Moínhos) iam falhando golos a seguir a golos, numa catadupa de disparos que andava sempre metro e tal fora da moldura, excepto naquele *tiraço* do comandante dos chutadores ao tento, que embateu estrondosamente no poste esquerdo de Damas, o (simplesmente) magnífico. Vale dizer já, neste instante, a grande afirmação da tarde: actuar com mais destreza e entusiasmo e classe e fulgor que Vítor Damas é impossível a qualquer guarda-redes terreno. Ele, ele só, meteu no bolso quatro-quintos do bloco vermelho: o resto ofertou a Laranjeira, Fraguito, Mendes e Inácio, para *brilharetes* como marcos de ouro na tarde cheia de sol.

Toda a primeira parte teve aspecto poligrafado: Benfica a tentar, Sporting a segurar. O que não queria dizer que, em qualquer momento, os «leões» andassem de cabeça perdida: pois não tombaram pelo solo mesmo ante a infelicidade da lesão de Manuel Fernandes (em choque com Malta da Silva) que acarretaria, daí a instantes, a saída dos dois «internacionais» para todo o resto da festividade. É natural que a troca do *goleador* Fernandes pelo incipiente Jesus tenha sido rude golpe para Juca, uma vez que o recém-vindo esteve tão desfasado daquilo tudo, tão a leste do seu Paraíso, que teve de (igualmente) ser substituído por um colega mais experiente: Baltasar que, perto do enrolar do cenário, apanhou no pé direito (atirando sobre a barra) o último ensejo de um golo *verde*.

Em contrapartida, a troca de Malta por Bastos Lopes (com a passagem de Artur para a direita) nada afectou o Benfica, que ficou ainda com Romeu na manga, para o lançar a render Vítor Martins, actualmente a léguas-luz da sua produtividade da última temporada. Porém, Romeu não abriria a lata dos petiscos: nem uma só vez atinou com o rumo, na bússola que saltava igualmente nos pés azarentos de Nené e Moínhos.

Por alturas da meia hora, aconteceu o segundo «penaltie» da tarde: este, o árbitro *garantiu* que viu. Barros traçou as pernas de Marinho, como se estivesse a tesourar papel.

Jordão chuta no ar, pois a bola foi já cortada por Chico, ante os olhares de José Mendes

Irrefutável, o castigo máximo. Nelson logo se escusou: estava mal disposto. E, quando se imaginou que seria Fraguito o cobrador (ele, como podia fazê-lo Chico ou Marinho) eis que o *capitão* Damas indica Da Costa para a função. Senhor de um só pé, *ceguinho* de todo pelo lado dextro, o remate ficou mais que denunciado: para cúmulo, nem às mãos de José Henriques chegaria, pois com um bocadinho de boa vontade ainda o víamos esbarrar na bandeirola de canto. Foi uma perdida que fica na história: e seria coisa para atirar Da Costa para o vergaste, não tivessem acontecido, no tempo complementar, duas óptimas intervenções do negro brasileiro, a cortar remates que iam *mesmo-mesmo* para dentro da baliza de Damas. Foi a redenção. Por outras palavras: naquela baliza (à direita das cabinas) Da Costa não queria ver golos. Nem a favor, nem contra. Fez-se a vontade ao rapaz.

Se o primeiro tempo terminaria com uma *carga de rabo* de Vítor Martins (a Valter) o segundo período iria desbobinar-se a partir do segundo em que Toni desbaratou outra bolinha que saltava entre as 18 jardas e Damas. Sucederam-se, então, os mesmos incidentes dos 45 minutos já alinhavados: remates tortos ou para as mãos de Damas, corridas contra-atacantes de Marinho e Chico que confundiam os defesas da loja, todos implantados na frente e, amiúde, confiantes em demasia nos olhos velozes de José Henriques, como na eficiência de Messias e Artur, sempre em vai-vem, permanentemente com um pé em cada metade do terreno.

Chegar-se-ía à hora e meia com todos conformados, embora os benfiquistas (iniludivelmente) tivessem estado sempre mais perto do momento da verdade, até se atendermos à confusão que frequentemente se enraizou na pequena área sportinguista, onde chegou a notar-se um magote de 20 cabeças aos pulos, com a bola a viajar sem dono nem certeza. Valeu, nessas emergências, que Laranjeira (mesmo sentado no chão) cortasse aquilo que não atingiria Damas: e, nas duas vezes em que este foi vencido, Da Costa surgisse junto ao poste, a desfazer confusões com uma genica que era fruto da raiva de ter perdido o «penaltie» voador.

Não ficam dúvidas na peneira: o resultado está bem, pelo que um produziu (o Benfica) tal e qual como perante aquilo que o adverso destruiu. Se, com a camisola da Luz estavam jogadores sem qualquer quebra de preço (Toni, José Henriques, Artur, Jordão), entre os forasteiros vislumbrava-se a classe extra de um dueto (Damas e Fraguito) que, com os suportes de ocasião (Laranjeira, Inácio, Mendes e Marinho) tudo colocaram no *poker* para não perder a sua «cave», atemorizando o contrário e obrigando-o a contentar-se com o puro facto final de não ter aberto mais os cordões à bolsa.

Ao cabo, o zero abre um infinito universo de cogitações para os dois emblemas, tal como o baquear de um deles não representaria a desistência na perseguição ao incómodo Boavista, que só pretende ser campeão do Porto... Mas (repisemos) o zero-zero, tal como o um-um ou o dois-igual, fica honestamente na marca que servirá de pasto para uma meia semana de discussões e análises, antes de outra meia de sonhos no ar, a tentar adivinhar como serão as coisas em Alvalade e nas Antas, domingo que vem aí. A única lamentação que pode morar um bocadinho nas bocas, mora na tal jogada manual de Laranjeira, o homem sem rótulas que embarrilou César dos Algarves e tirou ao Benfica a hipótese de rasgar o véu da noiva às primeiras pedaladas. Mas, como o único brasileiro que reside ainda sob emprego em Alvalade, atirou para o outro lado do Atlântico a **brasa** que seria a réplica, tudo ficou nas covas, à espera de ver onde para a moda-Boavista e como é que o Porto vai descalçar, no rosto do seu tribunal, a bota vermelha. É isto: tudo é efémero, tudo cede o passo ao amanhã. O infinito fica, dia-a-dia, mais longe de todos nós.

BIBLIOGRAFIA DESPORTIVA

Arnaldo Pereira: "Perspectiva dialéctica"

. O 39.º volume da série «Cultura e Desporto» (editado pelo MEIC, através da Secretaria de Estado dos Desportos e Acção Social Escolar) tem assinatura de Arnaldo Pereira e denomina-se «Perspectiva Dialéctica».

Já apresentado naquela colecção (recordamos «O fenómeno desportivo e as relações de produção», Arnaldo Pereira é apresentado por Manuel Sérgio em termos simples e precisos, semelhantes aos usados na prosa de «Perspectiva Dialéctica», onde se abordam problemas momentosos doDesporto,compartimentados em capítulos que merecem atenta observação e serena análise: «Para uma informação desportiva antifascista», a definição de vários aspectos do mesmo prisma («Es ectáculo desportivo», «Desporto como elemento cultural», «Desporto de alta competição», «Independência do movimento desportivo», «Instalações desportivas», «Fu ebol» e «Amadorismo e profissionalismo»); «A burguesia contra os Jogos Olímpicos» (o gigantismo, o amadorismo e a política); «O espírito dos jogos e o 25 de Abril», «O que é o Desporto? Para que serve?», «Notas ocasionais», «Contra o mercado do músculo», «Significado humano do futebol», «Perspectivas», «Que política?», «A juventude e o futebol», «Desporto-vedeta», «Desporto de massa, desporto de élite», «Desporto feminino», «A violência ao serviço da reacção» e «O Desporto em São Bento».

Como se nota, muitos considerandos prenderam a atenção de Arnaldo Pereira: e obrigaram-no a transportar para o papel ideias e pontos de vista que, mesmo sujeitos a controvérsia, discussão (como tudo o que é humano) exprimem uma visão dos factos actuais que vale como documento da época que atravessamos, conturbada em todo o edifício mas, especialmente em desequilíbrio na pirâmide desportiva que se desejava firme e segura, dentro daquilo que pretendemos oferecer ao novo Portugal.

«Perspectiva Dialéctica» tem absoluto lugar na fila primeira da bibliografia desportiva portuguesa: oxalá o autor não fique por aqui mais uns largos tempos, em reclusão voluntária após a publicação (lembramos «O Século» e «Notícias da Amadora») de textos onde ficou reflectida uma maneira correcta e sem ambiguidades de entender o desporto.

Patinagem: a difícil escolha

. . Dois novos ringues para patinagem de alta velocidade estão a ser construídos em Moscovo e em Kiev, dado o interesse que por este desporto está a renascer na União Soviética.

. . Existem, actualmente, mais de 300 mil esquiadores de alta velocidade, na União Soviética. Os melhores 20 serão brevemente seleccionados para irem a Insbruck, à Olimpíada de Inverno: uma difícil selecção, sem sombra de dúvida.

. . A União Soviética era, tradicionalmente, um dos grandes especialistas em patinagem de alta velocidade; mas, na década de 60, os seus patinadores deixaram de acompanhar os sempre crescentes «standards» internacionais.

. . Com o fim de ultrapassar este problema, foram erguidos centros de treino para jovens patinadores, introduzidas mudanças nas técnicas de treino e, também, especialistas dedicaram-se ao estudo em profundidade dessa modalidade.

. . Foram concedidas grandes facilidades aos seus adeptos, com a construção de pistas artificiais (em Sverdlosk e Kolomna) para além da pista de Medeo (em Alma Ata) onde, no último Inverno, 20 «records» mundiais foram estabelecidos. Esta melhoria de condições foi compensada com actuações sempre melhoradas. Cinco dos oito títulos mundiais masculinos pertencem, agora, a patinadores soviéticos e todos os títulos femininos (em número de seis) estão também em mãos soviéticas. Esses patinadores continuam a ser submetidos a treino intensivo com vista a Insbruck, onde defrontarão os seus tradicionais rivais da Holanda, Noruega e Suécia e, igualmente, patinadores da R. D. A., Canadá, Polónia, Japão e Finlândia, que dia a dia melhoram a sua técnica.

Geral

Pequenos artistas de Alfama

. Está aberto ao público, até ao dia 4, uma exposição de desenhos, pinturas e esculturas, da autoria das crianças das escolas primárias de alfama, e que se encontra patente no Antigo Artesanato, ao Beco da Bicha, 3.

Esta exposição foi organizada pela secção cultural da Junta de Freguesia de Santo Estevão, em colaboração com o Grupo de Apoio às Comissões de Moradores de Alfama, e poderá ser apreciada, todos os dias úteis das 21.30 às 23, e, aos domingos, das 16 às 23 horas.

Colocação de professores até 5 de Janeiro

. Os professores do ensino básico e secundário que, leccionando o ano passado, ainda não foram no entanto colocados, devem comparecer nas respectivas escolas até dia 5 de Janeiro a fim de preencherem o impresso modelo B para ser regularizada a sua situação. O M.E.I.C. sentir-se-á desvinculado da sua colocação caso o impresso modelo B não seja preenchido até essa data.

Quanto aos professores que no ano transacto não tenham leccionado por estarem a cumprir o serviço militar, deverão também preencher o referido impresso e, juntamente com a documentação habitual, enviá-lo, até dia 2 de Janeiro, para a Direcção-Geral do Ensino Secundário, Campo dos Mártires da Pátria, 2, Lisboa.

AULAS EM LETRAS

COIMBRA, 29 — Devem realizar-se em 5 de Janeiro na Faculdade de Letras desta cidade assembleias departamentais com uma ordem de trabalhos constante da discussão sobre o recomeço das aulas e das carências verificadas nos vários departamentos.

Entretanto, num plenário de docentes realizado no passado dia 19 foi aprovada uma proposta em que se informa, deixarem os docentes o recomeço de aulas à decisão que venha a ser tomada nos plenários departamentais. Reservam-se no entanto — sublinha a proposta aprovada — o direito de virem a tomar as posições que julguem mais convenientes caso o princípio de solidariedade com os colegas não contratados venha a estar em causa.

UNIVERSIDADE PROLETÁRIA

Orientada fundamentalmente para a formação teórica e técnica de militantes revolucionários e propondo-se desenvolver uma consciencialização de forma mais alargada, através de debates, colóquios e promoções de carácter cultural, a Universidade Proletária Ernesto e Luís está a avançar com novas iniciativas. Assim, oferece cursos regulares de História, Filosofia e Economia, cada um com uma aula semanal e com a possibilidade de serem desdobrados em vários níveis de aprofundamento. No planeamento destes cursos houve o cuidado de não sobrepor horários para que seja possível a frequência simultânea de todos por parte dos interessados. As inscrições para estes cursos já estão abertas a todos os trabalhadores e militantes neles interessados.

A U.P.E.L. prevê também a realização de debates abertos, com certa periodicidade, promovidos por grupos de trabalho que funcionam à volta de temas como Economia e Controlo Operário, Habitação, Ensino, Saúde, Psicologia e questões fundamentais que se põem ao proletariado português: poder popular, insurreição armada e Revolução cultural. Estão ainda programadas projecções de filmes, seguidas de debate, e a continuação do Festival de Cinema Revolucionário em vários locais do País. A U.P.E.L. promoverá contactos com revolucionários estrangeiros presentes em Portugal para a realização de colóquios, onde as várias experiências sejam apresentadas e debatidas. Os interessados poderão procurar maiores explicações na própria Universidade Proletária Ernesto e Luís, à Avenida 5 de Outubro, 68.

Represálias na morte dos guardas-nocturnos

Dois guarda-nocturnos (Ilídio Lamego e Casimiro dos Santos) foram abatidos a tiro por desconhecidos, na Damaia e em Benfica. Segundo os investigadores, os assassinos teriam agido como represália pelo facto de as duas vítimas terem detido ultimamente vários assaltantes de estabelecimentos comerciais daquelas zonas.

Nesta escalada de violência, outro guarda nocturno (António de Sousa) foi ameaçado de morte, na Rua da Casquinha, por dois homens que afirmaram pertencer ao ELP. Os dois homens depois de terem despojado o agente da sua pistola «Walter», calibre 7.65 e de 60 escudos, afastaram-se do local num automóvel branco e negro. Entretanto, na Damaia, três jovens que afirmaram também ser membros da mesma organização raptaram uma rapariga de 15 anos (Maria Agostinha) à saída de um baile e depois de a conduzirem para um local ermo de Monsanto, violentaram-na e furtaram-lhe um anel de ouro branco, um relógio e 400 escudos em dinheiro. O caso ocorreu durante a madrugada de sábado e a jovem foi encontrada desmaiada, ontem de manhã, junto à porta da sua casa, na Rua Casal de S. José, 7, cave. Os presumíveis «elpistas» (de longas barbas e armados de pistolas), teriam mostrado à Maria Agostinho várias notas de conto que se vangloriaram ter obtido no assalto a um banco.

NATAL NO PORTO

PORTO, 29 — Foi deveras extraordinário o movimento comercial na véspera do Natal. Muito mais daquilo que era dado supor. Houve mesmo estabelecimentos de vários ramos que esgotaram os seus «stocks» e até muitos «monos» foram vendidos...

A falta de melhor artigo. Mas não foi só o volume de vendas que ficou a assinalar este Natal de 75. O lixo que proliferou nas ruas foi nota lamentável que não tem justificação. Também cinco dias sem correio foi outra nota que tem merecido justificáveis comentários. Sucederá isto noutros países? E ontem de tarde nem sequer um selo se podia comprar na Estação Central dos Correios do Porto!

Na FIGUEIRA DA FOZ o DIÁRIO DE LISBOA está à venda no CAFÉ REMO

Beijou os filhos e rendeu-se

Motivos fúteis (futebol e uns copos a mais) levaram o carteiro, Silvério Moura, de 36 anos, a agredir o empregado comercial Manuel Pinto, de 35, com uma punhalada no sobrolho direito, à porta de uma cervejaria da Rua Barros Queirós. A Polícia compareceu no local e o agressor ao ouvir gritar voz de prisão e a frase «acompanhe-me à esquadra» gerou grande alarido, abraçando-se aos filhos e exigindo beijá-los antes de cumprir as exigências das autoridades. E foi ao som de gritos lancinantes que Silvério recolheu aos calabouços do Governo Civil, enquanto Manuel Pinto dava entrada no Hospital de S. José.

PRISIONEIRO NO TÁXI E DESARMADO

Após ter colidido violentamente, na Avenida João XXI, contra um carro conduzido pelo angolano Amade Kassano, o taxista Américo Moreira tentou inculpá-lo do acidente, esgrimindo uma faca de mato. Mas algumas testemunhas do aparatoso embate (e que tinham opinião contrária à sua) desarmaram-no e trancaram-no no interior do veículo, só o libertando à chegada de uma patrulha da Secção de Trânsito da P.S.P.

tempo

Situação do tempo 09.00 H.

Em Portugal continental o céu estava muito nublado nas regiões do Sul e pouco nublado no centro e norte o vento soprava moderado ou fraco de oeste; chovia no Algarve e havia nevoeiro em Trás-os-Montes.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H

PORTO	4º
P. DOURADAS	
COIMBRA	5º
PORTALEGRE	7º
LISBOA	5º
FARO	10º
FUNCHAL	12º

TEMPERATURAS EXTREMAS

TEMPERATURAS NO ESTORIL

Água do Mar 11,8º
Atmosfera 5,2º

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
1.03 **3,6 m**	6.57 **1,1 m**
13.36 **3,6 m**	19.23 **1,1 m**
Dia 30	
2.03 **3,8 m**	7.55 **0,9 m**
14.34 **3,7 m**	20.16 **1,0 m**
Dia 31	
2.56 **3,9 m**	8.46 **0,8 m**
15.27 **3,8 m**	21.02 **0,9 m**

PREVISÃO GERAL ATE ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Céu muito nublado nas regiões do Sul onde poderão ocorrer de centro e norte com aumento progressivo de nebolusidade a partir da tarde; vento fraco moderado de sueste; condições favoráveis à formacão de geada nas regiões do interior.

AMANHÃ

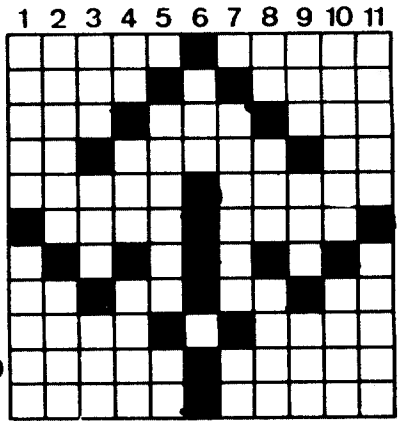
NASCER AS 8.55
OCASO AS 18.23

DIA 1 | Dia 9 | DIA 17 | DIA 23

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 11256



HORIZONTAIS:

1 Conjunto de espécies animais que caracterizam uma região ou época. Pequena rede com que as mulheres amparam o cabelo.
2 Acabamento de licença. Artigo definido. Vantagem.
3 Liga. Rema para trás. Nome de letra.
4 Basta. Defunto. Prata (s.q).
5 Transferir para outro dia. Designativo do ácido azotado, eliminado pelo organismo, que se encontra na urina humana.
6 Freguesia do concelho de Espinho. Mamífero roedor.
7 Contracção da preposição a com artigo definido.
8 Artigo definido. Aqui. Apelido. Sufixo que designa estado.
9 Sepultura. Artigo definido. Esperto.
10 Cidade de Espanha. Emblemas.
11 Divisões de uma casa. Guarnecera de asas.

VERTICAIS:

1 Falha. Raparigas.
2 Unida. Tareia.
3 Joeira. Ilha do estado da Baia. Reles.
4 Em a. Matemática. Guarda segredo.
5 Contracção da preposição a com artigo. Que tem cor. Campeão.
6 Curso de água natural e abundante (inv).
7 Toleras. Nota musical.
8 Abreviatura que se usa em música. Agora. Pássaros.
9 Cólera. Sufixo que designa pequenez. Magnete natural.
10 Pão grande e doce. Vila e concelho do distrito de Aveiro.
11 Inundo. Freguesia do concelho de Guimarães.

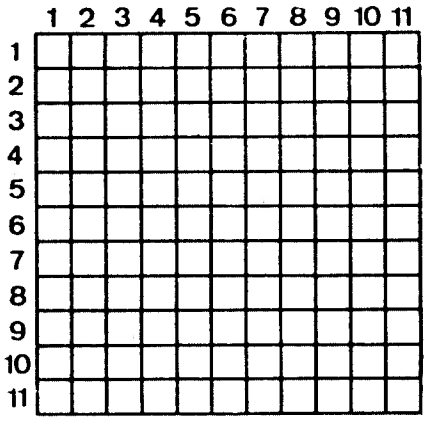
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 7416

HORIZONTAIS:

1 Grande. Nome de mulher.
2 Plantio de amieiros. Tomar moça.
3 Género de faseoláceas do Brasil. Ramada.
4 Prendo. Possui. Bondoso.
5 Liga de cobre e zinco. Aldeia de índios do Brasil.
6 Aqui está. Sadias.
7 Deus dos pastores. Oferece. Duzentos em romano. Aqui.
8 Excitar. Macacos americanos.
9 Nome de homem. Suspiros. Época.
10 Vagueia. Gemi (fig).
11 Ecoais. De altos preços.



VERTICAIS:

1 Perfeito. Estaciones.
2 Assassina. Tolero.
3 Vadio (gir). Terreno duro e liso onde se secam e malham cereais.
4 Título honorífico na India. Nome de mulher. Nesse lugar.
5 Alumínio (s.q). Roera (fig).
6 Lê. Prefixo de negação.
7 Amónio (s.q). Remates de costura.
8 Mágoa. Cabeça. Vossa Alteza.
9 Terminas. Maquinismo para tecer.
10 Grande afeição. Rio de Portugal.
11 Em má hora (ant). Guarneceis de asas.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 11255

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Acuam. LOBOS.	1 Am. SÃO. PARA.
2 Ma. Ua. Aracá.	2 Cás. Aria. As.
3 Saltitara.	3 Am. Morosa.
4 Marrara.	4 Aula. Usas.
5 Aa. Ion. Pó.	5 Matriz. No.
6 Ormuz. Airos.	6 Iro. Ba. Ba.
7 Ios. MIV.	7 Latana. Or.
8 Parar. Resos.	8 Orar. Imãs.
9 Os. Au.	9 Bara. Ris. Ad.
10 Ras. NÃO. Ada.	10 Oca. POVOADO.
11 Asado. Redor.	11 Sa Sós. Suar.

PROVERBIO: LOBOS. NÃO SÃO PARA POVOADO.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 7415

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Camaradas.	
2 Óleo. Meca.	1 Compararmos.
3 Más. Teceram.	2 Alai. Ariolo.
4 Pi. Ge. Idas.	3 Mês. Amarres.
5 Arrimaram.	4 Ao. Grania.
6 Rama. Ma. Rá.	5 Ter. Dá. Ba.
7 Arando. Suar.	6 Ame. Imo.
8 Riria. Co. Sm.	7 Decima. Crua.
9 Mora. Ar.	8 Aceda. So. Mi.
10 Olé. Um. At.	9 Sarar.
11 Sós. Amais.	10 Asaras.
	11 Sem. Marmota.

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO C-1

ATÉ ÀS 22 HORAS

ALVALADE
Alentejo, Avenida da Igreja, 28-B (tel. 712682).
ANJOS
Confiança, Avenida Almirante Reis 46-B (tel. 821653).
AREEIRO
Algarve, Avenida de Roma, 7-B (tel. 801478); **Nova Lisboa**, Rua Guilhermina Suggia, 12 (tel. 727721).
AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, Praça Duque Saldanha, 14 (tel. 41845).
BAIXA
Barral, Rua Augusta 225 (tel. 361534/5).
BELÉM
Remisio, Rua dos Jerónimos 14-C (tel. 631699).
BENFICA
Benfica, Estrada de Benfica, 678-E (tel. 702532).
CAMPOLIDE
Central, Rua General Taborda, 17 (tel. 680304).
MADRAGOA
Nunes Simões, Rua do Quelhas 1 (tel. 661275).
OLIVAIS SUL
Fernandes Borges, Rua Cidade de Benguela, Lote 300 (tel. 311091).
S. SEBASTIÃO DA PEDREIRA
Bairro Azul, Avenida Ressano Garcia, 7-A (tel. 571451).
SETE RIOS
Laranjeiras, Rua Filipe da Mata, 160/162 (tel. 761035).

TURNO C-2

TODA A NOITE

ALVALADE
Aviz, Avenida de Roma, 56-B/C (tel. 715370).
AREEIRO
S. Jorge, Largo do Leão, 3-A/B (tel. 534027).
AVENIDA DA LIBERDADE
Vieira Borges, Rua Alexandre Herculano, 28/30 (tel. 40536).
BAIRRO DA ENCARNAÇÃO
Ascenso, Praça Norte, 11-A (tel. 311216).
BENFICA
Vitex, Estrada de Benfica, 373-B (tel. 780548).
BOA HORA
Sepol, Calçada da Boa-Hora, 94-A (tel. 631958).
CAMPO DE OURIQUE
Lobel, Rua de Infantaria 16, 98-B (tel. 688807).
CAMPO PEQUENO
Campo Pequeno, Avenida Júlio Dinis, 10 lojas 18 e 19 (tel. 771661).
GRAÇA
Rosa e Viegas, Rua de S. Vicente, 31 (tel. 864351).
LUMIAR
Central, Rua do Lumiar, 77 (tel. 790480).
PENA
Silmar, Rua de S. Lázaro, 128 (tel. 42829).
PICHELEIRA
Marluz, Calçada da Picheleira, 140B/C (tels. 720703-728395).
SANTA CATARINA
Modelar, Largo dr. António de Sousa Macedo, 7-A (Poço Novo) (tel. 608896).
XABREGAS
Grijó, Rua do Grilo, 25 (tel. 385264).

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miramar, R. Ernesto da Silva, 81 (Tel. 2112.48)
CARCAVELOS
Central, Até às 24 horas
PAÇO DE ARCOS
Trindade Brás, R. Costa Pinto, 184 (Tel. 2432034). Toda a noite
OEIRAS
Godinho, R. Cândido dos Reis, 98 (Tel. 2430090) Até às 22 horas
PAREDE
Grincho, Av. da República, 87 (Tel. 2471204) Toda a noite
ESTORIAL
Marques dos Santos, Av. Saboia, 29-B (Tel. 260085). Até às 22 horas
MONTE ESTORIL
Ostende, R. de Espinho, 1 (Tel. 260391). Toda a noite
CASCAIS
Cascais, R. Conde de Monte Real-B.º Caixas (Tel. 282407) Até às 22 horas; **Misericórdia**, R. Regimento 19, 41 (Tel. 280141). Toda a noite.

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Melo, P. D. João I, 9-B (Tel. 932756); **Central**, Av. Cardoso Lopes, 25 (Tel. 932210); **Igreja**, P. da Igreja, 22-A (Tel. 937740); **Jardim**, Av. Conde de Oeiras, 120-Reboleira (Tel. 938424)
DAMAIA
D. João V, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Tel. 970461)
VENDA NOVA
Nova, R. Elias Garcia, 10 (Tel. 972530)
QUELUZ
André, Av. Elias Garcia, 151 (Tel. 950043); **Queluz**, Av. Miguel Bombarda, 123-A (Tel. 951841)
CACÉM
Guerra Rico, Agualva
MEM MARTINS
Miranda Garcia, Est. de Mem Martins, 173-B (Tel. 2914103)
S. PEDRO DE SINTRA
Valentim, (Tel. 980456)
SINTRA
Simões, Estefânia (Tel. 2930832)
COLARES
Abreja, (Tel. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Gameiro, L. António dos Santos Jorge, 15 (Tel. 243100)
ALHOS VEDROS
Gusmão, R. Cândido dos Reis, 30 (Tel. 204020)
ALMADA
Galeno, R. Capitão Leitão, 85-B (Tel. 2760565)
BAIXA DA BANHEIRA
Aliança, Est. Nacional, 178-B (Tel. 2040302)
BARREIRO
Normal, Av. Alfredo da Silva, 116 (Tel. 2073035)
COVA DA PIEDADE
Louro
MOITA
União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (Tel. 239025)
MONTIJO
Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (Tel. 2310156)
SESIMBRA
Leão, Av. da Liberdade, 13 (Tel. 2233471)
SETÚBAL
Oliveira, L. da Misericórdia (Tel. 22488); **Louro**, R. Frei. António Chagas, 24-A (Tel. 24491)
SEIXAL
Soromenho, R. Paiva Coelho, 38 (Tel. 2218560)

PORTO

TURNO 18

ATÉ ÀS 22 HORAS

Canavarro, R.da Restauração, 53; **Constituição**, R.da Constituição, 93; **Ferreira de Carvalho**, R.do Bonjardim, 354; **Padrão**, R.de Santo Ildefonso, 342; **Ramos**, P.do Exército Libertador, 91; **Figueiredo, Lda.**, R.de Cedofeita, 125; **Parente**, R.das Flores, 114; **Sousa Soares**, R.de Santa Catarina, 141; **Vitória**, R.de S.Roque da Lameira, 756; **Sanil**, R.do Paraíso, 214

A PARTIR DAS 22 HORAS

Parente, R.das Flores, 114; **Canavarro**, R.da Restauração, 53; **Padrão**, R.de Santo Ildefonso, 342; **Sanil**, R.do Paraíso, 214

COIMBRA

Nazaré, R.Ferreira Borges, 135 (T.22605); **Santa Isabel**, Av.SádaBandeira,28, (T.24916); **Solum**, R.Carolina Michaelis, 29 (T.22120)

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

ADÓQUE
20.30 e 22.30 (18 anos)
«A CIA dos Cardeais»
CIRCO MARIANO
21.45
No Largo Martin Moniz
LAURA ALVES
20.30 e 22.45
«A Mão no Ar e o Pé Atrás!»
MONUMENTAL
20.30, 22.45 (18 anos)
«Lisboa acordou»
CAPITÓLIO
21.15 (18 anos)
«Mostra-Me a Tua Piscina»
VARIEDADES
21.15 (13 anos)
«Adeu Valentina»
ABC
20.30 e 22.45 (18 anos)
«Afinal Como É»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.15 (18 anos)
«Obrigado Avô»
OLIMPIA
21.15 (13 anos)
«Os Véus de Bagdad»
JARDIM
21.00 (13 anos)
«A Viagem»

LINHA DE CASCAIS

CASCAIS
Oxford
21.15 (18 anos)-
«O Rally das Gozonas»

LINHA DE SINTRA

Carlos Manuel
21.15 (18 anos)
«O Justiceiro Amarelo»

OUTRA BANDA

ALMADA
Academia
Ás 21.15 (18 anos)
«O ABC do amor»
LARANJEIRO
Instrução e Recreio
Ás 21.30 (18 anos)
«Proibido»

PORTO/Teatros

COLISEU
21.15 (6 anos)
«Festival de Circo»

PORTO/Cinemas

VALE FORMOSO
21.15 (13 anos)
«Aaina»
ÁGUIA DE OURO
21.30 (13 anos)
«Voluntários à Forca»
JÚLIO DINIS
21.15 (13 anos)
«O Homem Orquestra»
BATALHA
21.15 (6 anos)
«Os Malucos vão à Guerra»
OLIMPIA
21.15 (13 anos)
«2 Samurais para 100 Gueixas»
ESTÚDIO
21.15 (6 anos)
«Onde se Meteu a 7.ª Companhia»
RIVOLI
21.15 (18 anos)
«A Vinganca de Monte Cristo»
PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Os Caminhos do Prazer»
TRINDADE
21.15 (18 anos)
«Tommy»
S.JOÃO
21.15 (6 anos)
«Uma Ilha no Tecto do Mundo»
ESTÚDIO FOCO
21.15 (6 anos)
«Isto é Espectáculo»

COIMBRA

TIVOLI
21.15 (13 anos)
«A Linda Pamela»
S. TEOTONIO
21.15 (14 anos)
«Entre Duas Margens»
AVENIDA
21.15 (18 anos)
«Week End — Fim-de-Semana»
GIL VICENTE
21.15 (10 anos)
«A Mulher Felina»

BARES • BOITES

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. **Rua Paiva de Andrade, 7-13 T.elef. 364859/368197. Tina, Stripteaseuse**

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Variedades internacionais. **T. 261461/164526/264596/264621/264946**

Em ALVERCA o DIÁRIO DE LISBOA vende-se na TABACARIA FERREIRA Rua Manuel Maria, Vieira, 7

cinemas

CASTIL

T. 530194 — 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

UM FILME DOCE

De Susan Makaveiu

5.ª Semana

Estes filmes contêm cenas eventualmente chocantes

IMPÉRIO

T. 555134 — 15.15, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Lando Buzzanca e Rossana Palesta em

CASAMENTO DO PADRE

3.ª Semana

4.ª feira Sessão clássica (18.30) (18 anos)

OS CAVALOS TAMBÉM SE ABATEM

ROYAL

T. 865037 — 15.15, 18.15 e 21.15 h

Não acons. a menores de 13 anos

SEMENTE DE TAMARINO

Reveillon, cinema, baile

POLITEAMA

T. 326305 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30

Interdito a menores de 18 anos

METE O TEU DIABO NO MEU INFERNO

O sexo em «escape livre»

VOX

T. 720808 — 15.15, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

YUPPI DU

O filme começa 5 minutos após o início do espectáculo

ROMA

T. 727778 — 15.30, 18.30 e 21.15

Para todos M/6 anos

OS MALUCOS VÃO À GUERRA

Reveillon — cinema e baile toda a noite

EMISSORA

1.º Programa

17.00 Noticiário — Conjuntos ligeiros
18.00 Música portuguesa
18.30 Temas sobre a condição de retornado
19.00 Música variada
20.00 «Jornal da noite»
20.30 Instrumentistas
21.00 «Tempo de tradições» (Tradições em vários países da Europa)
22.00 Programa do Emissor Regional do Norte: «LOAS DE NATAL» e programa da noite (às 23.00 — Sinal horário — Noticiário)
00.00 «Último jornal»
00.30 Retrospectiva
01.00 (Saída e encerramento dos regionais do: Porto, Norte 1, Coimbra, Faro, Guarda, Covilhã, Viseu, Ponta Delgada e Horta) — «Música na Noite»
02.00 «Música na Noite»

2.º Programa

18.00 Música portuguesa
19.00 Obras de Wolfgang Amadeus Mozart
19.28 Música religiosa: Três Motetes, de Tomás Luis de Victória
19.40 Solos de piano do século XX, de Kodaly Webern e Francis Poulenc
19.58 Música Sinfónica, com obras de Berlioz e Bela Bartok
20.30 Música de Câmara: Sonata em La menor, de Domenico Scarlatti e Quinteto em mi bemol maior, op. 16, de Ludwing Van Beethoven
21.00 Passagem do MF-2 a estereo — Intercâmbio musical: Festival de Schwetzingen de 1975, em gravações cedidas pela Rádio Sul da Alemanha
21.30 O Canto e os seus intérpretes, por Maria Helena de Freitas
22.29 Anuncio de despedida de Lisboa 2 e Norte 2
22.30 Música ligeira variada
23.58 Fecho.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal

Das 06.00 às 11.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Peninsular
Das 11.00 às 17.00

Rádio Voz de Lisboa

Das 17.00 às 19.30 e das 22.00 às 02.00

CALEIDOSCÓPIO

T. 795093 — 14.00, 16.30, 19.00 21.15

Para todos M/6 anos

Walt Disney productions

UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO

A aventura para além da imaginação

4.ª Semana

EDEN

T. 320769 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Charles Bronson

Juri-jurado-executor

O JUSTICEIRO DA NOITE

Um filme de Michael Winner

Em 2.ª semana

ODEON

T. 326283 — 15.15, 18.15, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

5.ª Semana de sensação (colorido)

A comédia de sexo e de pecado à solta

COMO CAÇAR UM MARIDO

Contém cenas eventualmente chocantes

Um festival malandrices «secretas»

APOLO 70

T. 763319 — 14.00, 16.30, 19.00, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

A história de Fernão Capelo Gaivota

A AVENTURA, A PERFEIÇÃO: A LIBERDADE

Um filme de Hall Bartlett

Hoje às 24 h (Grupo D. M. 18 anos)

O TÚMULO VAZIO

De Robert Wise

CASINO ESTORIL

T. 26 4621 — 17, 21.15

Para todos (M. 6 anos)

MÚSICA NO CORAÇÃO

S. JORGE

T. 54153/4 — 15.15, 18.15, e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

JEREMY, O PRIMEIRO AMOR

Palma de Prata no Festival de Cannes

RESTELO

T. 610375 — 21.00

Para todos

SIM, SIM, MEU CORONEL

AVIS

T. 47163 — 15.30, 18.30, 21.15

Para todos maiores de 6 anos

OS MALUCOS VÃO À GUERRA

CARLOS MANUEL — SINTRA

Tel. 2930394 — 21.15

Interdito a menores de 18 anos

O JUSTICEIRO AMARELO

ESTÚDIO

T. 555135 — 15.30, 18.30, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

BRINCANDO COM O FOGO

Sophia Kristel e Jean Louis Trintignant — 3.ª Semana

ESTÚDIO 444

T. 779095 — 14.30, 16.45, 19 e 21.15 h

Interdito a menores 18 anos

O RALLYE DAS GOZONAS

Este filme contem cenas event. chocantes

D. JOÃO V — DAMAIA

Tel. 971794 — Ás 21.00

Não acons. a menores de 18 anos

DOIS HOMENS E UMA ARMA

UNIVERSAL

T. 774402 — Ás 15.00, 19.00, 21.00

Não acons. a menores de 13 anos

OS CAMARADAS

Um filme de Marix Karmitz

Ás 17.00 e 23.00

GREVE OCUPAÇÃO

Não acons. a menores de 13 anos

CONDES

T. 322523 — 14.15, 16.30, 18.45 21.45

Para todos

A mais louca comédia do ano o grande espectáculo das férias

A MOSTARDA SOBE-ME AO NARIZ

c/ Pierre Richard - Jane Birkin

BERNA

T. 776098 14.00, 16.30, 19.00 e 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Charles Bronson

O JUSTICEIRO DA NOITE

Um filme de Michael Winner

Em 2.ª semana

LONDRES

T. 801313 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

BREVE ENCONTRO

Com Sophia Loren, Richard Burton

ROXY

T. 48560 — 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

Não acons. a menores de 13 anos

Richard Chamberlain, Trevor Howard

A VINGANÇA DE MONTE CRISTO

A figura heróica de uma história de gerações

TIVOLI

T. 570595 — 15.15, 18.30 e 21.15

Para todos

UMA ILHA NO TECTO DO MUNDO

Uma aventura para além da imaginação

4.ª Semana

ALVALADE

T. 897480 — 15.30, 18.30 e 21.15

Para todos

A MOSTARDA SOBE-ME AO NARIZ

Com Verna Lisi e Gastone Moschin

O grande espectáculo das ferias

PATHÉ

T. 821933 — 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Interdito a menores de 18 anos

Charles Bronson

Juri jurado-executor

O JUSTICEIRO DA NOITE

Um filme de Michael Winner

2.ª Semana

NIMAS

T. 574362 14.15, 16.30, 18.45, 21.15

Para todos

Irmãos Marx em

UMA NOITE EM CASABLANCA

Riso dos bons velhos tempos

DL

RENASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º
TELEF. 654531/2/3/4
REDACÇÃO SERVIÇOS TÉCNICOS E PUBLICIDADE
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5, 320271/2/3
RUA DA ROSA, 75
END. TEL. DIBOA TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

Ser ou não ser

Portugal já era um «jardim à beira-mar plantado» antes da revolução dos cravos. Também conforme as conveniências, era ou não era um País pobre ou um País pequeno, essencialmente agrícola ou essencialmente guerreiro, tradicionalmente cristão ou anticlerical, de brandos costumes ou de forte personalidade.

De acordo ainda com as conveniências, Portugal era igualmente um grande império ou um País pluricontinental, do Minho a Timor, com vocação europeia ou africana, cujos habitantes teriam numa das mãos a enxada e na outra o arado.

Depois da revolução de Abril os «slogans» mudaram: não permitiremos que Portugal seja uma nova Checoslováquia; Portugal não será o Chile da Europa; caminhamos rumo ao socialismo; o povo é quem mais ordena; temos que respeitar as maiorias; não há revolução sem vanguardas revolucionárias; não queremos socialismo nenhum; socialismo sim, mas devagar; e a social-democracia? E a CIA?

O poder popular ainda está fraquinho, o Spínola continua no Brasil, o medo continua a guardar a vinha, o possível ou impossível Pinochet ainda está por nascer, a esperança renasce no peito dos homens (e das mulheres), as certezas dão lugar às dúvidas e as dúvidas dão lugar às certezas.

Como nas receitas de cozinha recomendamos sal a gosto antes de meter no forno, com temperatura conveniente. O bolo crescerá. Com amor, com trabalho, com coragem. Ou morte.

MANUEL DE AZEVEDO

Costa Gomes recebe metalúrgicos

«Com a serenidade revolucionária que caracteriza a classe operária, mas também com a determinação que sempre a distinguiu» segundo afirmam — os dirigentes da Federação dos Sindicatos Metalúrgicos vão esta tarde a Belém dialogar com o Presidente da República e apresentar-lhe um certo número de problemas que consideram necessário resolver.

«Os metalúrgicos vão dizer que não aceitam o congelamento de salários e da contratação colectiva, o qual consideram uma imposição e chantagem dos patrões a que o Governo cedeu sem ouvir os trabalhadores e contra os mais elemenpares direitos e interesses destes» — registámos também.

O controlo operário de verdade e a «unicidade sindical que os patrões estão a tentar destruir» serão defendidos. «Os metalúrgicos que vão hoje ao Presidente da República pensam que as questões que vão pôr dizem respeito a toda a classe operária, aos camponeses e a todos os trabalhadores. Se hoje vão só os metalúrgicos, amanhã iremos certamente todos, seja ao Presidente da República, seja nas fábricas, nos campos ou nas ruas, para não permiir que a revolução volte atrás e as nossas conquistas nos sejam retiradas. A classe operária quer e vai andar para a frente».

Sabe-se, contudo, que um dos pontos mais importantes diz respeito aos militares metalúrgicos em regime de licença registada e que estão a ser grandemente afectadospor essa situação. Estes trabalhadores foram postos fora dos quartéis mas não ficam na disponibilidade, encontrando, por tal motivo, muita oposição por parte das entidades patronais em aceitá-los no trabalho. A inesperada passagem a este regime, ou mesmo à disponibilidade, de muitos jovens veio colidir com a evolução normal do mercado do trabalho no sector e aumentar a crise já existente. Os metalúrgicos vão, portanto, propor ao Presidente da República o estudo de formdas que permitam ultrapassar os problemas surgidos.

RESTAURANTE
GALERIA-REAL
SINTRA (S. PEDRO) — Telef. 2931661
«REVEILLON»
Mantendo a tradição, a Noite de S. Silvestre, terá o ambiente de distinção e alegria habitual. (Disponíveis algumas mesas)
DIA DE ANO NOVO
ALMOÇOS E JANTARES ESPECIAIS

PARA A REVISÃO DO PACTO

Partidos respondem até amanhã

Cinco dos seis partidos signatários que foram do Pacto M.F.A.-Partidos deverão entregar até ao fim do dia de amanhã as suas propostas para a revisão da plataforma subscrita em princípios de Abril: o P. S., o P. P. D., o P. C. P., o C. D. S. e o M. D. P. / C. D. E. Delegações destas organizações políticas têm-se reunido nas últimas semanas com alguma irregularidade com os cinco membros do Conselho da Revolução designados para as negociações: Melo Antunes, Martins Guerreiro, Marques Júnior, Ramalho Eanes e Vasco Lourenço. Dos seis elementos que em Abril deste ano assinaram o Pacto, só a F. S. P. não foi convocada para participar nas negociações em curso. Pensa-se que o facto ficará a dever-se à pouca expressão eleitoral que esta organização obteve no sufrágio para a Constituinte. O Pacto foi consagrado numa altura em que o M. F. A. pretendia tornar-se o «motor» da Revolução Portuguesa e queria prevenir a possibilidade de não só de as forças políticas partidárias ganharem uma preponderância que as levasse a sobrepor-se aos interesses da colectividade, mas também (e sobretudo) de a preponderância maior vir a cair nas mãos de forças políticas de direita. A revisão do Pacto vem ao encontro de interesses primeiro silenciados e depois declarados abertamente, de forças políticas como o P. S. e o P. P. D., por exemplo. Ele vai concretizar-se, tudo indica, numa altura em que as forças militares de esquerda se encontram bastante «kdesfalcadas». Ela vai concretizar-se principalmente numa altura em que se levantam sérias dúvidas quanto ao futuro da Revolução Portuguesa.

Conhecem-se já alguns pormenores relativos às propostas que o P. S. e o P. P. D. vão apresentar. Eklas preconizam de acordo com declarações tornadas públicas pelos seus dirigentes, alterações tanto de fundo como de forma. Nas suas linhas gerais, podem caracterizar-se pela redução progressiva do âmbito de intervenção dos militares na vida política, o que não corresponde forçosamente ao «regresso aos quartéis» por parte daqueles que até há bem pouco tempo detinham os principais poderes de decisão e com isso proprocionaram, não raro, ao processo político português, avanços mais do que sensíveis.

Nkão se sabe praticamente nada da proposta que o P. C. P. vai entregar ao Conselho da Revolução. Esta manhã em contacto com o Centro de Trabalho daquela organização na Rua António Serpa, «DL» obteve uma ifnromação de carácter muito geral: o assunto está a ser objectio de um trabalho de análise. Pensa-se que somente depois de recomeçarem as negociações se virá a saber em pormenor a posição do P. C. P. perante as principais questões que se levantam. E em muito idêntica a posição do M. D. P. de onde um dirigente, Vítor Dias, disse ao «Diário de Notícias» que o partido se reserva comentários para depois da entrega das propostas.

O C. D. S. teria tido uma reunião no Porto este fim-de-semana. A reunião acabou por não se realizar. Não nos foi possível obter em Lisboa qualquer outra informação. É de admitir no entanto que a reunião que estava para se realizar ontem no Porto venha a realizar-se hoje em Lisboa.

As negociações para a revisão do Pacto só deverão recomeçar na próxima semana.

Cai o pano em Timor

Continuação da pág. 1

o seu país tivesse enviado tropas para o Timor-Leste e anunciou a intenção de visitar Dili nas primeiras semanas de Janeiro, a convite do actual Governo provisório. Referindo-se a actual situação no território, Malik disse ainda que a organização de um referendo ou de qual outra espécie de acto de auto-determinação, poderá demorar ainda cerca de um ano. O ministro indonésio dos Negócios Estrangeiros reiterou todo o apio militar ou de outra espécie do seu país ao actual Governo provisório.

FRETILIN EM PEQUIM

Chegou hoje a Pequim uma delegação da Fretilin, chefiada pelo ministro da Defesa, Rogério Tiago de Fátima Lobato, anunciou a agência «Nova China» numa emissão captada em Tóquio.

Segundo informações dos círculos diplomáticos de Tóquio, a Fretilin está a enviar delegações à China e à União Soviética para pedir o seu apoio na luta de Timor-Leste contra a invasão do território pela Indonésia.

EVACUAÇÃO DE CIVIS

DARWIN, 28 — (R.) — Australianos partidários do Governo provisório da Fretilin no Timor-Leste afirmaram terplaneado uma evacuação daquele território, semelhante à de Dunquerque.

O presidente da filial em Melburn da Associação Austrália-Timor-Oriental, Bill Roberts, declarou à «Reuter» que a evacuação fora planeada em resposta a apelos de dirigentes da Fretilin, agora escondidos das tropas indonésias na região montanhosa da colónia portuguesa.

O apelo de socorro, captado em Darwin, foi feito por Alarico Fernandes, ministro do Interior do Governo auto-proclamado pela Fretilin.

Asseverando contar com o apoio de alguns sindicatos marítimos, Roberts disse que havia barcos em águas do norte da Austrália que poderiam ser utilizados na operação.

DL

Continuação da pág. 1

forjada. Na cultura e na política os vultos menores preenchiam o écran e contribuíam, com voz regrada e «independente», para ornamentar o retrato oficial da *intelligentsia*. Passavam, eles próprios, ao reconhecimento (fácil) do grande público, entravam no mundo iluminado das vedetas que encorpora o religioso e o profano, a erudição e a subcultura, o meritório e abjecto, mas que tudo compromete por igual num mesmo enquadramento. Com essa confusão de valores pretendia-se, uma vez mais e sempre, preservar uma certa ordem social, baseada num rebaixamento do gosto e num isolamento, face à comunidade, de uma cultura que, por ser autêntica, se opunha e resistia.

E eis que subitamente essa memória, esse travo de angústia, recomeça a despontar nos novos espaços da TV. Vozes velhas e de má lembrança, vultos esfumados, aproximam-se e ganham contorno — reocupam o primeiro plano. Com a mesma convicção solene com que dantes lia comunicados repressivos do fascismo, o locutor de presença glabra senta-se diante do País que, impotente, o suportou. Lá está, de novo: empossado em seu silabar precioso, frio e composto naquele tom de inspirar distância e disciplina que rapidamente nos traz associações com um passado tenebroso. Lá voltam os «slides» do S. N. I., lá volta tal música popular, dita folclórica, a marcar espaços mortos como dantes; e o artesanato industrial; e certas expressões de antigamente.

De modo que à espontaneidade, ao encontro com o anonimato e com o herói comum que tinha dominado a televisão do 25 de Abril, esta, a do 25 de Novembro, apontou para trás, para longe, e elegeu a personagem credenciada e o herói de estúdio. Acontece, porém, que se a criação de uma «clientela das câmaras» aproxima o espectador e transmite ao grande público uma sensação de estabilidade aparente, ela acaba por reflectir um irremediável empobrecimento de impacto social. Vem nos livros — em McLuhan e em Friedrich Hacker, por exemplo.

Dir-se-á que os erros da televisão deste último mês são uma resposta urgente e por excesso aos erros que imediatamente a antecederam. Mas o que importa é definir o sentido desses excessos e para que área ideológica apontam. Sobretudo evitar um *brain washing* de sinal contrário que ao poluir os écrans faça reaparecer neles associações tenebrosas e movimentos de repulsa ao nível da ideologia e do inconsciente.

Numa hora, como esta, de risco e desconfiança a presença de Mário Dionísio na orientação da RTP vale com índice promissor. Este escritor de austera atitude antifascista, este pedagogo, teorizador, artista a um tempo experimental e mediato — este homem, Mário Dionísio, tem com ele a segurança e os ângulos variados que permitem abarcar a panorâmica do País, tão inquietantemente apresentada na versão da TV.

Só daqui a algum tempo teremos resultados da sua intervenção e do apoio e do estímulo que lhe for prestado na sua tarefa. Só então poderemos concluir se a televisão de agora constitui realmente a imagem de marca da etapa que estamos vivendo ou se é apenas uma dramática confusão de sinais e coincidências.